

# PARO



*MIGUEL FERSOU*

Periodicidade  
Bimestral  
Depósito legal  
272758/08  
Registo ERC  
125392  
Edição  
Conforto Moderno Uni, Lda.  
NIF  
508 399 289  
Propriedade  
Conforto Moderno Uni, Lda.  
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq.  
1000-251 Lisboa, Portugal  
Telefone  
00351 218 473 379

Impressão  
Suspensa. Disponível edição on-line.  
Distribuição  
Conforto Moderno Uni, Lda.

Director  
Francisco Vaz Fernandes  
francisco@parqmag.com  
Editor  
Conforto Moderno  
Editor de Moda  
Tiago Ferreira  
tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira  
Design  
Valdemar Lamego  
www.valdemarlamego.com

Textos  
Adriana Veríssimo Silva  
Afonso Teixeira  
António M. Barradas  
Beatriz Nascimento  
Carla Carbone  
Francisco Vaz Fernandes  
Lara Mather  
Manuela Marques  
Maria São Miguel  
Patrícia César Vicente  
Rafael Vieira  
Rita Ramos  
Roger Winstanley  
Sara Madeira  
Sofia Seixo Garrucho  
Titus  
Yolanda Jandira Kiluanji

Fotos  
Apricot Berlin  
Francisco Spratley  
João Barreiros  
João Luís  
Marcos Puga  
Sara Saraiva  
Sébastien Navosad  
Tatiana Saavedra

Ilustração  
Nicolae Negura

Styling  
Beatriz Cardoso  
Daniela Gil  
Leen Van Den Boagert  
Tiago Ferreira  
Yolanda Jandira Kiluanji

Arte  
Mariana Duarte Santos

www.parqmag.com

facebook /parqmag  
instagram /parqmag  
youtube /parqmag

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da PARQ. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2021 PARQ.



fotografia João Luís @joaopnluis  
styling Tiago Ferreira

blusão, calças, hoodie e chapéu Levi's® x The Simpsons  
sapatilhas Levi's® LS1 Low

# Step Further, Moab On

\*Vai em Frente,  
Usa Moab



## MERRELL

merrell.pt

O ar livre chama.  
Aqui sê livre.  
Vê quem nós somos.  
A alcançar mais a cada passo.  
Aqui não nos limitamos a caminhar.  
Usamos Moab.

# MIGUEL FERROU

LEVI'S® x THE SIMPSONS

FOTOGRAFIA POR JOÃO LUÍS  
EDITOR DE MODA TIAGO FERREIRA

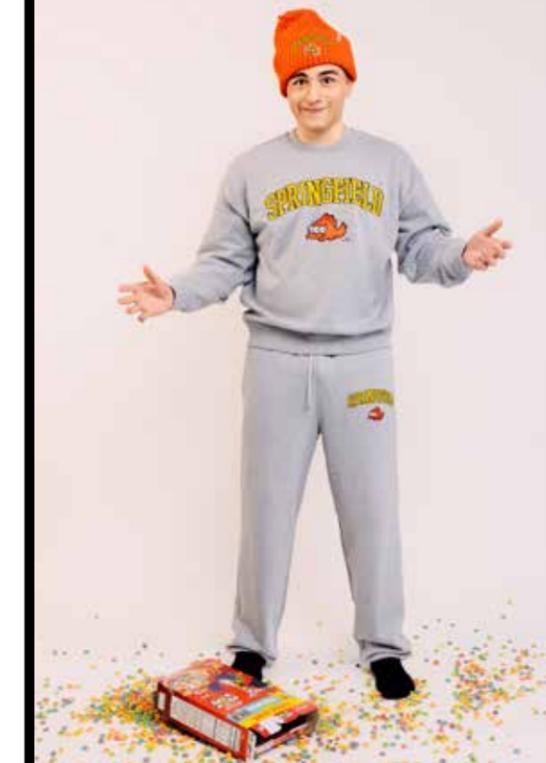


FATO DE TREINO E GORRO LEVI'S® x THE SIMPSONS

MIGUEL FERROU TEM 19 ANOS E É UM DOS REIS DO TIKTOK EM PORTUGAL, PELO MENOS É DOS QUE CRESCERAM MAIS EM POUCO TEMPO. INSTALOU O APLICATIVO DURANTE A PANDEMIA E EM DOIS ANOS CONSEGUIU DOIS MILHÕES DE SEGUIDORES SENDO APENAS ELE PRÓPRIO, COMO EXPLICA EM ENTREVISTA À PARQ.



O TIKTOK É COMO UMA MÃE QUE SABE O QUE O FILHO GOSTA DE COMER.



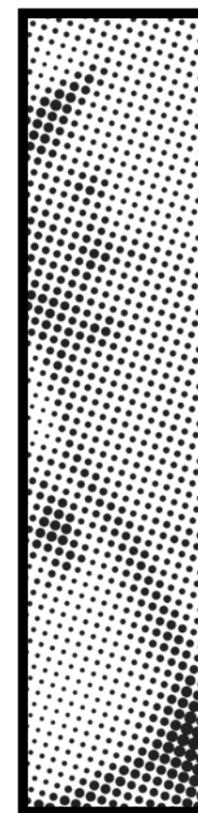
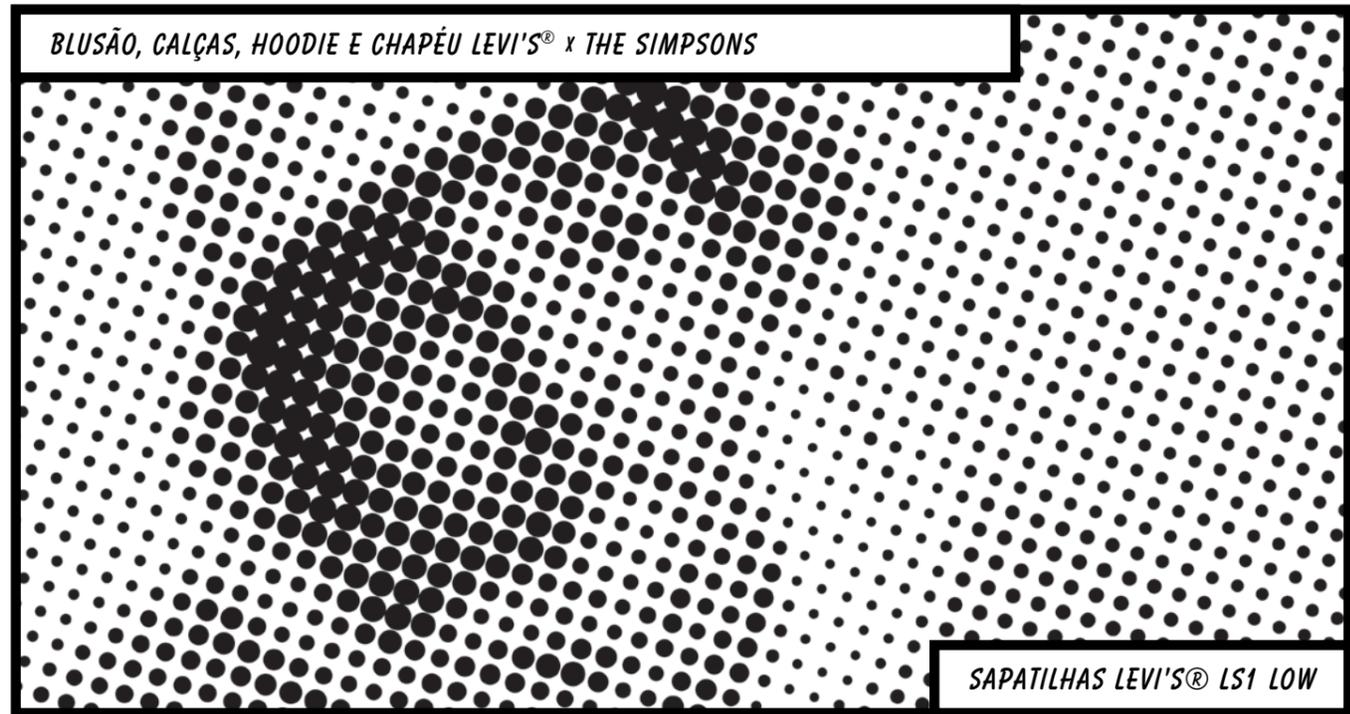
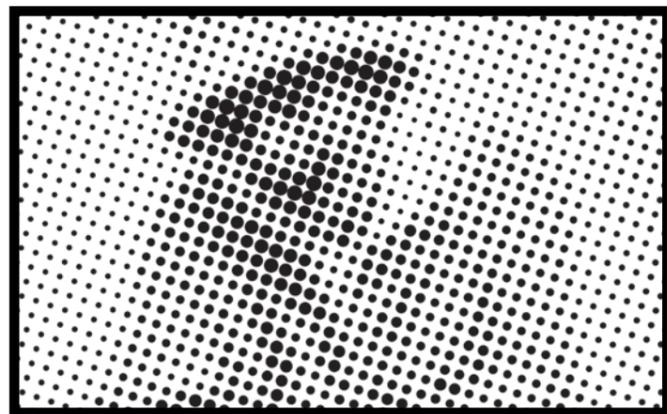
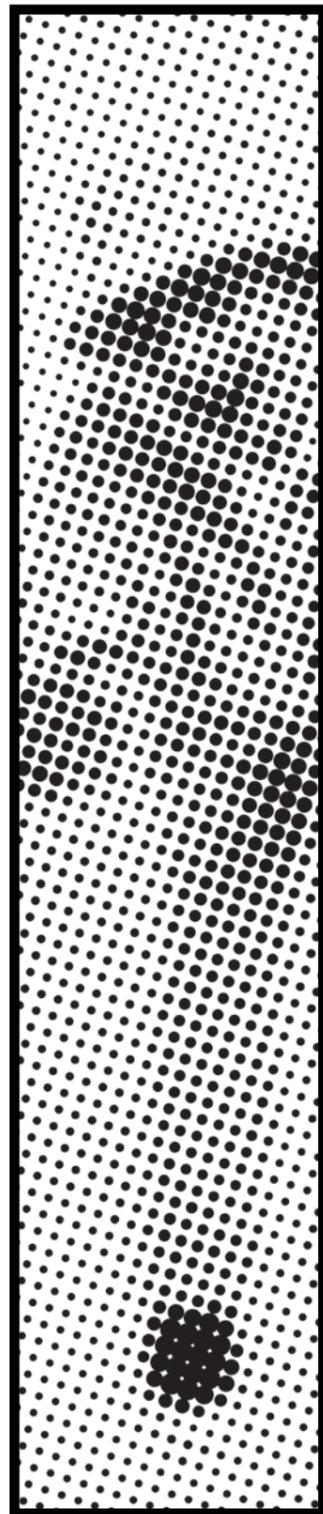


*NO INÍCIO EU ACHAVA QUE O TIKTOK  
ERA SÓ COMÉDIA OU DANÇA.*

*GOSTARIA DE ENTRAR EM ARTES  
CÊNICAS. QUERIA TORNAR-ME ATOR.*

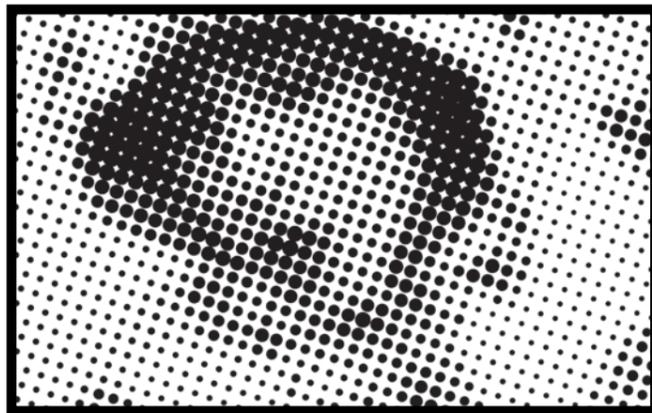


*SWEATSHIRT E CHAPÉU LEVI'S® x THE SIMPSONS. ÓCULOS DE SOL LEVI'S®*

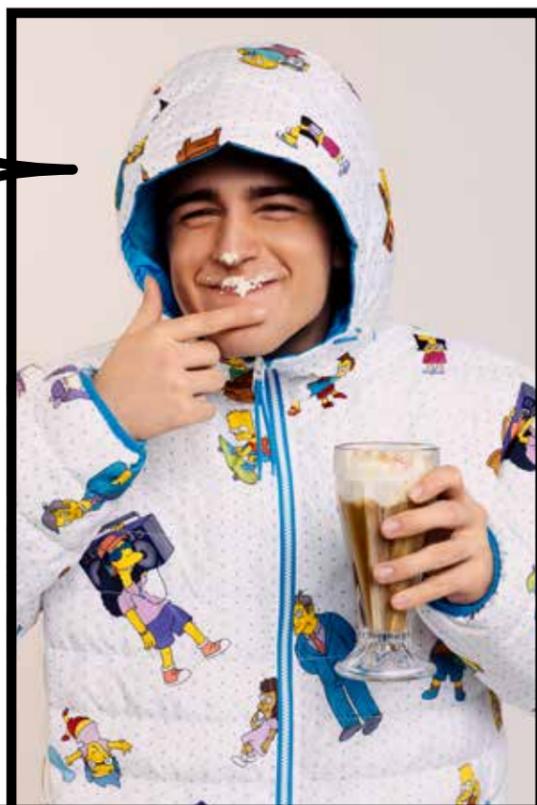




QUANDO VOLTEI DE NOVO À ESCOLA JÁ ESTAVA COM 700 MIL SEGUIDORES E OS AMIGOS JÁ ESTAVAM A ACREDITAR NAQUILO QUE EU CONSEGUIRIA FAZER.



O MEU MOMENTO "UAU" FOI QUANDO CHEGUEI AOS 10 MIL SEGUIDORES, EM DUAS SEMANAS



PUFFER LEVI'S® x THE SIMPSONS

Como surgiu o teu interesse pelo TikTok?

*MF:* Nunca fui uma pessoa de redes sociais. Era uma pessoa bem animada, mas nunca postava o que eu fazia apesar de ter uma conta privada no Instagram. Tinha uns colegas que achavam que eu tinha estilo de "tik-toker" e que devia instalar a rede. Respondia sempre que não tinha tempo para isso.

Tinhas que idade quando começaste?

*MF:* Isto começou em fevereiro de 2020, num dia em que eu não tinha nada que fazer e acabei por instalar o TikTok e de imediato comecei a fazer mini peças, vídeos em inglês e com um conteúdo de comédia.

Esta questão de as pessoas acharem que tinhas ar tiktoker, na tua opinião, o que fazia concluir isso?

*MF:* Eu acho que tinha a ver com o meu cabelo que estava trending no momento e também porque sou uma pessoa amigável. Consigo falar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto e os meus amigos achavam que tinha a cena de não ter vergonha e de não ter medo de me expor numa rede social.

E o que é necessário para ser um bom tiktoker?

*MF:* Depois de toda a minha experiência, o mais importante é ser você mesmo. Tranquilo, porque o mundo está cheio de pessoas e vai sempre haver gente que quer acompanhar o seu trabalho. É só deixar criar o seu conteúdo orgânico, o seu estilo de conteúdo e postar apenas aquilo que realmente você gosta.

No teu caso, o que mudou entre o que fizeste no início e o que fazes agora?

*MF:* No início eu achava que o TikTok era só comédia ou dança. Eu tentei empenhar-me nessas áreas, só que percebi que dança não era a minha cena. Apesar de ter views e likes, não era um conteúdo que me fazia sentir confortável. Achava até divertido, mas não queria ser conhecido pelo MIGUEL, aquele que dança no TikTok. Eu observo que hoje o TikTok é uma plataforma muito maior, o tipo de conteúdos gerados é muito mais diversificado. Ainda faço algum conteúdo de comédia, mas hoje em dia, mostro mais o meu lifestyle, a minha moda, o que realmente acontece na minha vida diariamente. Isso mudou bastante.

Para um iniciante quais seriam os conselhos a dar?

*MF:* Primeiramente é importante passar algum tempo no aplicativo. É um aplicativo completamente diferente das outras redes sociais. Não é um Youtube, não é um Instagram, não é Snapchat, não é um Twitter, é um aplicativo diferenciado de todos, e quanto mais tempo passares a observar, mais depressa apreendes aquilo que gostas e não gostas dentro dessa rede social. É a forma mais fácil de perceber que tipo de conteúdo gostaria de postar. É bom encontrar o seu tipo de conteúdos. Tira um bloco de anotações e escreve; O que eu gosto de fazer? Meus hobbies, por exemplo, gosto de correr, gosto de nadar e gosto de cantar. Depois procura assuntos sobre os quais possas escrever ou falar durante horas e colocas na lista também. Então a sua base de conteúdo é essa. Aquilo que você consegue falar. Aí você está divertido, está mostrando o que interessa, inspirando as pessoas a gostar das mesmas cenas que você gosta e você vai começando a criar o seu público dali.

Mas há um perfil de conta que possa funcionar melhor?

*MF:* Não existe um padrão para um tiktoker. Qualquer pessoa pode entrar na rede e consegue gerar o seu público. É uma questão de ser você mesmo, ser gentil, apesar dos comentários negativos que possam surgir.

Mas não há um tipo de conteúdo que tenha mais impacto?

*MF:* Quando entrei no TikTok em 2020, ainda havia um perfil que se repetia, tanto assim que havia certos vídeos que eram vistos como descabidos. Dizia-se com sarcasmo, mais um tipo a querer ser youtuber no TikTok. Hoje, muito deste conteúdo não parece tão descabido. O TikTok ganhou uma dimensão que você pode postar qualquer cena da maneira que bem entender. Pode postar um vídeo de você amando o seu cachorro ou simplesmente mostrando o seu carro ou ainda como faz a sua maquiagem ou cuida do cabelo. Você pode fazer tudo dentro do TikTok.

Qual foi o momento em que sentiste que o TikTok estava a tornar-se algo gigantesco na tua vida?

*MF:* Eu acho que sou uma das pessoas que cresceu mais rapidamente no TikTok. Estou com dois milhões de seguidores em dois anos. O meu momento "uaw", foi o momento em que eu senti que tinha que contar aos meus pais que estava a fazer isso, foi quando cheguei aos 10 mil seguidores que eu ativei em duas semanas.

Como foi a tua reação a esse número crescente de pessoas que procuravam seguir-te?

*MF:* Confesso que gostei muito, até fiquei viciado em conseguir mais e mais views. Agora estou mais tranquilo, mas continuo a achar incrível, que o que eu estou a fazer seja visto cada vez por mais pessoas.

E em relação ao impacto que isso tem na relação com os teus amigos?

*MF:* Como eu comecei na quarentena, não houve muito espaço para o pessoal gozar comigo. Eu estava em casa a fazer os meus vídeos, sem ter muito contacto com o exterior. Quando voltei para a escola já tinha 300 mil seguidores. Depois voltamos a entrar em quarentena e quando voltei de novo à escola já estava com 700 mil seguidores e os amigos já estavam a acreditar naquilo que eu conseguiria fazer e teve um efeito positivo. Foram todos muito simpáticos.

Sendo o TikTok uma coisa tão marcante na tua vida, como vês agora o teu futuro?

*MF:* Antes do TikTok eu gostaria de fazer Relações Internacionais, mas agora com o TikTok e com esta relação com algo mais artístico que experimento, gostaria de entrar em artes cénicas, queria tornar-me ator e usar as minhas plataformas como o meu background. Ou seja, posso mostrar o backstage, como por exemplo, desta sessão fotográfica, posso postar vídeos de como foi realmente todo o processo.

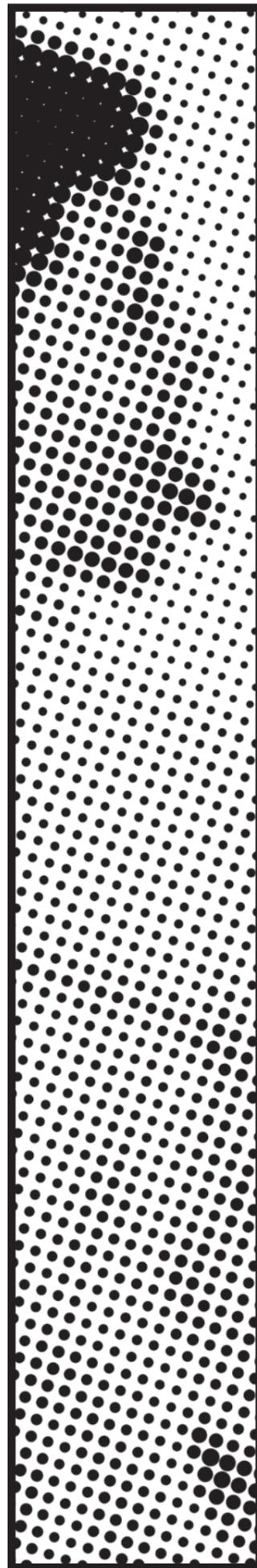
Porque achas que o TikTok tem tido uma evolução tão grande?

O que é diferente em relação a outras redes sociais?

*MF:* Porque o TikTok mostra mesmo aquilo que você quer ver, mesmo sem se perceber. O TikTok é como uma mãe que sabe o que o filho gosta de comer. Uma mãe não vai perguntar: – Filho, o que você quer comer? – Ela coloca o prato em frente e você come. O TikTok é assim. Ele não te dá escolha, ele apresenta o que você gosta e é isso que se torna tão viciante.

Mas isso até pode ser bastante estranho, não?

*MF:* Não. Há sempre escolhas. Você pode escolher e procurar conteúdos que e isso reflete-se na página principal.



## LEVI'S® x THE SIMPSONS

Os *The Simpsons*, a série de TV mais vista e adorada em todo o mundo é o tema da nova coleção-cápsula da Levi's®. Esta primavera, a Levi's® juntou-se aos *The Simpsons* para criar uma coleção especial com uma inspiração streetwear que tem tudo para ser o maior throwback da estação. Com o Bart, a Lisa, o Milhouse e uma série de personagens lendárias de Springfield, a nova coleção Levi's® x *The Simpsons* transporta-nos para outra era, sem deixar de ser fresca, atual e repleta de peças cheias de estilo.

Destacam-se entre elas, um Loose-Fit Trucker Jacket em ganga clara com o Bart a beber um Squishee, nas costas. Uns jeans para homem e para mulher em bombazine amarela com risca larga. Um Loose-fit Trucker Jacket no mesmo material, que tem um forro incrível, onde irás encontrar: a Lisa, o Ralph Wiggum, o Mr. Krabappel, o Otto the Bus Driver e outras personagens. Sem esquecer o amplo sortido de t-Shirts com um ar super “académico” —em homenagem à Springfield Elementary— entre as quais se destacam: a Levi's® Ringer Tee e a Levi's® Riff on a Letterman Sweatshirt.

Ao estilo “all-over print”, estão também disponíveis na coleção um Puffer Jacket com Capuz e um Bucket Hat em sarja de algodão. Que combinam na perfeição com as restantes t-shirts, hoodies e crew sweatshirts com prints e grafismos retirados de episódios icónicos da série. Ou com o Embroidered Beanie e a Sling Bag com o padrão de nuvens da coleção de acessórios.

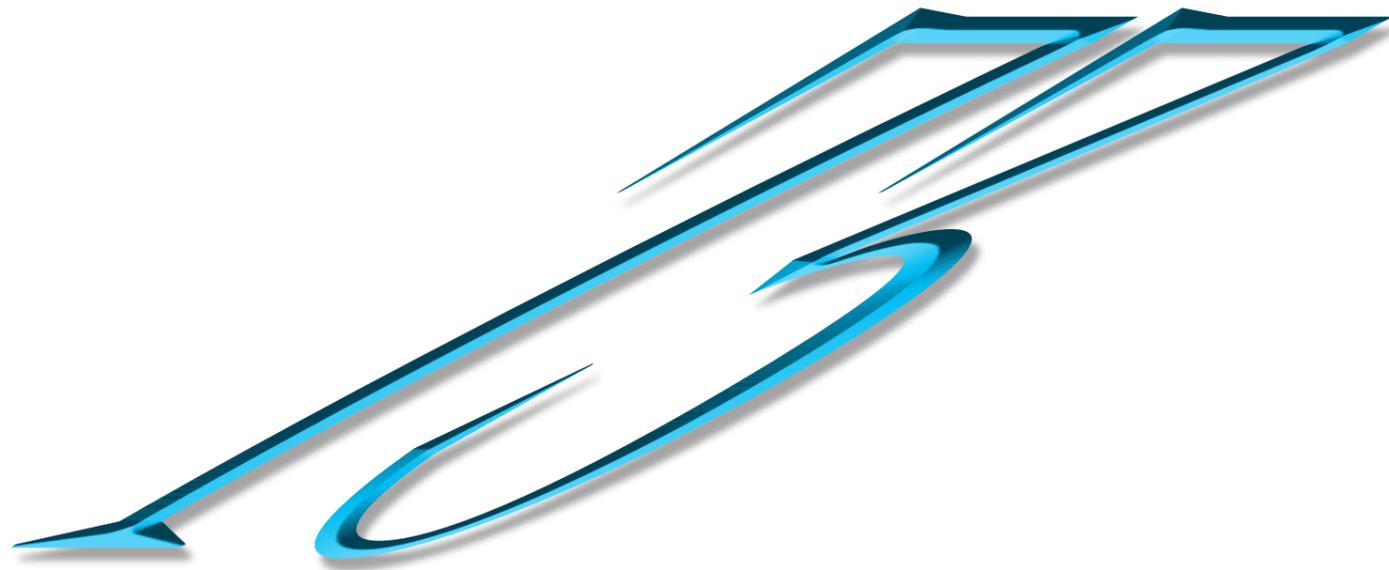
A coleção está disponível em lojas Levi's® selecionadas e em [www.levi.pt](http://www.levi.pt)



EU ACHO QUE SOU UMA DAS PESSOAS QUE  
CRESCEU MAIS RAPIDAMENTE NO TIKTOK

direção de modelos Flor Guerreiro  
grommer Verónica Zoio  
produção Jheni Ribeiro

ass. fotografia Jorge Vale e Valéria  
ass. moda Gonçalo Borges e Letícia Lourenço  
Agradecimento especial ETIC



## YOU MUST

- 04 Miguel Fersou dressed by Levi's® x The Simpsons
- 16 Crónica de António Barradas
- 18 Call Me by Your Name
- 19 The Lost Daughter
- 20 Pam&Tommy
- 22 Robert Montgomery
- 30 Queer Art Lab
- 32 Mariana Duarte Santos
- 40 Tinto Torto
- 46 Letreiro Galeria
- 50 Terra Volatile
- 52 Bruno Alves
- 54 EuBrite
- 60 New Cycle
- 68 Moda Portugal
- 78 Musée d'Art Moderne de Paris
- 86 Iphone Se
- 87 Pão de Forma
- 88 Beleza

## SOUNDSTATION

- 92 Danykas Dj

## CENTRAL PARQ

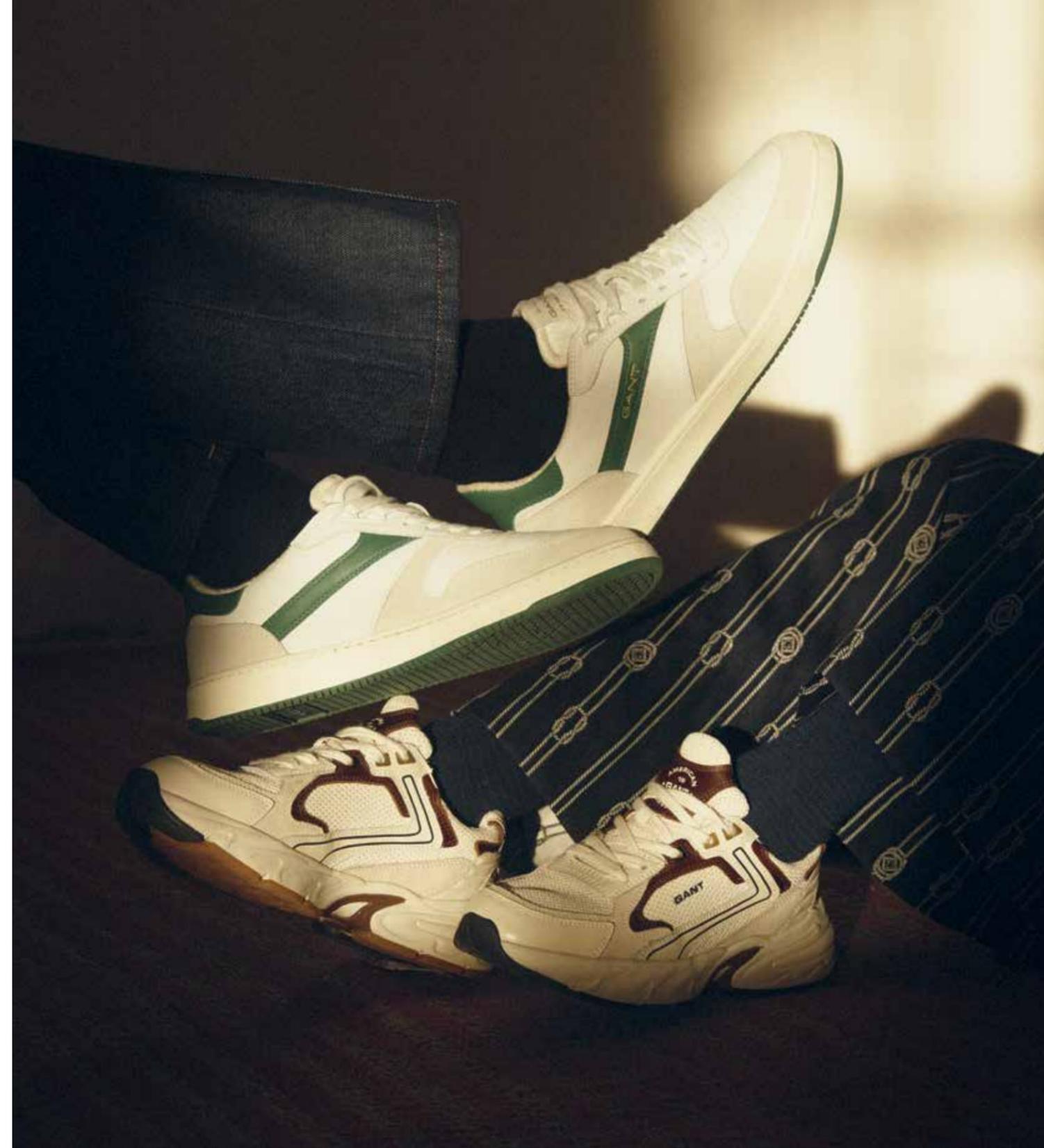
- 102 Simbiose
- 104 Miguel Palma & Luís Palma
- 110 Hero
- 114 Justin Amorim

## FASHION EDITORIAL

- 124 PARQ Spring 2022
- 144 A Ray of Sunshine
- 156 PARQ Vintage

## PARQ HERE

- 172 Dash & Stars
- 174 Loja das Meias
- 176 Contra
- 178 Mama Shelter
- 180 Crónica Patrícia César Vicente



# GANT

## FOOTWEAR

O bilhete dourado para viajar sem sair do sítio

## SE A MINHA VIDA DESSE UM FILME SERIA O GROUNDHOG DAY

crónica por António Barradas

Dizemos, vezes sem conta, “a minha vida dava um filme”. É a forma corriqueira de nos vestirmos de estrelas de cinema ou o jeito mais brando de nos fazermos de vítimas. Os filmes são de todos os géneros. Alguns são curtas nórdicas; outros longas-metragens francesas e ainda há uns que resvalam para o cinema mudo ou, naqueles dias mais cinzentos, um drama onde alguém falece de doença prolongada e aparece uma música de elevador de fundo, para tornar tudo mais intenso, tal e qual as viagens do rés-do-chão ao 12º. Há para todos os gostos, até para quem adora a saga *Twilight*, ou como se costuma dizer: os que odeiam cinema.

Não somos realizadores, porque não interessa a ninguém construir. Destruímos sempre que temos a oportunidade. Efeito dominó de acções erradas é a sinopse que surge num balãozinho por cima da nossa cabeça antes da icónica frase nos sair da boca (não é “há muito tempo, numa galáxia muito, muito distante”, nerds). Na maior parte das vezes somos o vilão maior, mas a história é nossa. Moldamo-la por não querermos guiões com troca de argumentos sui generis. Ainda nos resta a (in)decência, ora.

Há takes nos quais só queremos improvisar. Uma morte com desmaio, uma notícia de gravidez, o momento cortante de estar nas compras e não ter dinheiro para pagar ou aquele milésimo de segundo a mais que não evitou que tivéssemos o carro bloqueado. Somos bobine a despejar emoções de uma vida dividida em cenas sórdidas cheias de entretenimento para o público geral.

Quando começo a rebobinar a massa encefálica, dou sempre por mim a pensar no poster movie no qual a minha vida poderia estar bem escarrapachada. A conclusão chega rápido. Nenhum com o CHANNING TATUM, claro. Após a veloz certeza, vem um palpite directo no bullseye. Existe um filme onde consigo rever vários dias da minha vida, de seu nome: *Groundhog Day* (1993) – ou em português – *O Feitiço do Tempo*. Um jornalista preso no mesmo dia até encontrar o amor da sua vida. Todas as manhãs acorda com a mesma música, vê os mesmos acontecimentos e os percalços magoam-no da mesma forma. Não conto o final, porque odeio spoilers. A história

conta-se rápido, mas o seu significado expande-se mais além.

O primeiro instinto seria culpabilizar os outros actores deste rocambolesco blockbuster do meu quotidiano. Afinal, dou por mim muitas vezes a ouvir as mesmas pessoas contar as mesmas histórias, a comerem de boca aberta ou – pasme-se – a fazerem as mesmas perguntas repetidamente. Os meus acessos de raiva interior poderiam fazer querer parecer tudo isto o prólogo do *7 Anos no Tibete*, mas desenganem-se. O filme é mesmo o mencionado acima, só não sou o BILL MURRAY. Até a música do despertador é igual.

São dias a fio sem entender se o mundo está do avesso (esta é fácil e já o sei há anos: está), se quem convive comigo tem a capacidade de reter informação igual à de uma fava ou se de facto estou no dia da marmota e não consigo escapar. Em dias nos quais não vou encontrar o pote de ouro no fim do arco-íris, fujo deste filme, mas não há nada que possa fazer. Até os figurantes vão entrar em cena para demonstrarem ter a fala decorada: “acho que nunca te contei esta história, cá vai...” .

Tenho medo deste loop constante, mas fascina-me ainda mais a representação alheia. Será que ninguém nota? Serei só eu aqui preso? Vou-me apercebendo, aos poucos, da falta de intenção dos outros actores e actrizes e, assim sendo, só tenho de me adaptar à história. Ou se calhar estou no *Truman Show*. Esperemos que não.

Tendo a cassete quase queimado a fita toda, devo confessar que não me posso queixar. Gosto de queimar o vídeo. De o rever, passar os olhos, dar-lhe as mãos, pô-lo aos ombros e mandar beijinhos para a TV nas partes mais emocionantes –antes isso que palmas quando o avião aterra, ok? São essas rotinas, trejeitos, idiossincrasias e pormenores que dão vontade de sorrir a meia haste nas alturas menos próprias e pensar: “não trocava este filme por nada. Vou voltar a carregar no play”. É este o meu Feitiço do Tempo e o encanto só acaba quando deixar de saber tirar o melhor destas repetições.



Um nome pelo outro

## CALL ME BY YOUR NAME

texto Rita Ramos

Foi em 2017 que o Festival de Cinema Sundance foi brindado com a simplicidade e beleza do filme realizado pelo italiano LUCA GUADAGNINO, *Call me by your name*. Adaptado do romance homónimo de ANDRÉ ACIMAN, é um filme romanticamente belo sem cair em lugares comuns nem em amores gritantes.

A história tem lugar nos anos 80, numa casa de férias no norte de Itália. A família Perlman (pai, mãe e o filho Elio) pertence a uma elite intelectual que lhes dá o à vontade de viver de forma despreocupada com questões terrenas. Numa espécie de mecenato, Mr. Perlman recebe em sua casa Oliver, um jovem americano sedento de cultura e experiências novas. Na lentidão quente do Verão, entre livros, notas musicais ao piano e passeios de bicicleta, Oliver e Elio Perlman desenvolvem uma relação discreta e poderosa que lhes deixa marcas para o resto da vida. Sempre num tom dourado e soalheiro, o amor inocente e sem preconceitos de ambos remete-nos para os verões infinitos e distantes da nossa adolescência em que tudo era permitido e nada era em vão.

A descoberta de Elio do seu próprio prazer e sexualidade pelas mãos mais experientes de Oliver é suave e atabalhoada. Trocam de quarto, trocam de roupa, trocam de nome e trocam de corpo. É nesta partilha constante que a beleza digna de uma pintura deste filme reside. Tudo é bonito, tudo é refrescante e ao mesmo tempo nada é imposto e nada é artificial. *Call me by your name* deve o seu nome à extraordinária cena de amor onde Elio e Oliver se confundem como uma só alma em dois corpos. Um filme de relações que não deixa de relevar o amor primeiro dos pais de Elio para com o seu filho e que de alguma forma nos faz invejar a naturalidade e a igualdade com que todos se relacionam em família.

Um filme sem julgamentos que nos eleva do chão através de um amor sem escolha. Nomeado para mais de 30 prémios e vencedor de 11, *Call me by your name* não é um filme novo mas é um filme imperdível.



Um drama psicológico em ilha grega

## THE LOST DAUGHTER

texto Lara Mather

O primeiro filme realizado pela atriz MAGGIE GYLLENHAAL intitulado *The Lost Daughter* é baseado no livro com o mesmo título de ELENA FERRANTE. Estreou nos cinemas em Portugal em Fevereiro de 2022.

O filme começa com a personagem principal Leda, interpretada por OLIVIA COLMAN, uma professora inglesa de literatura, de férias na Grécia, que observa à distância uma família alargada, na praia, particularmente a mãe muito jovem chamada Nina, interpretada por DAKOTA JOHNSON, e a relação com a sua filha, Elena.

É quando a filha de Nina desaparece na praia que, Leda, ao encontrá-la, passa a conhecer pessoalmente a família. Percebemos através de flashbacks, em que JESSE BUCKLEY interpreta a versão mais nova de Leda, a complexidade desta personagem e, de como ela como mãe tinha sido com as suas duas filhas, que agora adultas, se arrepende de coisas que lhes fez e que a levaram a ficar sozinha. Nos diálogos que Leda tem com Nina, aquela revê-se e simpatiza com Nina, por esta também se sentir sozinha e sufocada a tomar conta da filha, bem como com a relação extra-conjugal que Nina está a ter e que, Leda outrora tinha tido.

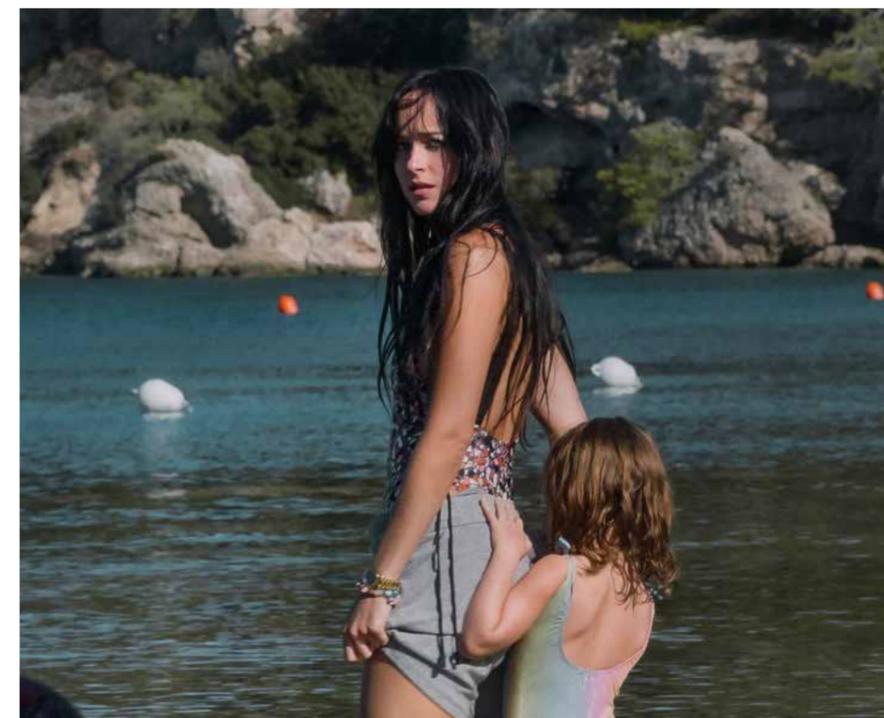
É um filme que explora o que é ser mãe, os sacrifícios que faz pelos seus filhos e a sensação de querer, ao mesmo tempo, ter uma identidade, e viver livremente a sua vida. Não é um filme sobre mães más, é sobre a complexidade do ser humano, liberdade e querer ter controle sobre a própria vida.

MAGGIE faz um excelente trabalho na realização deste filme, com escolha de planos muito fortes em que ficamos focados muito tempo nas personagens. Tendo-se inspirado em filmes de ANTONIONI e GODARD, que por vezes, só com os olhos já nos dizem 1000 palavras, como é o caso da personagem de Nina, exemplarmente representado por DAKOTA JOHNSON. Conseguimos sentir também o movimento da câmara de mão, muito característico deste filme, que lhe dá um toque pessoal, especialmente nos momentos de maior tensão e suspense, como por exemplo, no momento em que Nina procura Elena na praia, tal como nos flashbacks, quando a jovem Leda procura pela sua filha igualmente perdida na praia.

A cinematografia de HÉLÈNE LOUVART, é brilhante, com luz natural e paisagens magníficas vindas da ilha de Spetses, na Grécia. Como a luminosidade da paisagem, este é um filme europeu, leve, com pouco diálogo, mas com muita emoção por detrás. O som torna-se numa grande personagem no filme. O compositor DICKON HINCHLIFFE fez um trabalho belíssimo, com uma música que nos leva numa viagem de pânico, confusão, amor e serenidade ao mesmo tempo. Um som em que ouvimos claramente todos os instrumentos tocados, com forte presença, impossível de não se notar.

O editor do filme AFFONSO GONÇALVES, brasileiro e americano, cola estes momentos de uma forma espetacular. Os cortes e transições do presente para o passado e, do passado para o presente são feitos de uma forma impecável, em que o espectador compreende facilmente em que momento está e que momento fez despertar essa memória em Leda, levando-nos de volta ao presente com leveza.

*The Lost Daughter* merece ser visto e apreciado por todos.



# PAM AND TOMMY

texto Lara Mather

*Pam and Tommy* é a nova mini-série de 8 episódios criada por ROBERT SIEGEL, estreou dia 2 de Fevereiro na Hulu e na Disney Plus. Com episódios lançados às quartas-feiras, retrata a primeira sex tape da história da web, protagonizada por TOMMY LEE e PAMELA ANDERSON, o baterista da banda MOTLEY CRUE e a atriz da série *Baywatch* e capa da PLAYBOY.

A série mostra o período inicial do encontro entre os dois. Decorre entre 1995 e 1996 e conta a história de amor e posterior escândalo sexual do casal. TOMMY LEE e PAMELA ANDERSON casaram no México, 4 dias depois de se conhecerem e durante a lua de mel gravaram uma sex tape que guardaram num cofre na sua mansão na Califórnia. Meses depois o cofre com a sex tape do casal é roubado pelo carpinteiro RAND GAUTHIER como vingança por ter sido despedido e nunca ter sido pago. RAND cria, então, um website grátis e começa a vender cópias da sex tape do casal, sendo que, apesar de ser crime, é desvalorizado como tal. Estamos no início dos anos 90 e a Web era muito recente, usada por poucas pessoas.



TOMMY e PAMELA, vêm-se assim no centro de um escândalo sexual, envolvidos num furacão mediático nunca antes visto até então, sendo que, até hoje, há quem não acredite que a cassete foi roubada, mas que se tratava antes de um golpe publicitário, pois TOMMY não lançava um álbum com a sua banda há quase 10 anos e, PAMELA parecia não conseguir avançar com a sua carreira de atriz "séria".

Apesar da repercussão da cassete, os dois sofrem duras críticas com a divulgação. Na série vemos que PAMELA é claramente um alvo de críticas e abusos muito maior que TOMMY, por ser mulher e por ter sido capa da PLAYBOY várias vezes havia quem acreditasse que não tinha qualquer direito a defender-se. Pamela é altamente objetificada.

A série mostra também o jogo de interesses e lobby de várias entidades da época, as pressões, as ações judiciais e as guerras de poder. Nesta altura BOB GUCCIONE era o dono da revista PENTHOUSE e consegue em tribunal obter os direitos para publicitar a sex tape que, por ser considerada de domínio público é vendida, copiada e disseminada pela Internet.

SEBASTIAN STAN e LILY JAMES interpretam estes ícones, com a ajuda de um trabalho inacreditável de caracterização. Estão irrepreensivelmente idênticos. LILY tem semelhanças na própria voz.

Esta série tem romance, drama, crime, objetificação da mulher e apresenta conteúdo explícito com algumas cenas intensas de nudez frontal masculina e feminina.

É particularmente interessante ver a dinâmica entre o casal que fora de casa são o centro de um escândalo sexual que repercutiu em todo Mundo, influenciando o meio da pornografia e dos media em geral, e dentro de casa assumem papéis fastidiosos com tarefas quotidianas de qualquer casal comum. A série mostra os aspetos mais sensíveis do casal, até inocentes, e quebra ideias pré-concebidas sobre os dois e a sua relação.

É recomendada para audiências mais maduras, 18+, especialmente aos interessados na Cultura Pop dos anos 90.



# ROBERT MONTGOMERY

texto Francisco Vaz Fernandes



ROBERT MONTGOMERY é um dos artistas relevantes a despontar na primeira década do milénio. Ele revisita muito do legado de artístico do século passado, especialmente daqueles que vão beber a filosofia estruturalista francesa que inflamou, em parte, o clima intelectual vivido pelos jovens estudantes de Paris, no final dos anos 60. Eles procuravam pôr em causa as bases do capitalismo, as desigualdades sociais profundas, numa época onde marcas colonialistas e as guerras coloniais ainda eram muito presentes. Para além desses ideais inflamados, esta é uma geração que prova igualmente o fracasso das suas lutas, quando agora se deparam com o facto de que as suas ideias revolucionárias não chegaram a produzir o choque, nem uma mudança na sociedade burguesa que criticavam. A revolução pelo contrário, aburguesara-se, ou seja, fez uma sociedade mais consciente das problemáticas levantadas, mas a sua tolerância a ideias novas o máximo que conseguiu, foi relativizar as questões que levavam ao desejo de revolução. Tornara-se uma sociedade com capacidade de absorver esses ideais sem realmente provocar uma mudança.

É nesse contexto da descrença e impossibilidade de uma mudança da sociedade que podemos situar o trabalho de ROBERT MONTGOMERY que, por várias ocasiões, se circunscreve à herança dos Estruturalistas franceses. Entre eles, o situacionista GUY DEBORD, filósofo francês dos anos 80 que foi um dos seus guias no seu tempo de formação. Basicamente DEBORD que escreve *A Sociedade do Espectáculo*, refere que a revolução só pode existir nas margens do capitalismo, e incita a uma espécie de sociedade de guerrilha que vive nas frinchas deixadas a descoberto pela sociedade capitalista. De certa forma, é isso que acontece no trabalho de MONTGOMERY que, desde 2005 realiza o projecto *Words in the City at Night*, que passa pela ocupação do espaço publicitário da cidade de forma ilegal. Fixa cartazes pretos e austeros com letras brancas nos outdoors de publicidade aproveitando a sua iluminação. Os seus textos são poéticos e colocam questões sobre a consciência coletiva. Destinam-se a ser encontrados pelo cidadão anónimo, que se

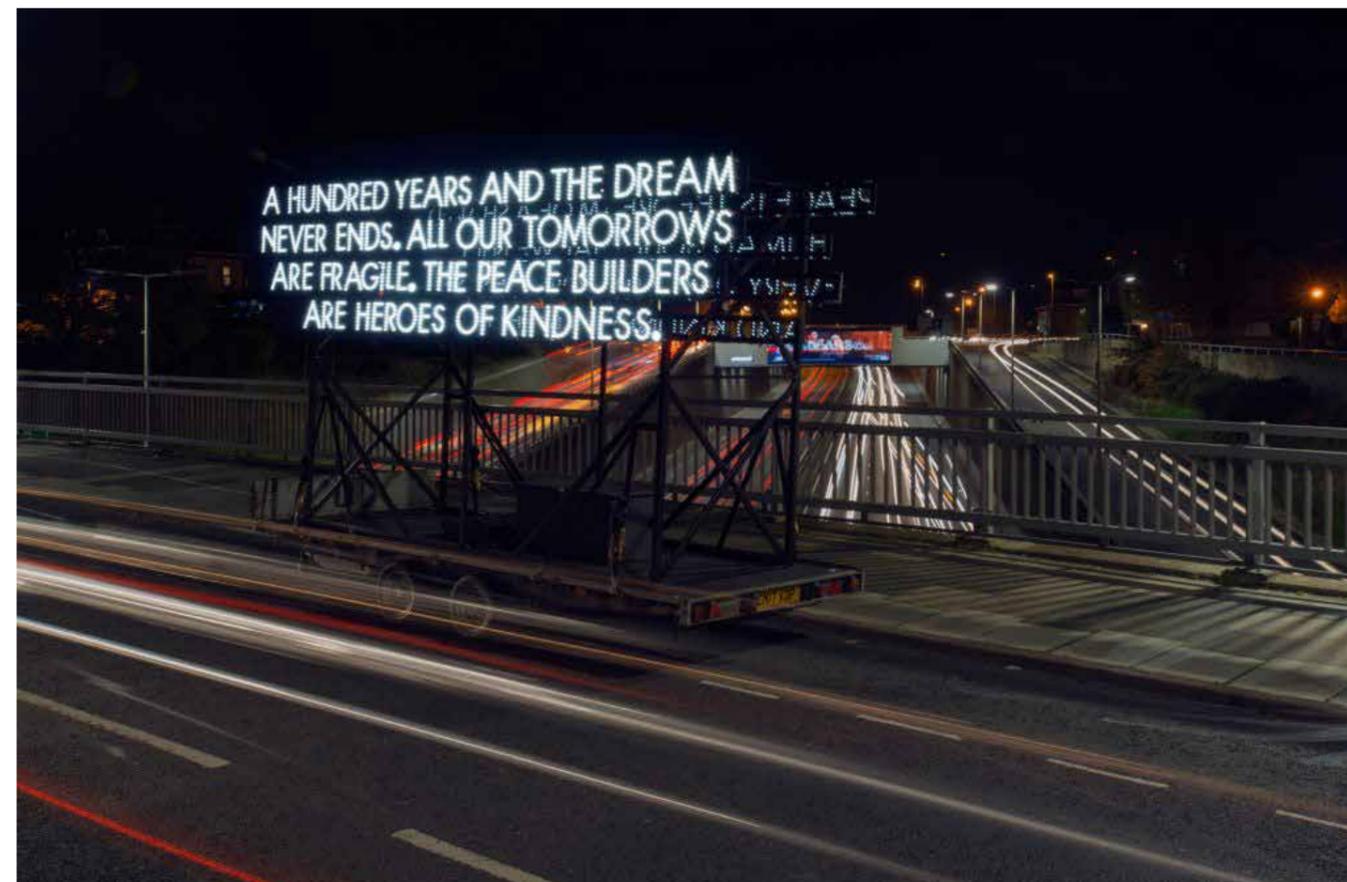
depara com algo que sai do previsível no seu quotidiano sem ainda ter consciência que se trata de um espaço de arte. Essa, aliás, é a questão menos importante, porque o que MONTGOMERY coloca em jogo é o assalto às infraestruturas da sociedade capitalista e a sua consequente distorção dos seus mecanismos de comunicação.

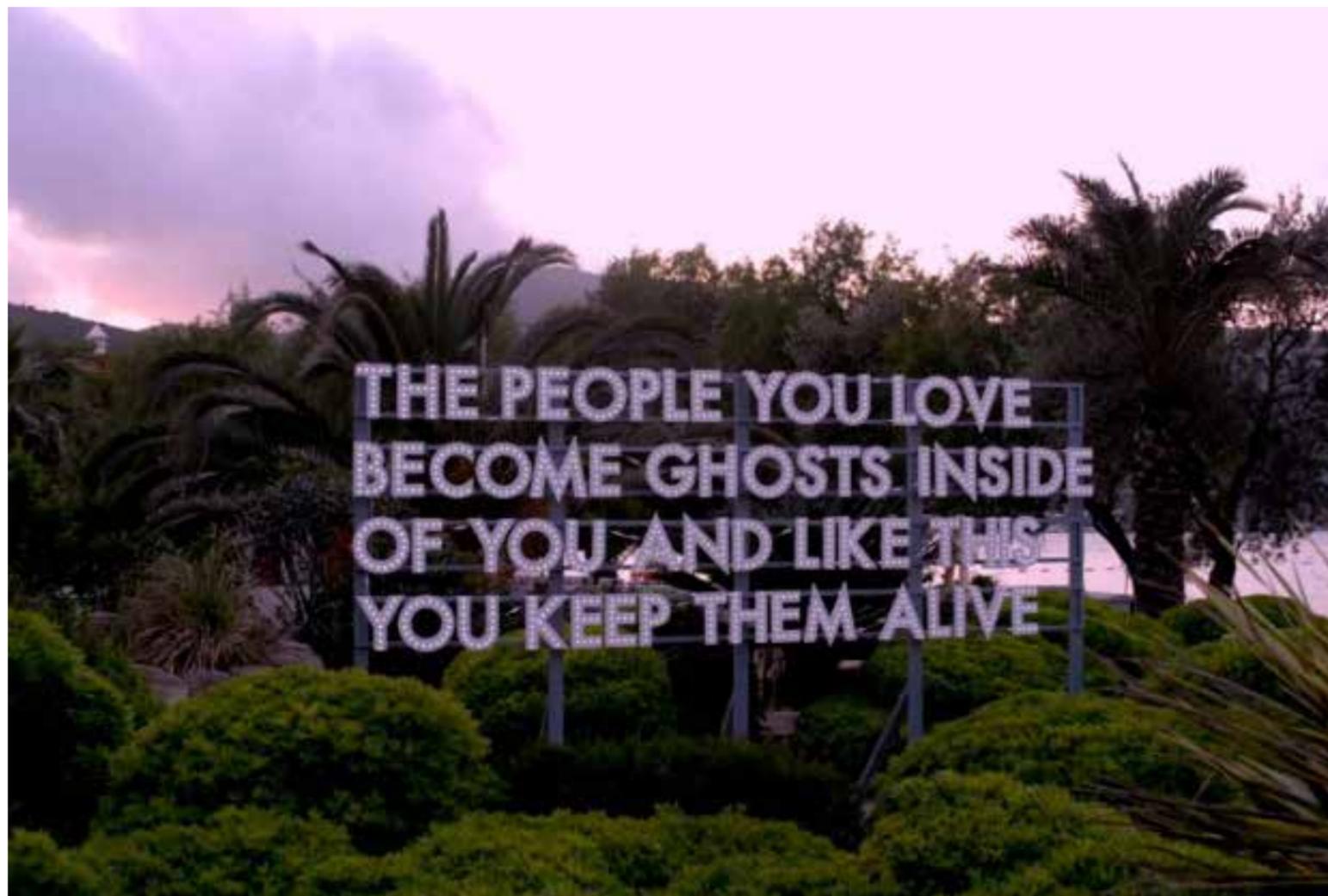
O anonimato do artista assim como a presença do ato artístico fora dos espaços que a sociedade capitalista lhe reserva são ainda questões importantes para MONTGOMERY que, procura criar as vias de uma comunicação mais direta com um público sem intermediações. No fundo são questões que saem do final dos anos 60 e que foram ecoando de formas diferentes até à grande emergência do graffiti e da arte urbana em geral, na qual a obra de ROBERT MONTGOMERY também terá que ser inserida.

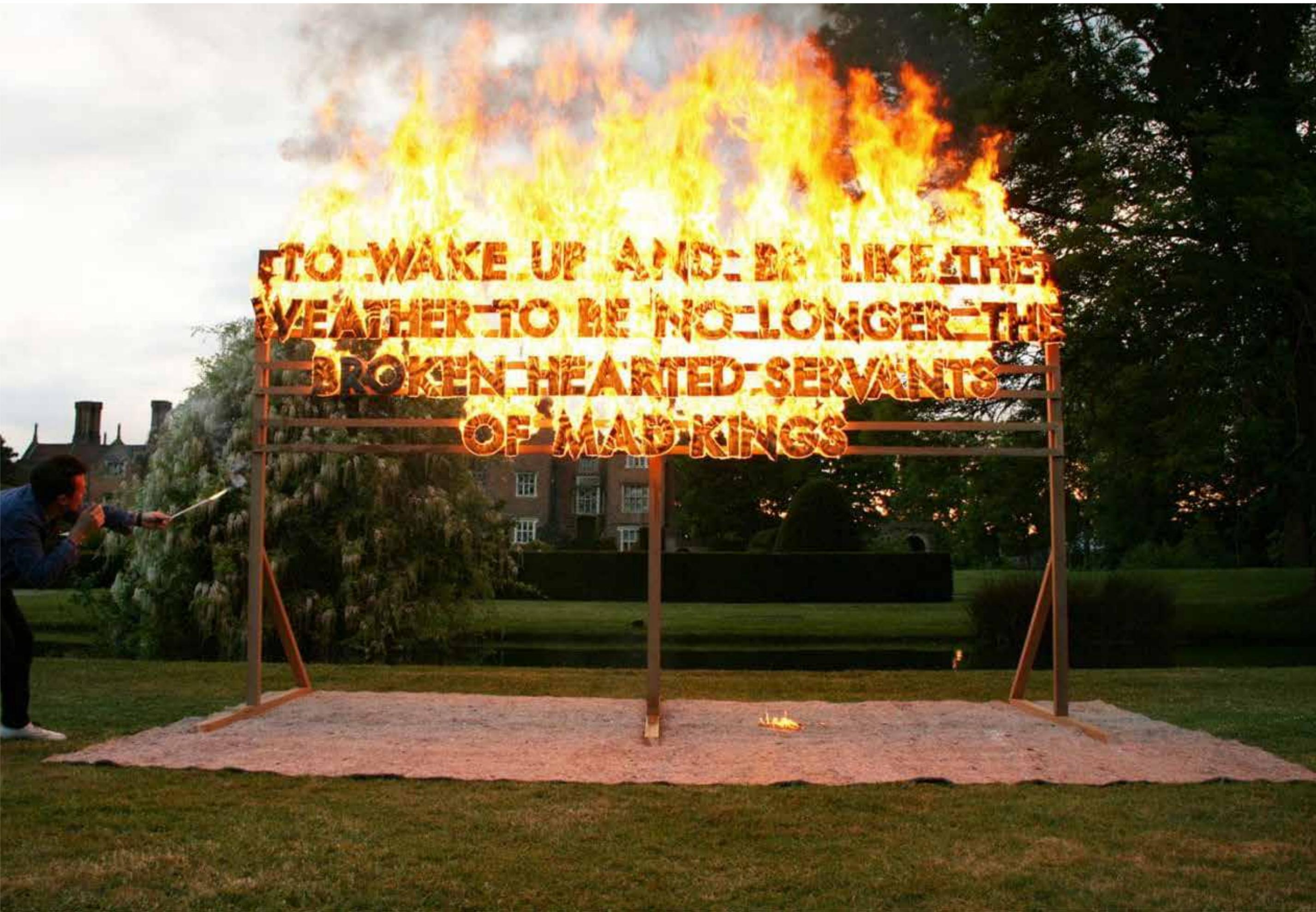
Atualmente são as suas séries em néon que são mais conhecidas. A primeira experiência intitulava-se *The slow disappearing of meaning and truth*, uma réplica da icónica *Welcome to fabulous Las Vegas, Nevada*. Trata-se de um letreiro em néon muito semelhante aqueles que podemos encontrar em qualquer cidade. São reclames, de certa forma a face visível do consumismo capitalista, o encanto de uma cidade iluminada que ROBERT MONTGOMERY distorce, colocando, mais uma vez uma frase, cujo o conteúdo é enigmático, colocando o cidadão anónimo a questionar-se sobre aquela existência e o seu significado.

A partir de 2008 as obras em néon ganham uma dimensão maior e começam a utilizar a luz solar como forma de energia; estas esculturas captam a luz solar durante o dia e reutilizam-na à noite para que se torne uma obra iluminada. Podemos ler *The people you love become ghosts inside of you and like this you keep them alive* ou então *Whenever you see the sun reflected in the window of a building it is an angel*, para citar algumas das mais conhecidas que já tiveram diferentes configurações e adaptações a diferentes locais.

A questão poética, para um artista que estudou literatura clássica, antes de terminar o curso de belas artes do Edinburgh College of Art, tornou-se relevante. Para ele são momentos que levam a uma relação com o transeunte, obras inesperadas que ecoam individualmente de forma diferente no coração de cada um. Para ele é claro que hoje vivemos simultaneamente o privilégio da abundância e a pobreza do tempo, o excesso de bens materiais e ausência de reflexão. Sem querer ser intrusivo, acredita que a sua obra possa criar essa nova consciência do homem novo que, como as suas frases afirmam, façam acreditar que um brilho de um reflexo solar numa vidraça possa ser um anjo que nos rodeia.







A Força da Comunidade em defesa da sua arte!

# QUEER ART LAB

texto Patrícia César Vicente

Mural de TAMARA ALVES  
Trumpfs, Lisboa ↓



É preciso dar palco a quem ainda tem de lutar para ter voz. É bom pensar que este projecto será o início da inclusão contra o fim do preconceito.

Depois de ler a proposta a QUEER ART LAB... isto não faz apenas sentido, e se tem algum sentido é o de obrigatório. A parte mais incrível e que demonstra uma total dedicação a todes é que o QAL existe para que um dia deixe de ser necessário a sua existência. É daquelas verdades poéticas que fundamenta a sua criação. O ARY ZARA conduz o projecto com o apoio do NUNO VIOLANTE e do MARCO MERCIER do Trumpfs. Com uma estrutura que abrange várias áreas artísticas e que vai a detalhes e pormenores que fazem toda a diferença. Por vezes, quando alguém está a tentar criar espaço para um nicho, acaba muitas das vezes, por se esquecer ou esquivar a outros nichos. E no fundo, a defesa e inclusão de todos será urgente até não ser preciso criar um espaço onde estão seguros. É por isso que ao ler a proposta deste projecto percebemos o quanto é especial. É como se tivessem criado uma sala onde podem voar livremente, e ao mesmo tempo terem o apoio do ninho.

O projecto que era para ter sido lançado em 2020, mas esse ano foi Covidico (covid+fatídico), pelo que surge quase dois anos mais tarde. Tudo tem um momento certo para acontecer e ser vivido, e certamente que este projecto com enorme significado chegará a muitos num momento decisivo. O QAL é um projecto com diferentes plataformas artísticas apoiado pela discoteca Trumpfs que tem como objectivo principal a criação de um lugar para experimentação, criação, mostra de arte e intervenção da comunidade LGBTQIA+. E esta parte podem ler integralmente na sua proposta de apresentação do projecto. Estão em constante desenvolvimento e arrisco-me a dizer que este será o início de um espaço que ainda tem muitas ideias e formas de ver crescer diferentes artistas que na QAL poderão livremente desenvolver o seu trabalho e ter o tão esperado retorno, a liberdade e o sentido de comunidade que faz falta. Na parte de Arte existem espaços onde os artistas podem partilhar o seu trabalho, assim como á uma área de desenvolvimento e transformação que procura diferentes abordagens para apoiar pessoas queer.

A primeira residência artística com a mentoria de TAMARA ALVES permitem às pessoas LGBTQIA+ apresentarem os seus trabalhos e também tem

como intuito ajudar a combater o desemprego. Com o *Corpaças* procuram inserir corpos trans e não binários no panorama artístico e contar as suas histórias através de sessões de desenho. Desenvolver um processo em que o traço, e o papel têm todo o tipo de corpos. Até à aceitação de corpos não normativos onde a arte é cisgénera, clássica e binária.

Em parceria com a AMPLOS (Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual) foi criado *Os Castelos de Arco-Iris*. São histórias inclusivas de encantar, que brevemente podemos ter acesso ao livro, no entanto, para já podemos ouvir as histórias contadas por mães, pais de pessoas LGBTQI+, por drag queens, pessoas LGBTQI+, aliadas, e a TÂNIA GRAÇA é a primeira figura pública que vai contar uma história dia 26 de Março na Ler Devagar.

E é no Palco Variações na discoteca Trumpfs que também há um espaço para artistas emergentes. Onde a cedência de espaço e apoio de equipa técnica permite a qualquer artista LGBTQIA+ subir ao palco. Nesse palco podemos não só assistir a concertos, como também a mostras de cinema e tertúlias, workshops, conversas...

E se há pessoa que nos pode falar mais deste projecto, esta pessoa é o ARY ZARA.

Ary, como é que surgiu a ideia para este projecto?

*Ary:* Eu trabalho no Trumpfs há 11 anos, são muitas noites, muitas pessoas e diversas conversas. O Trumpfs desde sempre foi um local frequentado por muitos artistas e a própria equipa acaba por ter muitas pessoas ligadas às artes. Eu e o MARCO MERCIER (sócio gerente do Trumpfs) somos pessoas talvez demasiado criativas que se alimentam mutuamente, e numa das noites, começou a surgir esta conversa sobre ampliar aquilo que o Trumpfs tem feito em prol da comunidade. Sem dúvida que é um espaço que por si acolhe pessoas queer e nesse sentido sempre um propósito face à comunidade mas podia ser muito mais... e nesta linha começámos a pensar o que poderia ser oferecido e dinamizado que tivesse um verdadeiro impacto na comunidade LGBTQI+.

Quais são as principais dificuldades para a criação e desenvolvimento deste projecto tão abrangente, ambicioso, mas muito necessário?

*Ary:* Neste momento a principal dificuldade é a visibilidade, queremos que os eventos dinamizados tenham

público para que o propósito seja cumprido. Não queremos apenas que uma artista dê um concerto, queremos garantir que há promotores, imprensa e público a assistir... e isto aplica-se a qualquer evento. Para nós ter sucesso significa que artistas saem do QAL mais fortes, com contactos, com dinheiro e currículo.

*Ary:* A médio prazo será garantir financiamento para criar propostas que possam ampliar o nosso impacto junto da comunidade.

Faz parte deste projecto um mercado com música, alimentação, vestuário, entre outras áreas. Quem é que poderá e já agora, de que forma é que podem concorrer/participar nesse mercado?

*Ary:* Este mercado é dirigido a todas as pessoas que se coloquem debaixo do "guarda-chuva" queer. Aceitamos artistas de palco (música e performance) e teremos bancas disponíveis para artistas LGBTQI+ que tenham criações/peças suas para vender. Muitas vezes existem pessoas aliadas que também contribuem com a sua arte para dar visibilidade à comunidade LGBTQI+, também serão aceites. Não é cobrado nenhum valor pelas bancas, o que nos interessa é o compromisso e dinamismo da parte das pessoas que as queiram utilizar. Existe um formulário na bio do nosso instagram que poderão preencher para se inscreverem.

Qual a melhor forma de contribuir para o desenvolvimento do QAL?

*Ary:* A melhor forma é mesmo aparecerem nos nossos eventos e divulgarem.

instagram @queerartlabnow  
facebook queerartlabnow  
email queerartlab@trumpfs.pt









*Banco Ugle* ↓



*Cadeira Colonial* ↓



Quando falamos em design escandinavo em Portugal, provavelmente o que nos vem mais depressa à mente é a PEDRAS E PÊSSEGOS e JAIME GARCIA o seu mentor. Durante anos, os dois edifícios na rua do Almada no Porto foram a meca para quem procurava um design modernista de contornos minimalistas que, entretanto, se tornara vintage e procurado. Por cá eram peças raras, porque para além da OLAIÓ, poucos se aventuraram por essa estética que era tão contrária ao gosto do Portugal Salazarista. Apesar dessa vantagem de ser o primeiro e de se ter tornado uma referência, em 2016, JAIME GARCIA resolveu alargar o campo de ação criando uma empresa irmã, a TINTO TORTO. A nova casa de edições de design conta com a ajuda de PAULO GARCIA, sobrinho, e propõem alguns modelos de mobiliário realizados em Portugal dentro de uma estética escandinava. Diz que os modelos que desenvolveu nascem do longo contacto que teve com o público português e da sua relação com os profissionais de decoração de interiores que por vezes têm necessidades particulares. Muitas vezes prendem-se, simplesmente, com medidas concretas, algo que só é possível fazer a partir de um modelo que é criado de raiz. Contudo, a adaptação, a venda on-line fez com que o seu mercado se expandisse e trouxesse um best-sellers que, por sinal, foi o modelo que lançou na TINTO TORTO. Trata-se de um banco de sapateiro nórdico que é conhecido por *Ugle Stool*. Em carvalho, aparece em dois tamanhos numa versão em verniz ou lacado em diferentes cores. Para além, do *Ugle Stool*, a TINTO TORTO oferece dois modelos de sideboards, vários formatos de mesas e de cadeiras, para interior e exterior. Tudo produzido em carvalho, pela mãos de artesãos portugueses com acabamentos em verniz ou lacado.

O novo projeto não deixou para trás a PEDRAS E PÊSSEGOS. Apenas levou a redefinir o seu perfil. Atualmente procura oferecer peças de design escandinavo de maior qualidade e já orientadas para um público colecionador. Diz que o mercado ficou mais saturado e banalizado e, por isso mesmo, também encontra um colecionador mais exigente que procura peças de exceção, do qual a entrada no mercado global não é indiferente.

TINTO TORTO são dois nomes de rios que cercam o Porto, ou seja, nem tudo é Douro no Porto, há outras alternativas a descobrir e é assim que podemos ver esta nova proposta de JAIME GARCIA.

[www.tintotorto.com](http://www.tintotorto.com)

Cadeira Galega ↓

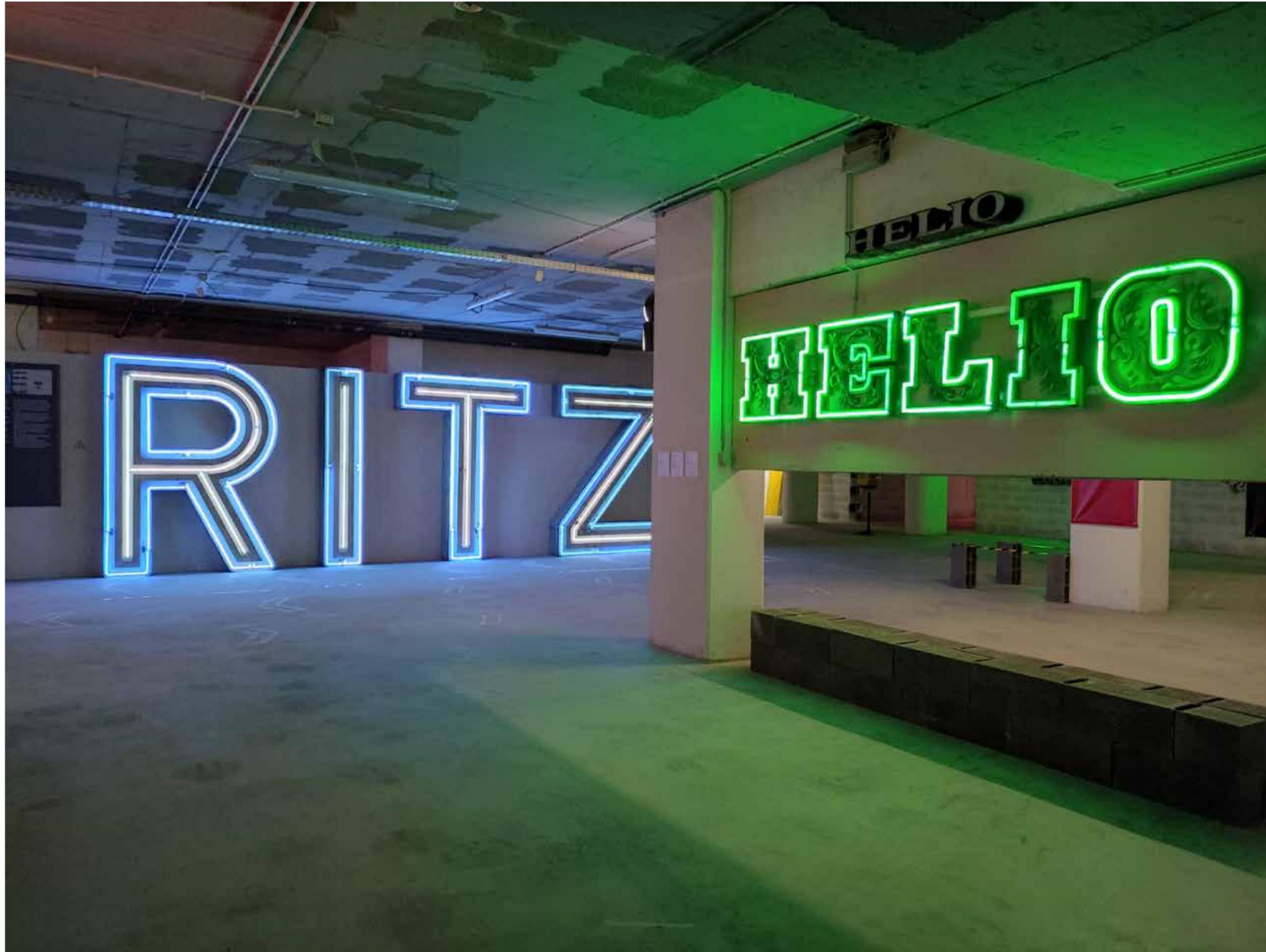


Mesa Oscar ↓



Mesa de Cabeceira Agá ↓

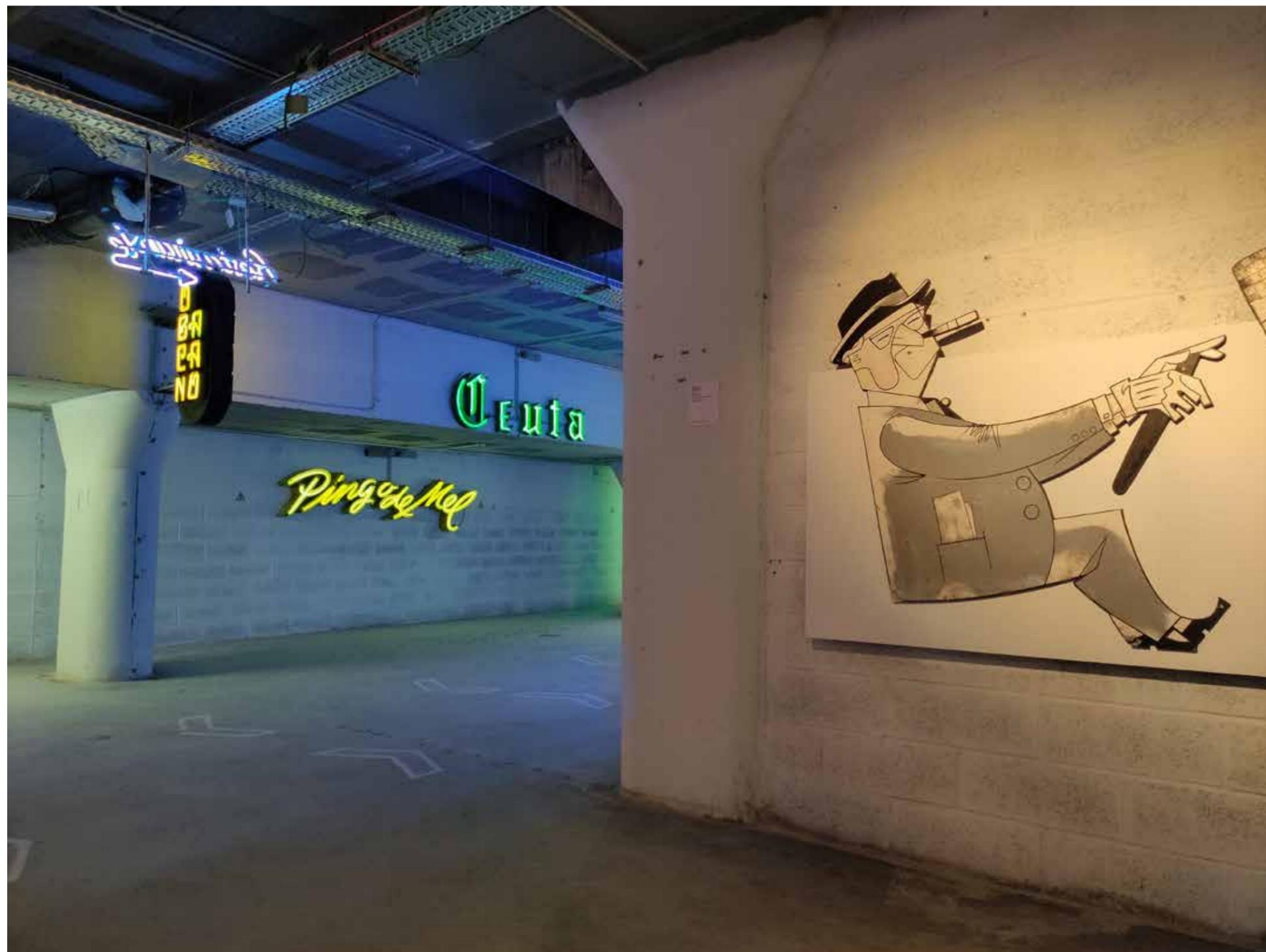




Quando falamos em design escandinavo em Portugal, provavelmente o que nos vem mais depressa à mente é a PEDRAS E PÊSSEGOS e JAIME GARCIA o seu mentor. Durante anos, os dois edifícios na rua do Almada no Porto foram a meca para quem procurava um design modernista de contornos minimalistas que, entretanto, se tornara vintage e procurado. Por cá eram peças raras, porque para além da OLAIIO, poucos se aventuraram por essa estética que era tão contrária ao gosto do Portugal Salazarista. Apesar dessa vantagem de ser o primeiro e de se ter tornado uma referência, em 2016, JAIME GARCIA resolveu alargar o campo de ação criando uma empresa irmã, a TINTO TORTO. A nova casa de edições de design conta com a ajuda de PAULO GARCIA, sobrinho, e propõem alguns modelos de mobiliário realizados em Portugal dentro de uma estética escandinava. Diz que os modelos que desenvolveu nascem do longo contacto que teve com o público português e da sua relação com os profissionais de decoração de interiores que por vezes têm necessidades particulares. Muitas vezes prendem-se, simplesmente, com medidas concretas, algo que só é possível fazer a partir de um modelo que é criado de raiz. Contudo, a adaptação, a venda on-line fez com que o seu mercado se expandisse e trouxesse um best-sellers que, por sinal, foi o modelo que lançou na TINTO TORTO. Trata-se de um banco de sapateiro nórdico que é conhecido por *Ugle Stool*. Em carvalho, aparece em dois tamanhos numa versão em verniz ou lacado em diferentes cores. Para além, do *Ugle Stool*, a TINTO TORTO oferece dois modelos de sideboards, vários formatos de mesas e de cadeiras, para interior e exterior. Tudo produzido em carvalho, pela mãos de artesãos portugueses com acabamentos em verniz ou lacado.

O novo projeto não deixou para trás a PEDRAS E PÊSSEGOS. Apenas levou a redefinir o seu perfil. Atualmente procura oferecer peças de design escandinavo de maior qualidade e já orientadas para um público colecionador. Diz que o mercado ficou mais saturado e banalizado e, por isso mesmo, também encontra um colecionador mais exigente que procura peças de exceção, do qual a entrada no mercado global não é indiferente.

TINTO TORTO são dois nomes de rios que cercam o Porto, ou seja, nem tudo é Douro no Porto, há outras alternativas a descobrir e é assim que podemos ver esta nova proposta de JAIME GARCIA.



Numa época em que ressurgiu o interesse pelo tarot um casal português lançou um baralho que tem despertado grande interesse internacional. Para o TIAGO PIMENTEL e a ANA FRAGATEIRO, fundadores da *Credo quia Absurdum*, um estúdio gráfico, este não é o seu primeiro baralho de tarot, mas aquele onde puderam aplicar de forma mais alargada o seu conhecimento sobre esoterismo, alquimia e folclore.

Para TIAGO, artista plástico é um conhecimento que veio do contexto da história de arte e do seu especial interesse pela iconografia medieval e temáticas mais esotéricas e obscuras dessa época. A ANA, designer de formação também comunga do mesmo fascínio pelo oculto e misticismo e o desenvolvimento do *Terra Volatile* foi o pretexto que encontram para porem em prática a criatividade de ambos levando-os a aprofundar os seus conhecimentos. Dizem que se inspiram muito um no outro mas porque muitas vezes tem interpretações diferentes, o *Terra Volatile*, acabou por ter a particularidade de ter muitas cartas extras, permitindo a quem as use que crie um baralho mais personalizado.

Podem falar sobre a vossa marca, a vossa estética e que produtos e que tem a venda?

*SW:* Quando nos conhecemos reparámos que ambos tínhamos um fascínio pelo oculto. Havia uma vontade de saber e estudar mais. O TIAGO sempre trabalhou em torno dessa temática, eu como designer, nunca tinha tido essa oportunidade —não é algo que os clientes procuram e precisam para um site ou logotipo.

Entre rascunhos numa mesa de um restaurante, surgiu este projeto. Em que cada design tinha uma temática ou um conceito. Algo que as pessoas pudessem decodificar ou descobrir mais. Queremos aguçar o sentido de curiosidade, ir às raízes do misticismo, do oculto, criar uma partilha com os outros do que sabíamos e que quem se identificasse com estas temáticas partilhasse connosco esse mesmo gosto e conhecimento.

O mercado das artes sempre foi um terreno pantanoso no que toca ao nosso tipo de estética, por isso decidimos lançarmo-nos numa nova direção. Tivemos uma enorme aceitação no mercado internacional e isso levou-nos a abandonar os nossos empregos e a dedicar-nos totalmente àquilo que gostávamos, explorando mais profundamente os temas mitológicos, a alquimia ou semiótica.

Também algumas influências da literatura de horror e ficção científica. Acabamos por fundi-las com acontecimentos da atualidade ou, até mesmo com situações pessoais.

Os nossos designs acabam de alguma forma por ser exercícios de auto-conhecimento, onde nos colocamos como personagens nesse teatro alquímico-mitológico. As nossas imagens assentam na sua maioria numa estética que cruza a gravura antiga com diagramas anatómicos, criando uma certa ligação entre o grotesco e o erotismo, sempre num tom provocador e de crítica pessoal. Não conseguimos imaginar uma melhor forma de retratar a tragédia humana a não ser através do charme violento das linhas da gravura. Enquanto que as referências à filosofia hermética ou esoterismo nos guiam por estradas obscuras, é nos diagramas que deixamos pistas para uma melhor compreensão do que fazemos. Queremos levar as pessoas a pesquisar e decodificar as nossas imagens.



Como surgiu a vontade de criarem o vosso baralho de tarot —*Terra Volatile*— e como foi o processo? O nosso primeiro tarot foi na verdade o “*Grand Elixir*”, apesar de ter sido feito antes do *Credo quia Absurdum* existir como projeto. O tarot “*Grand Elixir*” era um pouco mais obscuro e intenso, com algumas imagens mais fortes e arrojadas, onde pudemos libertar e explorar todas as nossas inquietações. Explorarmos o nosso gosto pelo tarot e a sua simbologia. Ficou a vontade de completar o tarot “*Grande Elixir*”, que na altura só tinha a arcana maior. A pandemia deu-nos essa oportunidade mas já



nenhum de nós se identificava com aquele tarot, por isso decidimos criar um novo baralho. Algo mais pensado, mais racional do ponto de vista da simbologia. Além disso, era a desculpa perfeita para pesquisar-mos e conhecermos ainda mais.

O “*Terra Volatile*” era de alguma maneira um projeto que sempre esteve na gaveta, que quando tivemos tempo, ganhou asas próprias, e nós deixámo-lo crescer e explorar todas as visões simbólicas que tínhamos. Ao criar um tarot como este, descobrimos e apercebemo-nos de algumas coisas sobre nós, acho que alguma forma incluí-las neste tarot. As pessoas às vezes questionam-se quem somos, que não falamos ou não partilhamos muito de nós, mas na verdade todo o nosso trabalho é extremamente pessoal.

A verdade é que temos mais ideias que tempo disponível. Daí o “*Terra Volatile*” ter 104 cartas —incluindo um naipe novo inspirado em alquimia—, e mais uma expansão complementar com mais 47 cartas.

Já existem muitos baralhos de tarot, porque acham que tinham que fazer o vosso?

*SW:* Quando começámos este tarot, e apesar de todo o estudo iconográfico e simbólico, deixámos a nossa mente fluir. Independentemente do número de tarots que há no mercado, existia uma necessidade pessoal de criar cada carta com o conhecimento que estudamos, mostrar a nossa visão sobre cada arcano. Decodificar cada mistério e adicionar ainda mais vida.

Cada um de nós vê cada uma das

cartas de maneira muito pessoal, isso gerou dias atrás de dias de contradição. Mas dessa discordância, dessa visão que é distinta e inerente a cada um de nós, tivemos a ideia das cartas alternativas. No fundo cada um de nós, deveria arranjar um tarot que realmente se identificasse e que se conecte. E por que não ter um tarot com inúmeras alternativas que nos permita escolher a carta que simbolicamente nos chama mais?

Ser inovador ou original é também seguir o próprio instinto, descolando das propostas já existentes. Contudo é difícil conhecer todas as criações, correndo o risco de seguir caminhos já traçados, de qualquer forma correr riscos é o nosso lema e é assim que vivemos, para o bem e para o mal.

O que é que vos fascina no universo do tarot?

*SW:* Esta questão dividimo-nos. Eu sempre fiquei fascinado pela imagética das cartas, era como um conjunto de pequenas obras de arte nas minhas mãos. Inspirava-me ao mesmo tempo que me intrigava. Durante anos dediquei-me à interpretação simbólica na história da Arte e o tarot obcecava-me ao ponto de estar constantemente a tentar encontrar relação entre aqueles símbolos que ao início me confundiam. Fiz várias descodificações de vários baralhos ao longo dos anos, nunca ficando totalmente satisfeito com nenhum resultado. Talvez seja essa constante decepção que me mantém tão próximo ao universo do tarot, na esperança de um dia chegar a compreendê-lo.

*A:* Foi um fascínio praticamente imediato. O meu primeiro “encontro” com o universo do tarot foi quando ainda era pequena (12 anos se não me engano). Desde que vi um tarot Marselha pela primeira vez, quis estudar e saber cada interpretação e significado. Como era algo estranho de pedir aos meus pais para me comprarem, acabei por fazer o meu próprio tarot num papel de impressora —não durou muito, mas ajudou-me a entender que era algo que gostava de aprofundar e saber mais. Acho que me tornei tão ligada às cartas e ao tarot, que de alguma maneira a minha tia se apercebeu e acabou por me comprar um tarot de Marselha que ainda o uso. Desde então, tento sempre conhecer diferentes perspetivas, simbologias e fazer os meus próprios paralelismos. Admiro muito que cada carta “fala” de maneira diferente a diferentes pessoas. Não existe um certo ou errado, ou um manual, e isso, de algu-

ma forma, é mesmo fascinante.

Vocês têm planos para criarem novo baralho? Em que se pode diferenciar deste último?

*SW:* Temos muitas ideias para novas cartas e novas abordagens, mas ainda estamos muito “presos” ao “*Terra Volatile*” para criar algo realmente diferente. Estamos sempre a mudar de estilos, talvez porque nós próprios mudamos muito as nossas perspetivas e ideais ao longo do tempo. É provável que ao explorar uma nova estética possa resultar um novo tarot daí. Eventualmente, esperamos ter tempo para nos dedicarmos a um novo tarot que vai ganhando forma na nossa mente, mas pode levar até vários anos para concluir.



Versatilidade é a coisa mais bonita na música

## BRUNO ALVES

texto Titus @t.iituus

De Chaves para o país, do país para o mundo, é só o começo. BRUNO tem 24 anos e ambiciona uma carreira na música. Tendo passado pelo programa "La Banda", desde os 11 anos que toca guitarra e compõe as suas próprias músicas. Para criar tem como base as suas próprias vivências e usa a composição como um refúgio para o que pretende expressar. Deseja atrair mais pessoas para a sua música e fazê-las sentir que são compreendidas.

No final de Fevereiro lançou um videoclipe para a faixa título do seu primeiro EP, lançado em Novembro, de nome *BANDIDO*. Define o seu estilo musical base como pop, no entanto sente que cada vez mais está a caminhar para uma sonoridade mais Indie / Alternativa.

Define a sua criatividade como algo muito "versátil" pois tão depressa consegue fazer um som R&B sobre objetivos de vida, como fazer música mais pop chiclete, sobre estar apaixonado. Ainda pode fazer um Indie melancólico sobre a reação dos progenitores da sua relação ao qual pôs um fim.

O nome do EP surgiu muito naturalmente, o segmento das músicas está construído de forma a contar uma história que vem da decisão que tomou de não ouvir os rumores e aceitar as consequências de estar numa relação com alguém que tinha uma má reputação. Seria certamente visto como um *BANDIDO* por escolher abraçar o lado negro de quem escolheu amar. Ainda assim foi essa vivência, no que teve de bom e de mau, que facultou a criação do EP que conta com uma sonoridade juvenil pop, experimental, com um pouco de tudo que possibilitou encontrar-se enquanto artista.

*ERRAR* é a faixa mais melancólica do alinhamento e fala sobre aquela fase romântica em que estamos embebidos em algo mais forte do que qualquer bebida, que nos tira qualquer medo de errar, o amor. Sentir vontade de errar com alguém não é algo fenomenal? O BRUNO apoia e aconselha ouvirem esta faixa com o vosso coração.

Defensor e ativista dos direitos de igualdade de género e contra a discriminação social, enquanto artista gosta de beber das diferentes opiniões que o rodeiam e gosta de pensar que a nossa sociedade está cada vez mais perto do auge do respeito destes problemas e isso serve-lhe também como inspiração.

A arte é versátil e a versatilidade é a coisa mais bonita na música.







calças e camisa em denim *Mango*  
chapéu *Moyobybibí*

←

A onde é que termina o teu Ser carnal criado pelo o Universo e onde começa a EuBrite e o que traz ela no teu espaço espiritual? Foi a primeira pergunta que ousei perguntar-lhe. Uma mulher que intimida por deixar claro o que quer, não deixando de ser humana e de exprimir todas as dores que a condição permite. Ela respondeu com toda a certeza que o nome dela de certidão entra em pausa no momento em que sente que chegou a hora de viver o desafio de alegrar as pessoas. "Eu existo sem ela mas ela depende de mim para existir. Ela traz no espaço espiritual apenas tudo que é leve, livre, encantador e todas as demais coisas boas da vida." Notou-se realmente que, quando o seu alterego voltasse a surgir, libertava num acto de traduzir sorriso, o melhor de si. Ficava radiante. Por momentos, pairava no ar, no tempo e no espaço, como se as pessoas, ao passar, fizessem-na perguntar a si mesma o que falta à EuBrite para alcançar novos horizontes." Falta a oportunidade certa com retorno financeiro", diz ela.

Umhas boas horas atrás, enquanto estava a ser maquiada, quis saber do retorno dos seus seguidores e admiradores, da sociedade portuguesa, da aceitação de quem tem capital e que poderia investir para espectáculos, festas privadas... A lista continua tomada por inúmeras possibilidades. A realidade é que Portugal ainda tem os seus tabus, restrições, vergonhas, como qualquer outro país. Mais a permanente ideia de que a antiguidade é posto, sem dar o devido apoio à novas ideias, ainda permanece. Uma sociedade com uma quantidade variada de mentes brilhantes de diferentes ramos, de diferentes gerações e territórios e que poderiam mudar eloquentemente todos as formas de comunicação, seja ela escrita ou oral, com contacto físico ou digital. "Novos horizontes poderão ser alcançados se as pessoas continuarem a acreditar no propósito da personagem. Preciso de investimentos para poder assim decolar e criar melhores espectáculos". Fazendo lembrar que já está na casa dos 40. Recuperar de lesões deixou de ser assim tão fácil.

Falamos de como foi a primeiríssima vez em que vestiu a pele da EuBrite e do momento onde assumiu-se para quem quisesse ver. E com uma certa melancolia no rosto, que revelou um lado mais terno, respondeu-me que foi simplesmente libertador. O sorriso à seguir foi agradável de se ver. Repetiu-se à si mesma: "Foi simplesmente libertador!" e continuou quase que narrando que sentiu uma sensação única e inovadora. Realizou, na-

quele instante, que quando usamos a nossa criatividade para expressar-nos, despertamos o melhor em nós. Como ela referiu bem referiu, o resultado é a força certa que atrai a possibilidade.

A maioria de nós pergunta como é que estás. Eu tenho a tendência de perguntar se estás feliz ou és feliz. "A felicidade é uma constante. Eu pessoalmente estou feliz às vezes. Em contrapartida, Eubrite é sinónimo de felicidade. É como prefiro que seja. Feliz, sendo ela. Capaz de, todos os dias, construir esse sentimento que ela representa sempre quando sai para trabalhar." Todos os suores, todas as dores, valeram a pena? "Ainda não, mas a soma disto tudo faz com que tenha certamente uma boa história para contar." É verdade que tudo vale a pena quando a causa não é pequena. Sempre vale a pena alegrar. Sempre vale a pena levar e trazer todas as formas de amor.

Sabes aquela sensação de colo de mãe? O quê, onde ou quem dá-te essa sensação em Portugal? "Minha família de coração em Leiria. Essa sensação tenho quando estou com a família de coração que Deus me deu de presente. Lá, em Leiria, onde sou respeitado. É meu amor e é recíproco."

Obviamente, sendo Angolana, quis saber como foi para ela ajudar a construir a tão cobigada ponte Brasil-Portugal. Argumentou com a convicção devida que a ponte é necessária. "Essa ponte é necessária. Possibilita sonhos. Não apenas os meus..." Mas, também e certamente, de todos àqueles que acreditam profundamente que fazer uso do "pedaço de nós" que trazemos na bagagem, dará um novo sentido à vida. O desafio, o recomeçar do zero, o olhar novos rostos, novos sorrisos, sentir novos aromas, outros quase que tudo, e desafiar-nos à nós próprios. Uns deslizam pela vida adentro, outros caem e levantam-se, como manda a lei.

EuBrite em cima do patim, continuará até à hora que o tempo der, com os sussurros dos sonhos aclamando a sua presença e espalhando risadas.

vestido *Lidija Kolovrat*  
→



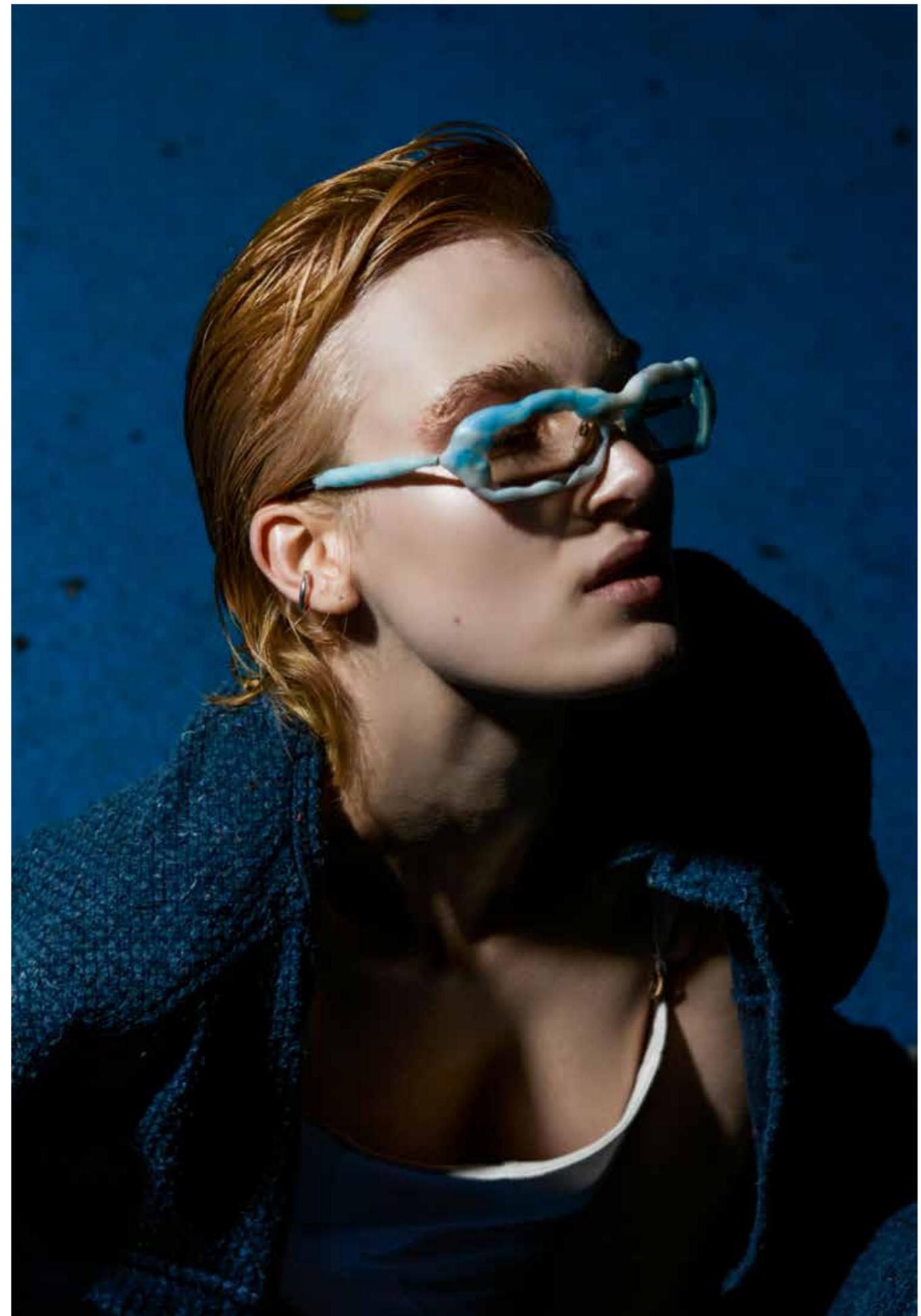
Um Novo Azul em Berlim

# NEW CYCLE

texto Sara Madeira

fotografia e beauty Marcos Puga @pugaimages  
beauty products @maxweberbeauty  
styling @tiz.fashiondesign  
models Kilian @kilian.jj from @coreartistmanagement  
Luca Wunderlich @training\_of\_daily\_livng  
from @thefashionmanagement.de

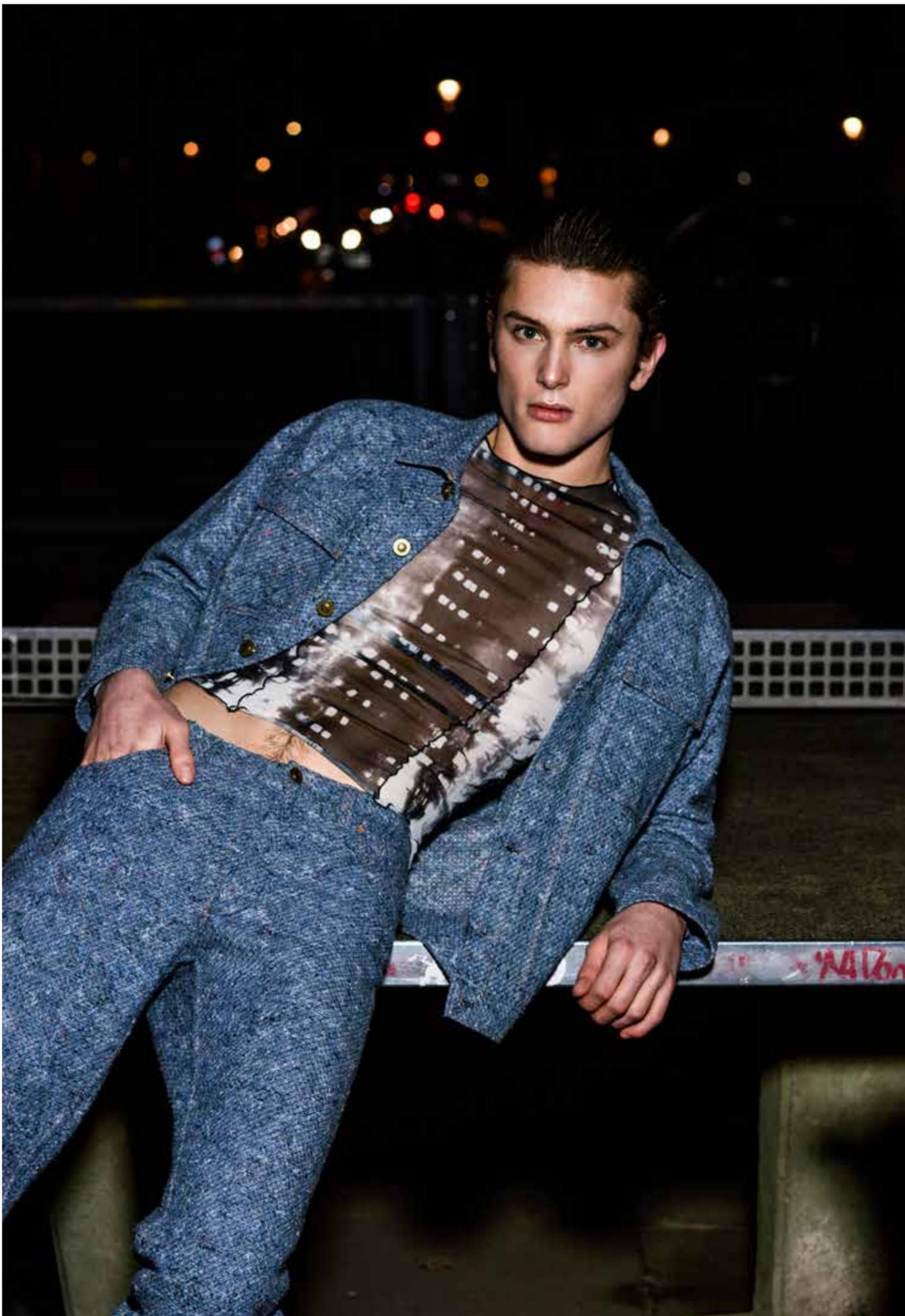
[www.anewkindofblue.com](http://www.anewkindofblue.com)



óculos, casaco e calças A New Kind of Blue  
body Humana 2nd Hand →

óculos, casaco e calças *A New Kind of Blue*  
body e botas *Humana 2nd Hand*  
↙





blusão e calças *A New Kind of Blue*  
tshirt mesh *Humana 2nd Hand*  
←

A NEW KIND OF BLUE apresenta-se como um estúdio de design sediado em Berlim que trabalha em busca de soluções locais para problemas globais, com o ponto de partida na economia circular. O atelier foi fundada por TIM VAN DER LOO, designer e SANDRA NICOLINE NIELSEN, antropóloga e visa repensar a noção e a estética dos materiais reciclados, criando assim novos ciclos de vida de produtos, verdadeiramente circulares. Têm proposto diferentes projetos que seguem essa linha de pensamento. Um deles é o “New Blue”, um novo material têxtil inovador e totalmente reciclado, composto por fibras de jeans velhos e desgastados. As fibras são prensadas e bordadas tornando-se num tecido consistente mas com uma expressão lúdica, sem qualquer precedentes no mundo da moda.

Outra linha que o estúdio explora é a expressão que as peças de jeans recicladas podem ter antes de serem transformadas em fibras. Utilizando assim as superfícies do denim na sua forma primária, podendo ser integrados em vários processos de up-cycling. Manifestando-se numa reutilização quase direta dos resíduos de jeans traduzidos em peças de vestuário trendy e sustentáveis.

Com a ascensão do fast fashion, o denim passou de um tecido de vestuário de trabalho, duradouro e resistente, para um item básico do guarda-roupa contemporâneo, ficando assim com vastos fluxos de resíduos sem nenhuma infraestrutura para absorvê-los. O projeto *New Blue* busca mudar essa metodologia, encontrando uma maneira de reencarnar os jeans como uma versão renovada de si mesmos. Tudo isto funciona porque há um olho rígido em manter a alta qualidade usando apenas algodão e não misturando as fibras com outros materiais. Trata-se de um caso muito raro na indústria da moda onde a maioria dos produtos contém alguns níveis de plástico.

A ideia permanente é que os produtos criados e usados na *New Blue* reintegrem sempre num novo ciclo de material. Portanto, A NEW KIND OF BLUE promove um ciclo material diferente do que estamos habituados, manifestando-se através de novas sequências de produção, bem como nos seus resultados finais. O produto final tradicional é agora visto como um estágio dentro de uma sucessão contínua e circular de decomposição e recomposição. Adotando esta abordagem, a estética do jeans —da textura do novo denim renascido ao design do oversteitching— também pode evoluir com o tempo, respondendo às tendências e garantindo que o novo produto seja sempre relevante e pessoal.

Tendo por fundo um dos bairros mais emblemáticos de Berlim, Neukölln, numa produção da PARQ documenta-se aqui algumas das peças de up-cycle realizadas pela designer portuguesa BEATRIZ CARDOSO (TIZ) em parceria com o estúdio A NEW KIND OF BLUE, num processo que resultou de uma colaboração de 3 meses com a marca, onde a designer esteve em contacto direto com os projectos do estúdio.

@anewkindof\_blue

calças *A New Kind of Blue x Tiz Fashion Design*  
top *Tiz Fashion Design*  
→



A Alfândega do Porto juntou no dia 3 de Dezembro alguns dos melhores jovens designers de moda europeus. Foi a sétima edição da competição de designers de moda, uma iniciativa da ModaPortugal que contou com dezoito jovens finalistas provenientes das melhores escolas da Finlândia, França, Itália, Portugal, Suíça e Reino Unido. No final TIAGO BESSA seria declarado pelo júri como o grande vencedor da 7ª edição do MODAPORTUGAL

Da Finlândia, chegaram três jovens designers JENNY HYTONEN (@jenny\_hytonen), JUHA VEHEMAANPERA (@juhavehmaanpera) e SINI SAAVALA (@sinisaavalas), da universidade Aalto, com criações sobre o espaço, corpo e luz, que refletem sobre o futuro, sobre o punk/pop dos anos 90s e sobre a natureza e a sustentabilidade. De França, do Institut Français de la Mode, vieram ALBANE DE SAINT-LAURENT (@docteurlicorne), que nos conta a história da rainha Catherine de Medicis e o seu encontro com o torneio de bicicleta da tour francesa, MATHIEU GOOSSE (@mathieugogoosse) que trabalhou ideias sobre a redução, pobreza, amor e fragilidade e finalmente JISOO BAIK (@jisoo\_baik\_), que nos introduziu um espaço seguro e protegido, coberto de memórias de infância. Da Escola de Moda Italiana, Polimoda, deram-se as boas-vindas a ALESSA DOVERO (@alessiadovero), PAULO MILEU (@paulo\_mileu) e JIANQING ZHAO (@lavinia\_jianqing\_zhao), que nos transmitem ideias arquitetónicas, sobre a decadência e a vida, sobre o que é controlo e o ambiente sufocante que nos rodeia diariamente, sobre as relações entre as pessoas, natureza e galáxia e como tudo isto afeta o indivíduo e por consequentemente as suas peças de roupa.

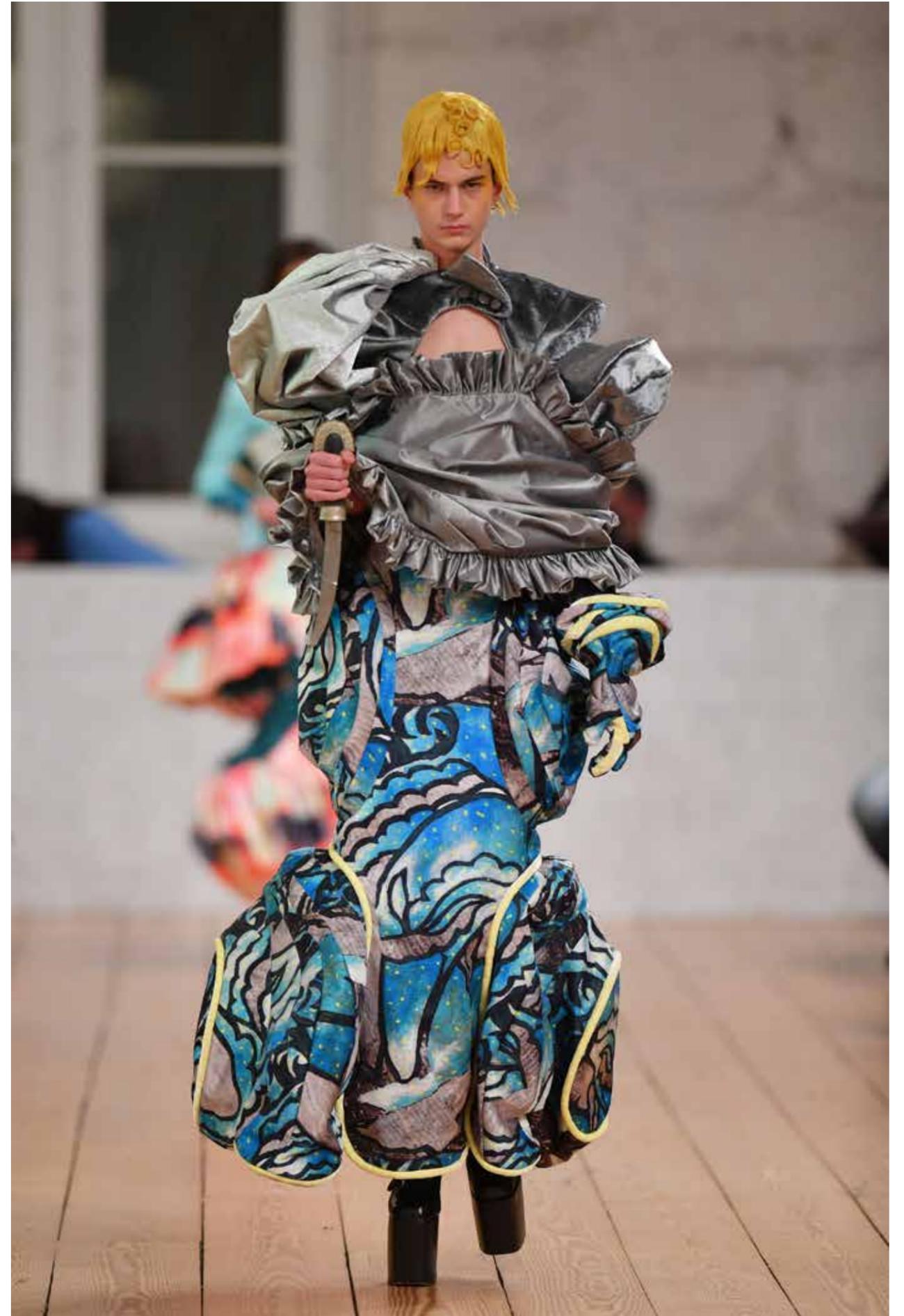
A partir da Haute École d'Art et de Design de Genève desfilaram as criações dos designers CLAIRE LEFEBVRE (@claire.lfb), que nos transmite ideias sobre gesto e como o desenho é o início para tudo, desde projetos e ilustrações até a línguas e formas de expressar o que sentimos, MORRIS MANSER (@morrismanser), que trouxe ideias de perda de sensibilidade e o crescente aumento do sentimento do indivíduo e não do geral, da comunidade, e finalmente TARA MABIALA (@taramabiala), que se inspirou nos trajes da República Democrática do Congo e em filmes dos anos 70's. Já pela London College of Fashion, vieram três

designers, sendo estes CHENCHENG YONG, FIONN LUCAYA (@under.the.flowers) e JESSICA ZHOU (@zhjssc.design), que criaram ideias muito interessantes, a partir da beleza do mundano e quotidiano, da construção da liberdade não binária, e da mistura herdada pelas várias gerações que vieram antes de nós.

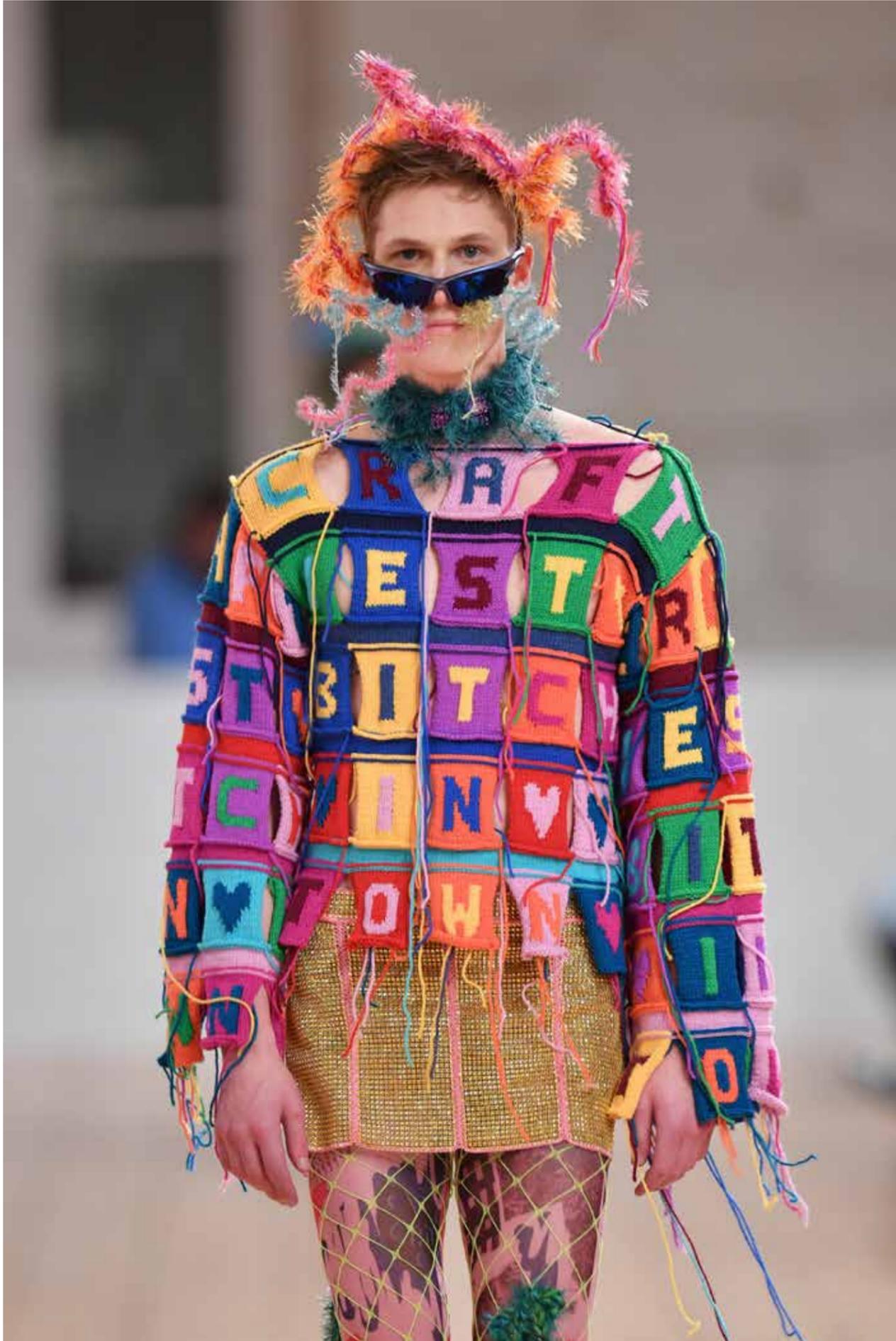
#### A PRESENÇA PORTUGUESA

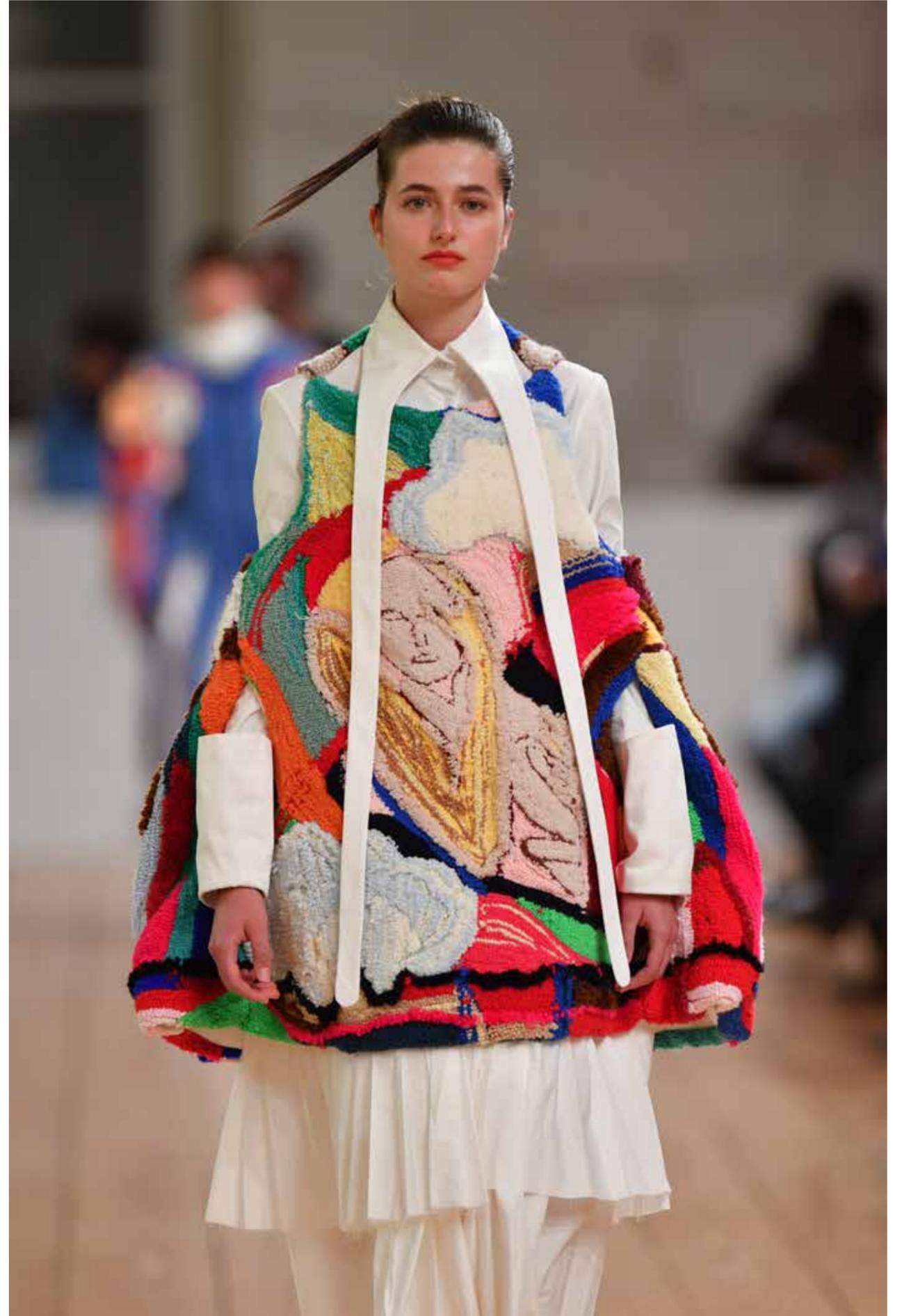
Representando Portugal, estiveram presentes três jovens estilistas de três escolas de moda diferentes. MARTA COSTA (@martacosta\_99) da ESAD, NUNO OLIVEIRA (@nunoloboliveira) da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e TIAGO BESSA (@xxcybercutiesxx) da Modatex, com histórias e ideias totalmente diferentes mas de certa forma similares. MARTA fala-nos sobre encontrar conforto no caos, aceitar que o controlo é uma ilusão e que as respostas sobre nós mesmos não se encontram fora mas sim em nós mesmos. Já NUNO partilha e explora os corpos queer, a sua arte, diversidade e rebelião, confrontando-os com o oposto, o mundo militar, formal e estrito. Por sua vez TIAGO, explora algo muito pessoal para este, o género e a dificuldade de se encaixar no mundo binário, ensinando-nos ao mesmo tempo sobre "Orchid People". Este último criador seria declarado o vencedor da 7ª edição do MODAPORTUGAL. Que recebe um valor monetário de 2500€. TIAGO BESSA refere que a sua coleção é, acima de tudo, um protesto sob forma de moda. As suas peças têm um carácter cerimonial, até um pouco religioso mas distorcido. Faz referência a forma como seres humanos são tratados e intervindos de forma a "corrigir" um "erro" da natureza, materializando assim nas peças que cria várias formas genitais que são associadas aos géneros para os definir.

Todos os jovens designers tiveram a oportunidade de conhecer a indústria portuguesa, tendo tido várias visitas a fábricas de renome portuguesas, como VALERIUS 360, PEDROSA RODRIGUES, RDD TEXTILES e RIOPELE.











# MUSEE D'ART MODERN DE PARIS

texto Francisco Vaz Fernandes  
fotos Francisco Spratley  
*@franciscospratley*



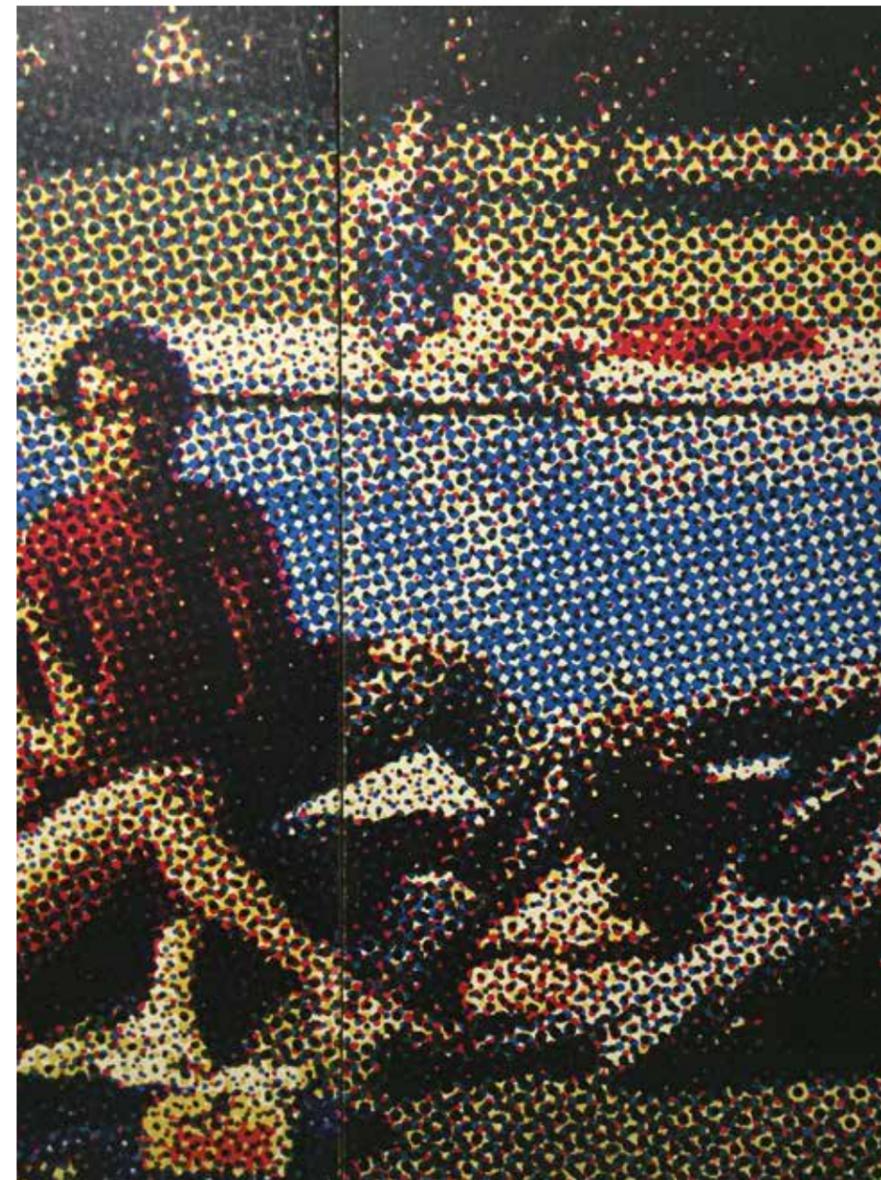
←  
Coleção de alta costura,  
1966, Yves Saint Laurent,  
com referência aos  
efeitos óticos explorados  
por Alain Jacquet

No seguimento de exposições retrospectivas de grandes criadores da moda que foram sucessos em termos de público, o MUSÉE D'ART MODERNE DE PARIS, com a colaboração da FONDATION PIERRE BERGÉ - YVES SAINT LAURENT, propôs um evento que celebrasse os 60 anos do primeiro desfile de YVES SAINT LAURENT, que aconteceu a 29 de Janeiro de 1962, quando o costureiro tinha então 26 anos. Ao contrário das exposições que Paris viu dedicadas a ALEXANDER MCQUEEN, CHRISTIAN DIOR, ou a THIERRY MUGLER que ainda está presente no MUSÉE DES ARTS DECORATIFS, junto ao Louvre, esta exposição decorre em vários museus formando uma espécie de arquipélago, sendo então necessário seguir um périplo pelo centro da capital francesa para ter uma visão completa.

Segundo a curadora do MUSÉE D'ART MODERNE DE PARIS, CHARLOTTE BARAT, a principal responsável pelo projeto, esta foi a solução encontrada para celebrar a relação que YVES SAINT LAURENT estabeleceu com os seus contemporâneos, com as outras artes que o influenciavam na época, nomeadamente obras que se encontravam nas coleções permanentes de alguns dos museus públicos onde o projeto decorre e que ainda hoje podem ser vistas. Ou seja, ao contrário da exposição de MCQUEEN ou de DIOR onde houve um grande investimento cénico para colocar as criações dos costureiros em valor, esta exposição optou por algo simples em que peças-chaves de YVES SAINT LAURENT são colocadas em confronto com obras de arte com as quais se relacionaram à partida.

Todos nós nos lembramos de coleções de YVES SAINT LAURENT em que havia uma transposição evidente a referências a PICASSO, MATISSE, VAN GOGH e MONDRIEN tornando-se coleções icónicas e popularizadas. Aparentemente a exposição optou por seguir uma outra via e não ter essas relações mais evidentes, procurando trazer peças que tendo ficado na sombra aparecem agora como uma surpresa. Uma das coleções que o comissariado da exposição coloca mais em evidência é a relação que se estabelece entre de SAINT LAURENT e a obra de ALAIN JACQUET. Em 1966 o costureiro apresentou uma coleção de alta costura onde recorre aos efeitos óticos, bicolores e tricolores que o JACQUET tinha explorada quando representou uma série de quadros que recriavam num cenário contemporâneo o célebre quadro, *Dejeuner sur L'Herbe* de EDOUARD MANET. Quando apresentou essa obra dois anos antes dessa coleção de SAINT LAURENT, o artista quis referir-se ao fetichismo que envolve a presença de uma peça única no mundo das artes. Nesse sentido apresenta uma série de quadros pintados à mão mas que reproduzem a mancha trama serigráfica. Cada obra apresentava-se como uma reprodução de 100 exemplares. Ao mesmo tempo que SAINT LAURENT lançava essa coleção com referências aos efeitos a trama serigráfica, anunciava sua coleção pret-a-porter. Ou seja, introduz a ideia de reprodução da obra única o viria a revolucionar o mundo da moda.

→  
detalhe de um quadro  
de Alain Jacquet,  
com referência a um  
quadro de Monet





←  
criações inspiradas em  
Matisse, junto às suas  
obras, nas coleções  
do MAN, Paris





←  
criações dos anos 80  
inspirados nas cores de  
Raoul Dufy (junto a seu  
mural), no MAM, Paris



New New

# iPhone SE

texto Maria São Miguel

A APPLE procura com o novo *iPhone SE* lançar um modelo que seja mais acessível e que se torne mais popular entre os consumidores. A versão mais barata do *iPhone SE* custa 529 euros e tem como principal atrativo a inclusão do processador *A15 Bionic*, o processador que já adaptado ao *iPhone 13*, que custa mais de 800 euros e foi lançado em setembro. A inclusão do *A15 Bionic* garante ao novo *SE* as funcionalidades no tratamento de imagens captadas pelas câmaras do telemóvel que já estavam disponíveis no *iPhone 13*. Estilos fotográficos, ou tecnologias *Smart HDR 4* e *Deep Fusion* são algumas das funcionalidades que ficam disponíveis no *SE*, devido ao facto de usar o *A15 Bionic*. As câmaras traseiras do *SE* estão equipadas com um sensor principal de 12 megapixels (MP). É um modelo adaptado às redes móveis de quinta

A memória RAM do novo *SE* é mais limitada que no *iPhone 13*, não indo além dos 3 GigaBytes (GB). No armazenamento, a APPLE fez saber que o *SE* vai ter três versões: uma com 64 GB (529 euros); outra com 128 GB (579 euros); e outra de 256 GB (699 euros).



Elétrico

# PÃO DE FORMA

texto Maria São Miguel

Depois de sensivelmente cinco anos no “forno”, o *Pão de Forma* está de volta. Pronto a servir, exclusivamente elétrico. As encomendas deverão abrir em Maio, sendo que a entrega das primeiras unidades em Portugal está prevista para Outubro. O *ID Buzz* é um furgão que oferece uma lotação até cinco ocupantes e uma bagageira com capacidade de 1121 litros com os bancos traseiros em posição normal, podendo aumentar até aos 2205 litros com o rebatimento dos mesmos. Vem equipado com uma bateria que tem uma capacidade útil de 77 kWh (total de 82 kWh) que fornece energia a um motor elétrico de 150 kW, o qual, tal como sucedia com o motor horizontal do *Pão de Forma*, transmite a potência às rodas traseiras. Há uma versão *ID Buzz Cargo* que terá dois ou três lugares dianteiros, uma divisória fixa a separar de um compartimento de carga com um volume útil de 3,9 m<sup>3</sup> e capacidade de carga de 600 kg, mais 100 kg no tejadilho.



# BELEZA

texto Sara Madeira

## MUSC OUTREBLANC

Após relançar a sua linha exclusiva, *L'Art et la Matière* em 2021, a GUERLAIN adicionou neste início de ano uma outra fragrância à coleção. *Musc Outreblanc* é um perfume floral amadeirado compartilhável que tem a assinatura de DELPHONE JELK. As notas de topo são Almíscar Branco, Néroli e Ambreta as notas de coração são Flor de Laranjeira, Íris e Rosa Búlgara as notas de fundo são Leite, Sândalo e Âmbar Branco.



## BLUE NOIR

O *him bleu noir* da NARCISO RODRIGUEZ ganha a versão perfume, e traz uma maior intensidade à sua ideia de um homem misterioso e sedutor. O almíscar, assinatura NARCISO RODRIGUEZ permanece no coração da fragrância, enfatizando a sensualidade instintiva do homem *bleu noir*, mas agora as facetas da camurça são intensificadas, reforçadas pela elegância da íris empoada e adoçadas por uma nota

viciante de fava tonka, com as suas ricas facetas de baunilha e caramelo. À medida que a fragrância se abre, notas cítricas de bergamota italiana e tangerina fundem-se com cipreste aromático amadeirado, trazendo uma energia moderna e fresca que contrasta com um almíscar sensual e envolvente.



# SOUND STATION

Nascida e criada em Portugal, Oeiras, DANIELA DA SILVA ANDRADE, também conhecida por DANYKAS DJ, foi bebendo da cultura que a rodeava: festas de bairro e música africana. Praticando desde muito cedo viu os seus sonhos cumpridos: é DJ, produtora, Label Manager da Seres Produções (editora discográfica com sede em Angola) e Host do programa *Danykas Dj Joy Time*, na Rádio Quântica.

O seu percurso enquanto produtora é recente, contudo, já tem editado um EP a solo *Dina de Brava*, e fez parte de três compilações: *Peladinha* editada pela Torcida Records Club; *200* publicada pela Seres Produções; e, mais recentemente, *Memory Palace* o último lançamento da Mãe Solteira Records. Sofia Seixo Garrucho entrevistou a artista que tem difundido os ritmos africanos há mais de 7 anos.

Quando começaste a fazer Djing e o que te motivou para o fazer?

DANYKAS DJ Eu sempre fui, no meio da minha timidez, muito curiosa. Em casa, os meus pais viviam música da maneira mais open que possas imaginar! Eles são cabo-verdianos, a minha mãe tem raízes portuguesas, indianas e americanas, então lá em casa ouvia-se de tudo um pouco: desde a Morna, Funaná, Coladera, Bachata, Kuduro, etc., e isso acabou por nos influenciar muito.

DANYKAS O amor pela música sempre esteve lá! Depois, as minhas duas irmãs tiveram a sorte, digo eu, de namorarem com DJs, e um deles (o *Dj Belwo*), tinha um projeto que se chamava *Black Project*, composto por 5 DJs que tocavam géneros diferentes e faziam a construção das festas nesse sentido.

DANYKAS DJ Eu ainda bem pequena, comecei a observar, e achei interessante a componente Djing: como é que tu pegas num género, vais buscar um totalmente diferente, às vezes com BPMs completamente diferentes (que na altura eu nem sabia o que isso era), misturá-los e fazer uma simbiose de géneros. Fiquei “pá, caramba! Aquilo é nice!” Então fiquei com o bichinho ali.

DANYKAS DJ À medida que fui crescendo, acompanhei a minha irmã, que fazia parte desse projeto enquanto gestora e organizadora, aos locais onde eram feitos os eventos, no Bairro dos Navegadores, em Talaíde, onde morei. O pessoal montava um toldo, tipo tenda com 50 metros, estendiam ao longo da rua, arranjavam material de som e fazia-se a festa. Então pensei: “porque não começar a aprender qualquer coisinha com o meu cunhado?” Lembro que quando ia à casa da minha irmã e cunhado, pois era lá que podia ter essa proximidade de ver uma mesa de mistura, só pelo facto de eu mexer com o pitch já estava toda emocionada por ver a transformação da velocidade da música (risos). Começou aqui o gosto pelo Djing, mas não era nada muito por aí além.

E quando começaste a levar o Djing de uma forma mais profissional?

DANYKAS DJ Essa minha paixoneta surgiu entre os meus 9/11 aninhos! Eu adorava toda aquela fusão das festas e de como as pessoas se comportavam. Aquilo enchia-me o coração. Mais tarde, a partir dos meus 14/15 é que tive a oportunidade de brincar um pouco mais a sério, de misturar música de vários géneros, mas sempre em casa. Não tinha equipamento, usava o Virtual DJ, instalei esse software no primeiro laptop que o meu pai me tinha oferecido. Os mixes eram feitos usando as teclas do laptop, truque esse ensinado pelo meu “irmão” *MC Bolicao*. Fiquei por casa a praticar e o meu cunhado ia dando uma aulinha ou outra sempre que fosse à casa deles.

DANYKAS DJ Em dezembro de 2015 tive o meu primeiro convite, feito pelo *Dj Satellite*, para expôr aquilo que fazia no quarto para um palco. O convite foi para tocar num projeto que se chama *Room System*, que começou originalmente em Angola. Esse projeto consiste na componente musical, mas vê a arte como um todo. O *Dj Satellite*, entretanto, veio de Angola para Portugal e quis fazer uma primeira edição na Europa, que calhou por ser em Lisboa. Além dos DJs, dos cantores e oradores, o projeto consiste em trazer artistas plásticos, designers, que juntam a componente visual ao som, resultando depois numa apresentação em conjunto.

DANYKAS DJ Não havia muitas artistas femininas, muito menos a representar a cena do Afro-House. Ele encontrou uns mixes que eu tinha bué malucos no SoundCloud, porque eu sou uma fã danada de Techno e Kuduro e convidou-me para fazer parte da primeira edição do *Room System* em Portugal.

DANYKAS DJ Como já iam uns valentes aninhos a tocar sozinha no quarto, e talvez fizesse sentido partilhar a minha timidez com o mundo, aceitei e assim foi a minha primeira estreia ao vivo, em Dezembro de 2015, na Casa Independente. E isso foi o que me deu as asas para me tornar borboleta e sair do quarto/casulo, principalmente porque esse projeto procurava ter uma artista feminina também.

# DANYKAS DJ

texto Sofia Seixo Garrucho



Qual foi o teu maior obstáculo neste processo de evolução enquanto DJ?

DANYKAS DJ Bem... Não vais acreditar nisto, mas o meu maior obstáculo foi pensarem que por não ser portuguesa não posso participar num certo festival/evento. Eu sinto que o problema é não verem o artista enquanto veículo de expressão artística, mas sim associá-lo a uma certa nacionalidade, e acho que não preciso aprofundar muito mais... Por não seres dessa nacionalidade não tens direito/acesso a certas coisas.

DANYKAS DJ Acaba por não ser um obstáculo só meu, mas infelizmente é o de muita gente. Mas não levei isso como um “stop” pois a vontade é maior que todos esses “stops”. Não me querem ver como sou, mas sim com os olhos que idealizam. “Tudo bem”, mas não vou deixar que isso seja um entrave, vou sim usar isso como alavanca para fazer aquilo que mais gosto, que é tocar música e partilhá-la com quem tem o mesmo sentimento. E o maior prazer que tenho é mesmo fazer isto.

E o que te dá mais prazer nesta luta?

DANYKAS DJ É o desconhecido. Eu vejo isto como uma bênção. Porque se tu tens oportunidade de fazer algo que gostas, tudo o que vier para ti vais receber como a maior prenda. Então, o desconhecido para mim é top, porque amanhã posso acordar e ter um e-mail a dizer: “olha, queres vir para isto? Queres fazer este projeto?”, tal e qual a sensação de comprar uma raspadinha e não saber o que vão encontrar!

DANYKAS DJ É assim que vejo e vivo esta luta e acaba por ser também o que mais me motiva a fazer isto, porque há espaço para todos e o desconhecido é mesmo isso, vais acabar por ter coisas que te vão deixar radiante, contente e grata.

Porque de certa forma foi assim que surgiste no circuito musical...

DANYKAS DJ Exato, e como eu costumo dizer, quando tu não tens uma procura incessante pelas cenas, elas acabam por vir duma forma tão bonita, especialmente porque não estás à espera, que acabas por fazer aquilo com uma maior entrega, mostras a tua gratidão pelas coisas boas a acontecer. Quando fazes essa procura incessante, ou se já estás à espera que as coisas vão acontecer, talvez não venham com tanto açúcar. Se viveres nesta dimensão, acho que acabas por ter uma experiência muito mais enriquecedora e prazerosa.

Tu lançaste o teu primeiro EP em 2020, ou já tinhas lançado trabalhos anteriormente?

DANYKAS DJ Eu comecei a pegar na componente da produção em meados de 2011. Só que na altura, como eu estudava e praticava desporto, o meu tempo para a música chegava a ser 0 e tive de deixar muita coisa em stand by, principalmente a música.

DANYKAS Quando eu recebi o meu primeiro portátil tive o conhecimento do FL Studio. Sempre fui muito curiosa, como eu já tinha dito, e instalei-o. Aquilo já vinha com um loops bwé bonitos, eu fui vendo tutoriais no Youtube, só que sabes aquela frase “não te metas em cuecas que não te servem”? Foi isso, fiz uma coisa ou outra e acabei por desinstalar o programa.



DANYKAS DJ Mais tarde, quando já sabia que o DJing era a minha paixão, e também ver que a cena de produção era fixe, porque tens a oportunidade de transpor aquilo que tu gostas de ouvir, no meio de tanta sonoridade, e tentares produzir algo em função dessas misturas, pensei “porque não agora tentarmos fazer aqui uma coisinha ou outra?”.

DANYKAS DJ Felizmente, tinha a sorte de ter um mestre ao meu lado para me dar algumas guidelines, e às vezes propunha-me: “porque não sentarmo-nos aqui um bocadinho para produzir?” ou de vez em quando eu via-o enquanto ele estava a produzir, e em 2019 dei início ao processo de produção do EP “DINA DE BRAVA”, que acabou por vir à tona em maio de 2020.

Desde que vives a cultura do Afro-House, quais foram as principais mudanças que sentiste na cena?

Tanto em Lisboa como no resto do Mundo.

DANYKAS DJ Foi há volta de 9/8 anos que o Afro-House começou a ter uma maior expressão. Já se ouvia, mas não era muito nos países lusófonos: ouvia-se muito na África do Sul, também um pouco em Angola, mas não tinha a mesma expressão em outros pontos. É um género que acabava por se expressar muito em festas de bairros.

DANYKAS DJ O pessoal fazia festas e era assim que se difundia. No início era algo difícil, até porque não tinhas as mesmas plataformas de divulgação que outros géneros musicais tinham. Na altura ouvia-se mais Funaná, a cena EDM, Techno, Kuduro, Kizomba, Reggaeton, entre outros e o Afro-House ainda demorou uns aninhos a chegar aos outros países lusófonos e ao resto do mundo, conseqüentemente.

DANYKAS DJ Hoje já consegues ouvir Afro-House na China, ver a ser produzido na China, Indonésia, Brasil, Israel etc. Conseguiu-se expressar o Afro House enquanto nome, mas não exclusivamente. No entanto, ainda há sítios que têm dificuldade em exprimir aquilo que é o Afro-House na sua essência. Há clubes, mesmo em Portugal, que têm uma certa dificuldade em promover uma festa em que o DJ vai tocar Afro-House. Têm de inventar ali uma palavra diferente, “embelezar” a palavra, e o Afro-House ainda não é bem sentido/mostrado.

Têm, de certa forma, de a “branquificar”?

DANYKAS DJ Nem mais! Então eu não posso dizer que o Afro-House está expresso com a sua real essência. Ainda é um bocado camuflado, mas já o ouves em muitos clubes. Posso dizer, de grande agrado, que cresceu bastante. Agora falta tocá-lo e representá-lo com a sua verdadeira essência.

O que é a essência do Afro-House para ti?

DANYKAS DJ Basicamente é teres uma base da House music, ires buscar a essência ou registos da música e da cultura africana, e misturá-las. Vais buscar instrumentos africanos, percussão, um sample duma mãe a falar ou a ralhar (risos)...

DANYKAS DJ O Afro-House baseia-se muito no que a natureza te dá, e tu transportas isso para a música. Acho que esta é a explicação mais simples e pura aos meus olhos e ouvidos. Tu acabas por ir buscar sons que depois te dão as luzes para construíres aquilo que tu queres. Pelo menos é assim que eu a vejo na linguagem mais clara possível. Aquilo que é gratificante e ousado no Afro House é que o pessoal vai buscar o seu

sparkle para tentar criar a sua identidade sonora.

E o que é que sentes que é necessário fazer para a cena Afro-House em Lisboa e em Portugal começar a crescer sem perder a sua essência?

DANYKAS DJ Primeiro, apresentarmos o Afro-House como ele é, sem embelezar palavras, e representar a cultura. Representatividade é fulcral! Não podemos ser amantes de música e manifestantes dela se só pensarmos no momento do shining. É preciso criar uma cultura que seja real. Nós, enquanto DJ ou produtoras temos de ser pregadoras para que quem nos acompanha, também viva dessa religião.

DANYKAS DJ Enquanto tivermos um público que está ali apenas pelo momento, pela tendência, a cultura não vai crescer. É preciso ir à raiz, criar palestras onde se fale da essência do Afro-House ou, de como é que se faz ou o que pretende transmitir. Faltam notícias! Escassez de “escola” principalmente nas gerações mais novas, onde na impossibilidade de terem acesso a conferências ou palestras, não têm esta oportunidade de partilha e aprendizagem.

DANYKAS DJ Quando tu vais olhar para a história do Hip Hop e do House music em si, tu vêes que o pessoal impulsionou estes géneros duma maneira que hoje é sustentável. E com o Afro-House, acaba por ser a mesma coisa: há a necessidade de criar e incentivar essa tal cultura, de uma forma sustentável e saudável, respeitando as suas raízes, para o pessoal entender que isto não é algo momentâneo. Só depois é que podemos falar Afro-House a longo termo. Se não fizeres isto, o género torna-se plástico e trendy.

Houve algum momento da tua carreira de que te tenhas orgulhado mais em específico?

DANYKAS DJ Eu acho que todos os momentos me levam a ter orgulho. Desde o momento em que soube “Daniela, vamos sair do quarto, e vamos para um palco”, tendo a possibilidade de partilhar isto com mais pessoas que têm o mesmo apreço que eu, para mim todos os momentos acabam por ser motivos de orgulho.

DANYKAS DJ E acredito também que todas nós, que estamos a fazer isto, acabamos por impulsionar muitas outras pessoas a saírem de buracos, onde se calhar sentiam que não iam ter um espaço. Ao verem-nos a fazer isto, também acabam por tentar. Então acaba por ser um orgulho imenso ver tudo isto a acontecer e a crescer. Mas para mim, partilhar música com as pessoas, esquece....

E quais foram os eventos em que tu mais gostaste de tocar?

Porque tu já tocaste em muitos lugares do mundo, certo?

DANYKAS DJ Do Mundo propriamente, não. Eu acho que as pessoas têm essa ideia, talvez por viver fora em alturas distintas, mas não ainda não espalhei muito as asas. Se eu te falar de estrangeiro, só mesmo no UK. Quando ainda estava a viver em Portugal, vim tocar aqui em dois eventos que, por acaso, foram a minha irmã e o meu outro cunhado Dj (*Dj JB*) que estão cá a viver que organizaram. Cabo Verde, infelizmente, acabei por não poder tocar por causa da situação do COVID lá. Portugal é o sítio onde venho a ter mais performances. Houve outros sítios quase quase para ir, mas o titi Covid não permitiu.



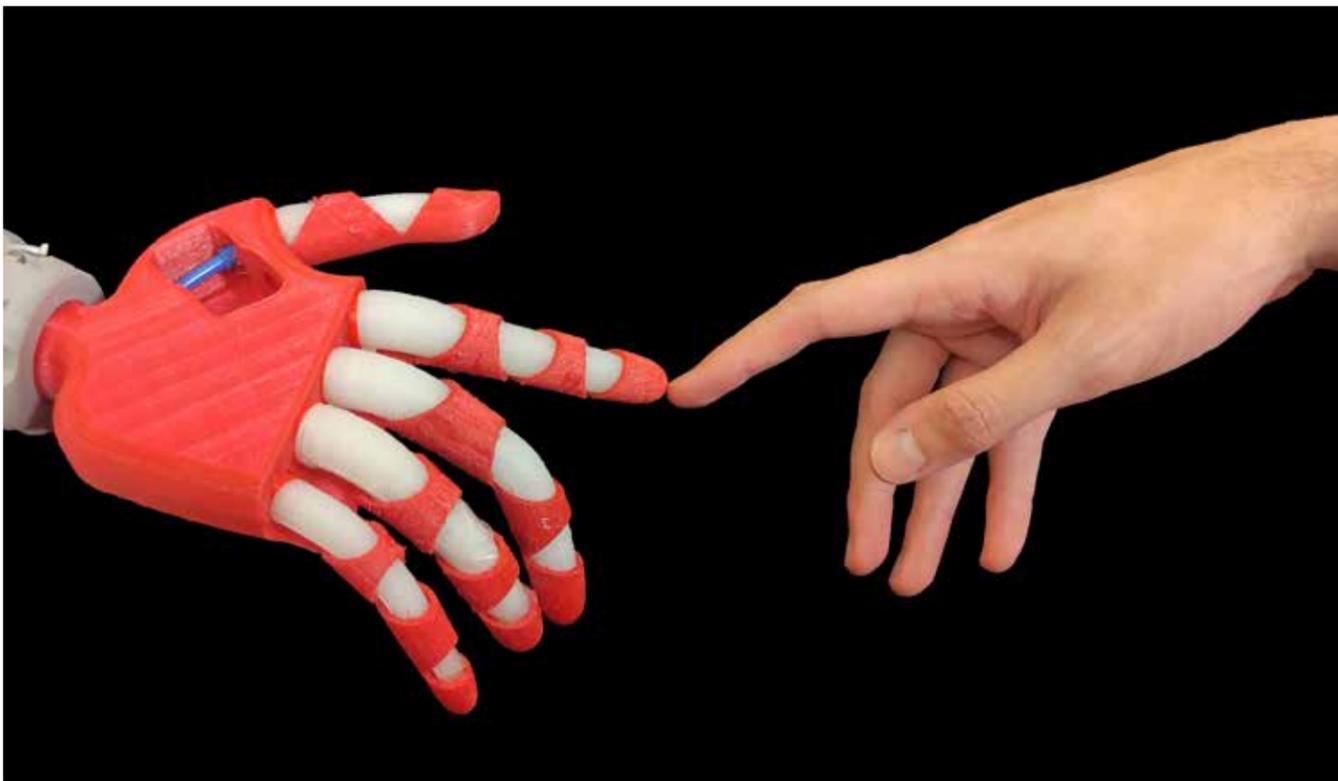
Por acaso pensava que já tinhas mesmo tocado numa das Ilhas. E também lançaste uma música com esse nome, não é?

DANYKAS DJ Ya, *Uma das Ilhas* era uma frase muito usada pela minha mãe. Cabo Verde é composto por dez ilhas, e a minha mãe é de Brava. Então cada vez que lhe perguntavam: “de onde é que és?”, ela respondia sempre: “de uma das Ilhas”, que é uma expressão muito usada pelo pessoal que nasce em Cabo Verde. Quando não queres dizer de onde é que és, dizes “sou de uma das ilhas”.

Tu inspiras-te muito nas tuas raízes no teu processo criativo, não é?

DANYKAS DJ Ya, principalmente na minha mãe. Ela era muita viva, sabes daquelas pessoas que tu sabes que tens a sorte de ter na tua vida? A minha mãe era dessas pessoas! Eu olho para ela e chovem ideias. É a minha maior motivação. Tudo o que possas imaginar do que é uma boa pessoa, ela também o era.

# CENTRAL PARQ



# Simbiose

## ENTRE A ESTÉTICA E A ROBÓTICA

texto Afonso Teixeira e  
Beatriz Nascimento\*

Robots imitate life as  
life imitates art.

Desde sempre, a tecnologia tem vindo a causar profundas transformações na noção estética da sociedade. Estas transformações devem-se ao facto de a tecnologia se ter tornado determinante na vida contemporânea.

É possível estabelecer uma forte correlação entre os avanços tecnológicos e científicos e a forma como a arte é percebida desde os finais dos anos 60. Esta percepção ficou como herança da ode modernista das máquinas, sendo transversal nas artes. Isto é particularmente perceptível na arquitetura, com o desenvolvimento de casas inteligentes e a uniformização do traço, e no cinema, nos filmes de ficção científica, com a utilização de CGI.

Assim como a tecnologia influencia a arte, o oposto também sucede, no sentido da funcionalidade e inovação. Existe, também, uma clara relação simbiótica entre a arte e tecnologia na definição de uma estética que se reflete no gosto comum.

Do lado da robótica, na escolha de materiais e formas, a estética é relevante porque para muitos usuários, a interação com a tecnologia tem que envolver um apelo visual (*"The Internet And The Arts: How New Technology Affects Old Aesthetics"* n.d.).

Robots inspirados na Natureza estão a tornar-se populares por duas razões: primeiro, animais e humanos estão totalmente adaptados ao seu meio envolvente; segundo, os robots tradicionais, que usam rodas para se deslocar, têm os seus movimentos limitados a trajetórias planas. Os soft robots são feitos de materiais flexíveis que recriam propriedades da pele. Estes robots têm um movimento fluido e interação delicadamente com o espaço. Para além da harmonia estética, os soft robots são o mais próximo que a robótica consegue chegar na imitação da Natureza. Esta tecnologia pode ser utilizada na indústria, em grippers alimentares, ou na medicina, especialmente em próteses.

Esta vertente da robótica, ao priorizar a fluidez das formas e um design personalizado, torna-se mais visualmente atrativa aos olhos do observador. Afasta-se da pré conceção dos robots rígidos e metálicos, do imaginário distópico do homem versus máquina, e aproxima-se de uma estética coesa. Estes robots existem em sintonia com o espaço circundante, imitam a vida assim como a vida imita a arte.

\*texto em colaboração com o Laboratório de Robótica Colaborativa da Universidade de Coimbra (CORLUC). Todas as fotos são cortesia do CORLUC e dos autores

Vista de exposição Arrábida Bound , Luís Palma e Miguel Palma, curadoria Miguel von Hafe Pérez. Galeria insofar, 2021  
Imagem cortesia insofar

## Miguel Palma & Luís Palma



### ARRÁBIDA BOUND

texto Carla Carbone

*Breve Sinopse:*

*A exposição Arrábida Bound, patente na galeria Insofar, teve origem numa ideia de Miguel von Hafe Pérez em reunir o trabalho de dois amigos, Miguel Palma e Luis Palma. A ponte Arrábida do Porto foi o elemento agregador e o motor de desenvolvimento desta ideia.*



Luís Palma, Série "Vinte e cinco Palavras ou Menos", 2021.  
Exposição Arrábida Bound, Galeria insofar, 2021.  
Imagem cortesia insofar

O primeiro olhar resvala para um grupo de desenhos que se encontra imediatamente à frente, quando entro na galeria. São representações de pontes, sobretudo pilares, circundados por discos coloridos que parecem deslocar-se da esquerda para a direita. Um grande estirador, com o tampo inclinado na vertical, posiciona-se mais à direita, e deixa-se revelar, na superfície, por um conjunto de vestígios sobre a ponte Arrábida no Porto (ou outras pontes), e por uma pequena engrenagem, que denuncia um movimento mecânico em potência. O estirador que MIGUEL PALMA usa, para fazer a sua instalação, foi deixado algures em Portugal, por um arquitecto estrangeiro que, ao ausentar-se do país, não pôde transportar consigo o estirador, pois o mesmo era muito pesado.

Ainda à entrada da galeria, tenho a necessidade de olhar, para o interior, fazendo um movimento circular com a cabeça. Da esquerda para a direita. Encontro desenhos de MIGUEL PALMA, fotografias de LUIS PALMA, novamente desenhos de MIGUEL PALMA, estes a lembrar as máquinas de DUCHAMP, o pesado estirador, e por fim, fotografias do interior de uma roulote, realizadas, mais uma vez, por LUIS PALMA. Parece ser uma daquelas exposições em que se procura contrariar a tendência de criar, ou impor, um percurso linear ao visitante, onde existe um princípio e um fim, ao invés de sermos nós a realizar esse percurso, de modo autónomo e independente.

Porém, interrogo-me se esse movimento circular na minha cabeça, provocado pela disposição das peças, não teria sido feito de propósito, justamente para simular o movimento que o criador, o então engenheiro EDGAR CARDOSO, realizou quando se encontrava de baixo da ponte, e justamente para provar que a mesma era segura.

Há toda uma relação entre a máquina, engenho, e a obra de MIGUEL PALMA. Uma obra que assenta numa crítica ao progresso, nos termos em que o mesmo conduziu a um estado de ruína, com a crença cega no capitalismo. Vogam sobre o observador, pensamentos sobre o efémero, sobretudo quando o olhar se detém no estirador, um pesado instrumento fazedor de desenhos rigorosos e de sonhos de progresso. Assola à mente um sentimento de melancolia, melancolia por um tempo de optimismo em torno das máquinas que já acabou, ou a crença no progresso que perdeu o seu encanto.

No trabalho de MIGUEL PALMA há todo um passado de máquinas: do automóvel às armas de precisão, dos telescópios aos aviões. E ainda as pontes em miniatura. MIGUEL PALMA fez muitas, e quando estava nos Estados Unidos chegou mesmo a construí-las em betão. Tal como o estirador do arquitecto desconhecido, quase iam ficando por lá, sem possibilidade de as reaver, ou trazer depois. Por serem muito pesadas, e difíceis de transportar. A peça instalada na galeria Insofar, simula esse período nos Estados Unidos em que MIGUEL construiu maquetes de muitas pontes, constituindo um elemento representativo dos moldes lúdicos que realizou nessa altura. Existem alusões a aparatos mecânicos mas não sem antes assegurar significacões que não se fecham sobre si mesmas. Que se manifestam plurais, se opõem, e promovem sentidos múltiplos, questionamentos e debates em vários planos, como o debate artístico, económico, político. Com humor, e em oposição, PALMA utiliza a máquinas como ponto de reciclagem/viragem, até de partida, para novas leituras. Além da sua relação com o progresso e a sua desrealização, tornada possível com a adopção, por oposição, no desenho, de elementos mecânicos e da fotografia, MIGUEL PALMA permite, com o humor, atribuir uma certa ambiguidade às peças, isto é, tem o cuidado de não encerrar, as pequenas máquinas, num exercício de nostalgia sobre um progresso que falhou, mas antes ampliar e tornar inesgotáveis as “possibilidades de interpretação”.

Entre a máquinas de fazer pontes, como parece ser o molde em madeira que assenta sobre o estirador, e as fotos que se seguem a esta peça, e se encontram à sua direita, reside um longo silêncio. Um silêncio perturbador. Por mais que o curador explique que se tratou de



↑ Miguel Palma, *Land, Air, Ocean by P*, na Exposição Arrábida Bound, Galeria Insofar, 2021. Imagem cortesia Insofar

um achado. Num dia em que passeava com o próprio fotógrafo LUÍS PALMA, numa das margens do rio. Os dois caminhavam de modo descontraído quando terão dado por um barulho proveniente de alguém a tocar uma bateria. A curiosidade fe-los caminhar até perceberem que o som vinha de uma velha autocaravana. Lá dentro encontrava-se um músico que tocava fervorosamente. Veio, mais tarde, a explicar, que teve que se refugiar naquele lugar para poder praticar, porque onde residia anteriormente não podia fazer barulho. As fotos, em formato triptico, revelam o interior de uma autocaravana já antiga. Uma porta, ou várias, um prato lusidio de uma bateria, pretences vários, como objetos pessoais, compõem esse interior, e articulam-se em torno de uma monocromia dourada.

Mas, voltemos ao hiato, à relação, ou não relação, existente entre o estirador e as fotografias, de LUÍS PALMA, dispostas sobre a parede. Que outras relações podem existir entre as peças melancólicas de MIGUEL PALMA e as fotos, algo cruas e socialmente comprometidas, com que so-

mos presenteados por LUIS PALMA? Terá MIGUEL VON HAFE PÉREZ procurado deixar ao leitor a ideia do ecrã branco, de um “para lá do visível”, no sentido de DELEUZE, o de fornecer um fora de campo, um espaço off, uma existência além dos contornos fechados da fotografia? O que terá acontecido entre o passeio junto à ponte e a autocaravana? Que outras histórias perdemos, e o que elas nos poderiam acrescentar à história destas fotografias? A um dado momento, DELEUZE diz-nos o seguinte, em *Imagem e movimento*, “tanto assim é que há no quadro muitos quadros diferentes. As portas, as janelas, os postigos, as frestas, os vidros de um carro, ou os espelhos, são outros tantos quadros no quadro”. Como se fosse um “quadro dos quadros”, com vista à divisibilidade, constituído por various pontos de vista, em cima, em baixo, reduzido, ampliado, produzindo uma sensação de “decalage”, de sentidos algo paradoxais, ou ainda uma desterritorialização da imagem, como diria ainda DELEUZE. Concebendo, ao leitor, a oportunidade de construir, ele próprio, “uma imagem mental” de um todo da exposição, de assim a concluir, com o seu próprio cunho.

texto Manuela Marques

foto Filipe Ferreira



MARÁIA QUÉRI intitula uma especial dissertação académica, apresentada em palco –de teatro–, acerca da importância que a música tem no nosso dia-a-dia. Para a qual, ROMEU COSTA convoca detalhes biográficos, da sua cronologia pessoal, para construir um espaço de partilha e diálogo, num formato de conferência, analisando e desvendando questões intrincadas sobre Gosto musical. O que dizem de nós as *playlists* que organizamos, criteriosamente, e ouvimos, em diversas ocasiões?

Esta preleção desenrola-se entre momentos pedagógicos, onde se adquire ou relembra lições de solfejo, e reflexões concertadas pelas várias interrogações colocadas e ponderadas –inclusive resultado de um estudo via inquérito, previamente feito–, com intuito de abordar a ideia de *guilty pleasure*. Quais são os *guilty pleasures*, musicais, que nos acompanham, ao longo da vida? Em que medida eles são capazes de nos revelar ou desnudar perante os Outros?

O conceito de *guilty pleasure* está circunscrito a um espaço de intimidade, a solo, de si-mesmo para si-próprio. Sendo um estrangeirismo quase intraduzível, ou repare-se, e aplicando a tradução à letra para português: Culpa Prazer, portanto entendendo-se como um Prazer Culpável ou uma Culpa Prazerosa. Esta expressão-sentimento está, claramente, associado a algo que nos satisfaz bastante mas que, por algum motivo, nos pode envergonhar, se cair em domínio público.

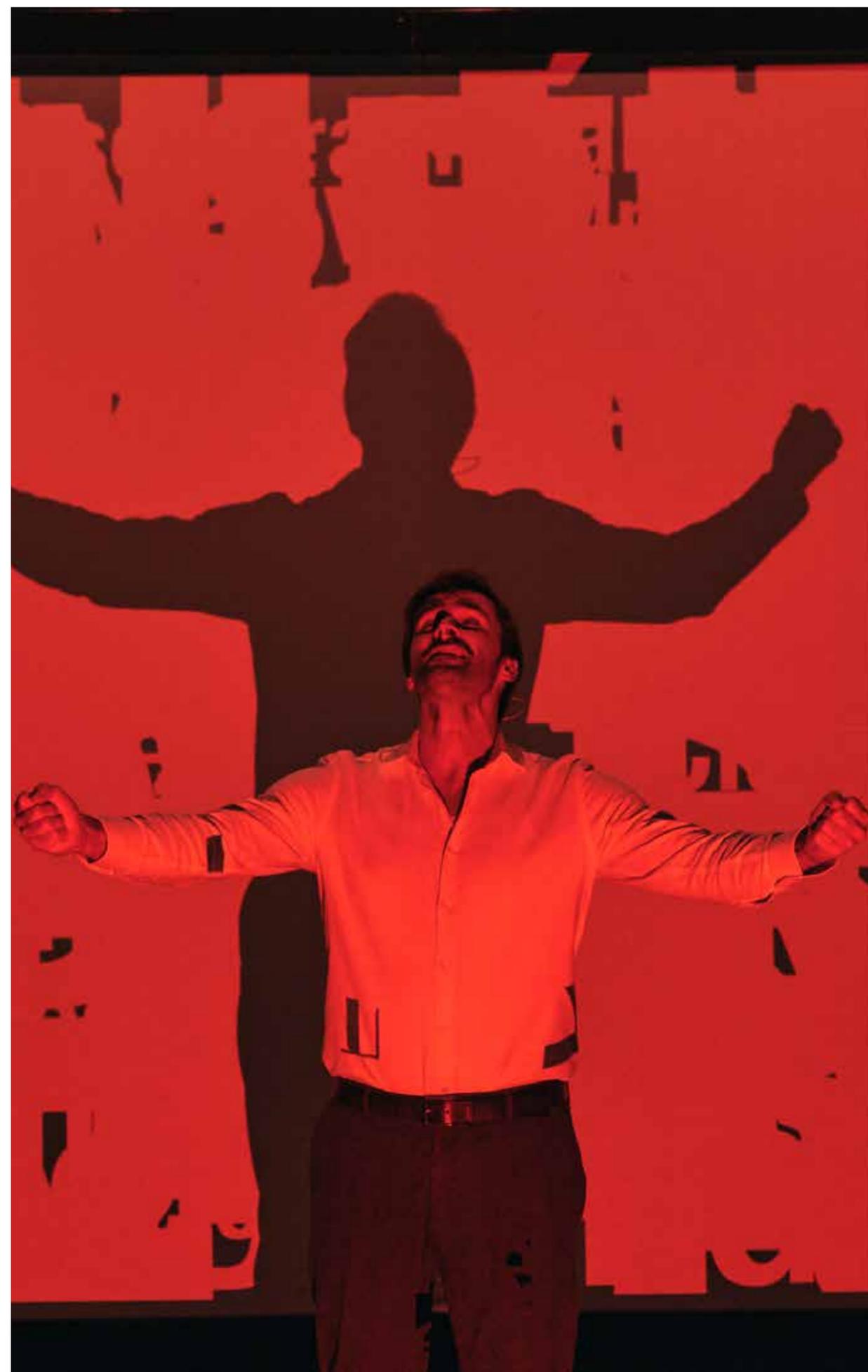
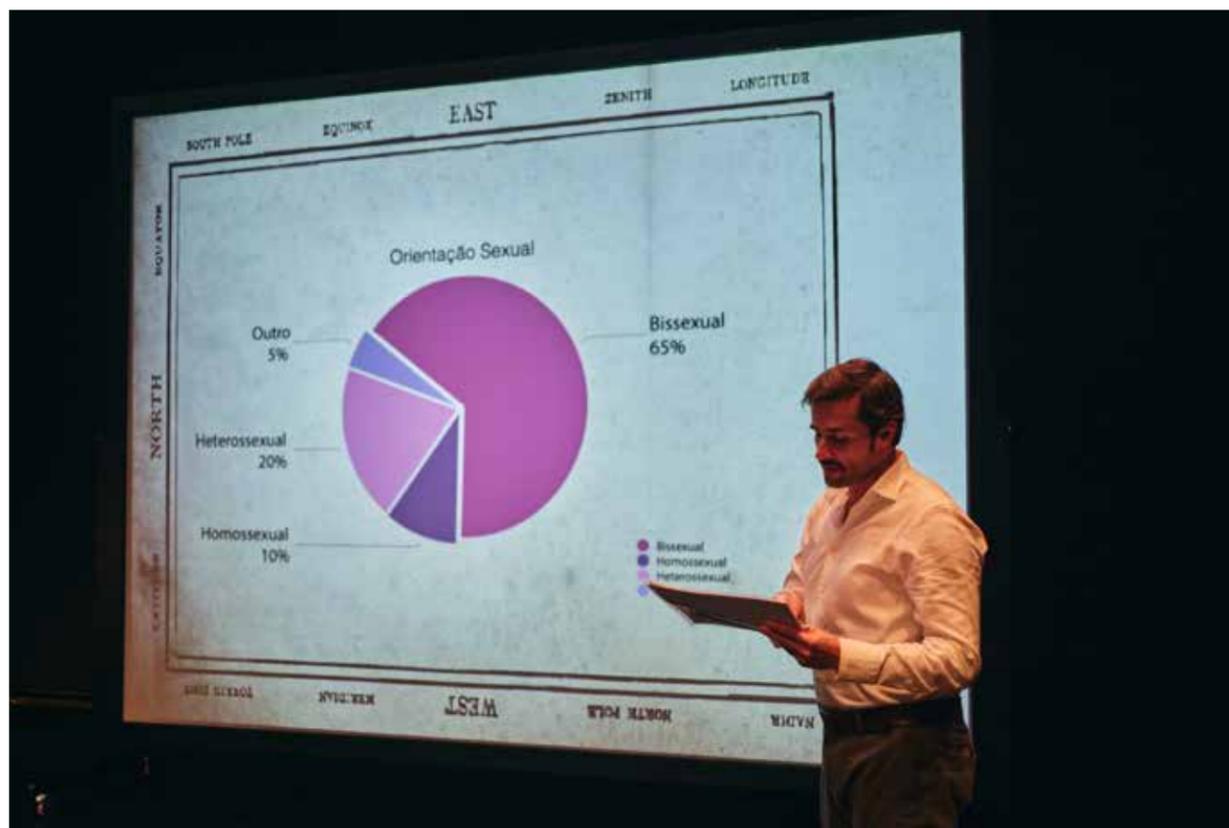
No que diz respeito à música, o *guilty pleasure* parece agir como um lugar íntimo para nos encontrarmos –seja por desilusão, nostalgia, euforia, dor, raiva, amor, etc.–, potenciando a capacidade de ouvir, porque abre uma espécie de silêncio, mas um silêncio cheio de sentido pessoal, e que é intransmissível. A música funciona, naturalmente, como zona franca catártica, é o meio mais simples de ativar emoções –o infalível truque da ficção. Há uma certa beleza nos *guilty pleasures*, dado que nos permitimos Existir –mesmo que só em privado–, bem como algum pudor, pelo julgamento alheio, que coloca em causa a sensação de Pertença.

MARIAH CAREY, decerto o gatilho que originou este projeto, surge como referência, exemplo musical, em jeito de *study case* para adensar o tema em discussão. Ela [MARIAH], uma figura incontornável da música pop, pelo seu legado, é, simultaneamente, símbolo de sucesso e de vulnerabilidade. Como tal, o nosso protagonista-orador evoca a diva, e a sua música, para nos ilustrar, com propriedade e verdade, a razão da sua tese.

Em cena, apenas ROMEU COSTA (ator e encenador), 2 cadeiras, 1 banco corrido, 1 mesa e alguns objetos pessoais –entre os quais estão artefactos tecnológicos dos anos 90, do século passado–, que é o suficiente para o transformar num Herói, singelo, pela sua generosa e

dedicada entrega nesta peça. Ele [ROMEU] arrebatava-nos tanto com as palavras faladas, repletas de significado, como quando nos fala sustentado –canta– trechos de músicas, especialmente, de alguns temas icônicos da cantora que inspira o espetáculo. Em MARÁIA QUÉRI, ROMEU está Presente, em pessoa, sem necessidade de Representar –ou seja, de se tornar presente–, porque de forma nobre se expõe perante o olhar dos espectadores.

E com comoção, manifesto que MARÁIA QUÉRI é uma experiência imperdível, cumprindo-se como objeto artístico sensível e inteligente, aliando a vivência, a pedagogia e a cultura, razão que o torna acessível e tangível a uma larga diversidade de públicos.





fato JACQUEMUS  
sapatos PRADA  
pulseira CARTIER

Não vamos fingir que não nos conhecemos, conhecemos sim. E também é um dos motivos para estarmos aqui, o teu percurso tem sido demasiado curioso para não falarmos dele. Pessoas como tu têm de ser entrevistadas.

## JUSTIN AMORIM

### JUST(IN) WORLD

entrevista produção  
Patrícia César Vicente Patrícia César Vicente  
fotografia make-up & hair  
Tatiana Saavedra Du

Antes de mais, o teu percurso. Como e onde é que tudo começou para ti?

JUSTIN Começou com os filmes, acho que para qualquer pessoa que trabalha com cinema, começa com os filmes. Em criança pelo “*Peter Pan*, *A Pequena Sereia* e os *X-Men* (em especial o segundo), na adolescência pelas *Virgens Suicidas* e *Mean Girls*, mas foi já em adulto que descobri alguns dos meus filmes favoritos *Thelma & Louise*, *Tree of Life*, *Mommy*, *Metropolis*, *La Grande Bellezza*... acho que fugi à pergunta e perdi-me nos filmes, mas resumidamente, começa com os filmes, na sala de cinema. Uma das memórias mais vivas que tenho foi de ver o *X-Men* no cinema, no ano de 2000, em Toronto, com a minha mãe, irmã e dois rapazes vizinhos. Tinha sete anos. Foi incrível.

Em criança, sempre foste o “artista” da família?

JUSTIN Nunca fui o artista da família, zero mesmo. A minha irmã sempre foi mais criativa que eu em termos de artes visuais, música, dança... Hoje em dia ela é advogada e eu sou realizador. Não me parece que haja um ligação direta com os interesses que temos com 4 anos e o que nos move aos 30. A ideia de “artista” em criança é pintar e desenhar mas há muitas outras formas de arte que não estão à nossa disposição quando somos muito novos, só mais tarde é que podemos ter acesso aos instrumentos necessários como máquinas de filmar/fotografar ou máquinas de costura por exemplo. Talvez fosse criativo mas não tinha os objetos certos com que me expressar.



hoodie JACQUEMUS  
camisa e calções CASABLANCA  
meias AMERICAN APPAREL  
botas JACQUEMUS



camisola PRADA  
calções BOTTEGA VENETTA

E o apoio da família, em que medida é que foi importante para ti? Sentiste sempre compreensão por parte das pessoas à tua volta enquanto te descobrias?

JUSTIN A minha família sempre apoiou a decisão de estudar cinema, aos 16 anos pedi como prenda de anos um mini-curso intensivo de cinema de 2 semanas em Nova Iorque e eles ofereceram isso. Foi muito especial e importante para mim. Foi durante essas duas semanas que decidi que iria estudar cinema em Nova Iorque durante os próximos 6 anos. Acho que esse apoio que me deram diz tudo. Tive e tenho muita sorte de ter a família que tenho.

O JUSTIN AMORIM, produtor tão baby em comparação com o que estamos habituados. Está fora de padrões, a tua postura, a tua abordagem, o teu estilo de fazer as coisas. E aqui vou contar uma coisa. No dia em que te conheci, na sequência de um trabalho que estávamos a fazer tu abriste a porta de tua casa, do teu closet e disseste leva tudo o que precisares. Não me conhecias de lado nenhum, a isso marcou-me. É óbvio que estou habituada a trabalhar com produtores e realizadores com uma relação “tu cá-tu lá”, mas Damn... Costumas ser sempre assim? Como é que te impões numa equipa como produtor ao teres essa atitude tão próxima e cool? Não temes que as pessoas “abusem”?

JUSTIN Fizeste-me rir com esta pergunta. Olha PATRÍCIA... tu apanhaste-me num dos meus primeiros projetos como produtor e eu ainda era muito ingénuo, continuo a ser, mas um pouco menos agora. A minha tendência natural é de ser extremamente generoso com os projetos e autores com que trabalho. Infelizmente, tenho que combater isso porque as pessoas abusam, como dizes. Mas sou e serei sempre generoso até sentir que abusam, nessa altura paro de o ser e imponho-me. Melhorei muito a impor-me, tenho feito um trabalho de auto-afirmação há alguns anos que me permite agora bater o pé e dizer “não” quando necessário. Já estou mais calejado.

O teu estilo, a tua maneira de vestir. Vamos ser realistas, sai do habitual ou “típico” realizador. Qual a tua relação com a moda, e essa falta de medo de não ser levado a sério só porque estás fora de um suposto padrão?

JUSTIN Não tenho nada essa noção sobre mim mas se tu o dizes, aceito a agradeço! A minha mãe adora moda, sem dúvida que apanhei dela. Eu uso o que me apetece, sempre. De manhã quando acordo gosto de pensar no que vou fazer ao longo do dia e nas pessoas que vou ver e tento criar um look que faça sentido para os lugares e pessoas. Até acho que dou bastante importância ao que as pessoas pensam de mim. Mas sim, já fiz reuniões com executivos de televisão em que estou com o cabelo completamente despenteado, botas pretas grandes e um trench coat gigante até ao chão. Sou um bocado esquizofrénico na forma como me visto.

Como é que surge a PROMENADE? E até onde pensas chegar com a tua produtora?



fato JACQUEMUS  
pulseira CARTIER

JUSTIN A PROMENADE é o meu bebé grande. Nasceu em 2015 para produzir a minha longa-metragem *Leviano*, ficou em standby até 2018 e a partir daí foi sempre a crescer. Logo nesse primeiro ano entrou a “#CasaDoCais” que foi muito importante para o crescimento da PROMENADE. Já são quase 4 anos... Mas esta pergunta é difícil, não sei até onde penso ir. Eu acredito que consigo chegar às nuvens, mas questiono-me constantemente se estou disposto a abdicar de tudo o que é necessário para lá chegar. Acho que as pessoas não têm bem noção do quanto eu trabalho, eu nunca paro de trabalhar. Felizmente tenho a melhor equipa possível, sou superabençoado por ter encontrado a equipa que está atualmente comigo todos os dias no escritório e sinto-me responsável por fazer o melhor que consigo para lhes provar que fizeram a escolha certa de virem trabalhar comigo.

Neste momento quais os projectos que podemos ver e onde, e claro, alguma novidade que nos possas adiantar?

E não digas que não tens nada..porque eu não acredito!

JUSTIN Tenho muita coisa. Recentemente estreámos as séries *5-Starz* e *A Mim, Nunca* na RTP Play. Já no próximo dia 21 de Março lançamos a série *Nem a Gente Santa* também na RTP Play. Dia 25 de Março estamos nos Estados Unidos a estrear a nossa segunda longa-metragem *Fragil*. Tenho várias curtas-metragens a estrear – *Nobody, 15’, Autoerótico, Sob Influência (...)* e vem aí mais uma longa-metragem *Amo-te Imenso* muito em breve. Há um videoclipe realizado por mim para a MARIA “BELL” SAMPAIO a estrear em breve... e ainda nesta primeira metade do ano começo a filmar o meu próximo projeto de cinema como realizador.

A tua relação com a escrita, a tua criatividade, a epifania em torno da moda, da realização e de uma visão tão clara do produto final que queres. Onde é que te inspiras? Que pessoas te inspiram?

JUSTIN A minha inspiração vem quase sempre de música e situações caricatas do quotidiano. Se estiverem a acontecer ao mesmo tempo (boa música nos AirPods + uma situação caricata) é game over. Começo logo a tirar notas. A minha mãe e irmã inspiram-me. Os meus amigos inspiram-me. Atravessar a ponte 25 de Abril inspira-me. Subir o Parque Eduardo VII ao pôr-do-sol inspira-me. Mas com música, sempre com música.

E agora para a despedida. Se pudesses pedir um desejo para o cinema e televisão em Portugal. Qual seria?

JUSTIN Que mais pessoas o vissem. Acho que isso resolveria grande parte dos nossos problemas.

PARQ  
FASHION

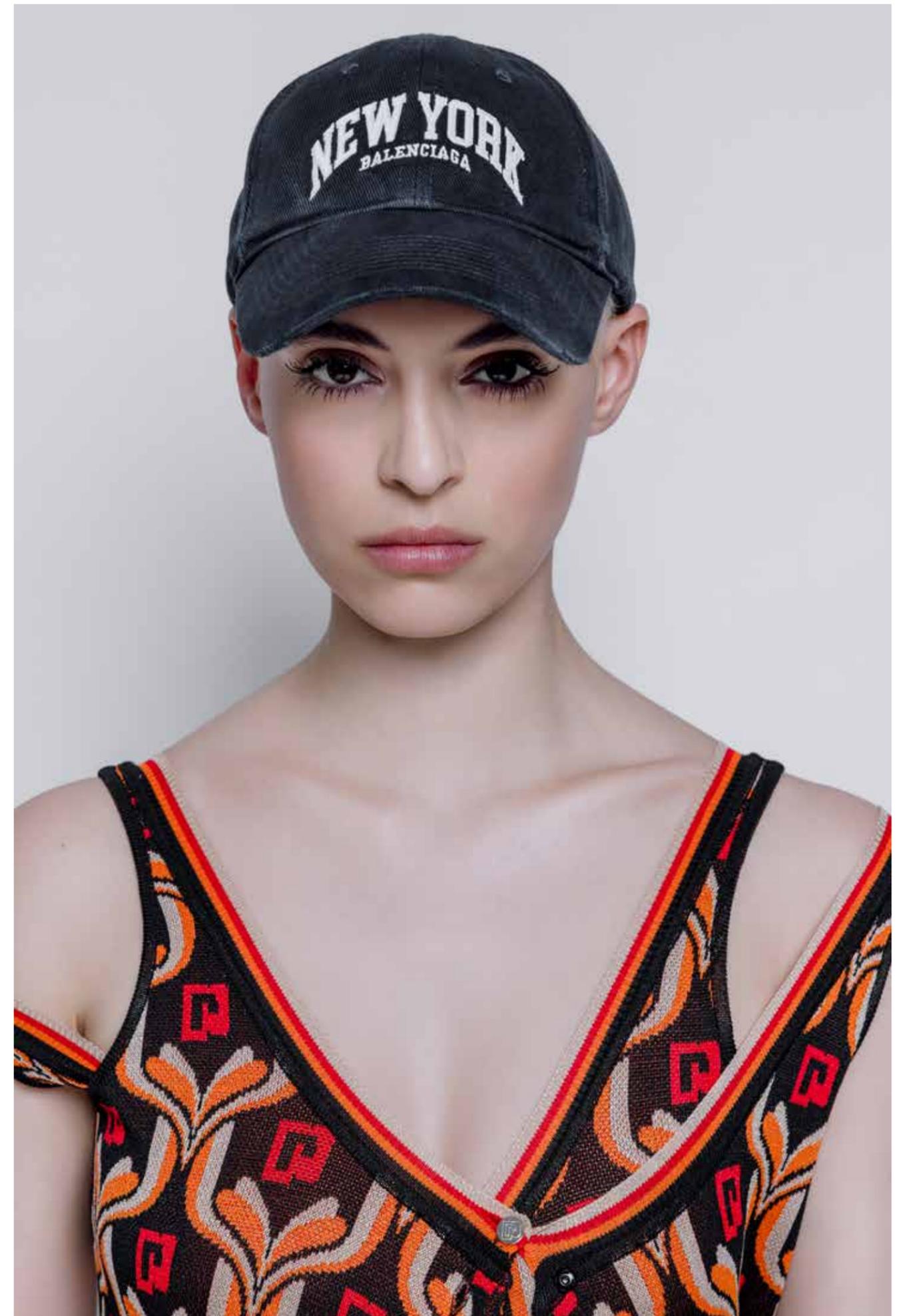
fotografia JOÃO LUÍS  
editor de moda TIAGO FERREIRA  
produção JHENI RIBEIRO

grommer VERÓNICA ZOIO  
direção de modelos FLOR GUERREIRO  
modelo ISABELLA @centralmodels

assistentes de fotografia: JORGE VALE, VALÉRIA  
assistentes de moda: GONÇALO BORGES, LETÍCIA LOURENÇO

Agradecimento Especial: ETIC

boné BALENCIAGA  
vestidos PACO RABANNE, tudo na Fashion Clinic





boné ACNE STUDIOS na Stivali  
casaco KRISJOY na Stivali  
calções de banho BOTTEGA VENETA na Stivali  
galochas BALENCIAGA na Fashion Clinic

boné ACNE STUDIOS na Stivali  
casaco KRISJOY na Stivali  
calções de banho BOTTEGA VENETA na Stivali  
galochas BALENCIAGA na Fashion Clinic





tudo BALENCIAGA na Fashion Clinic

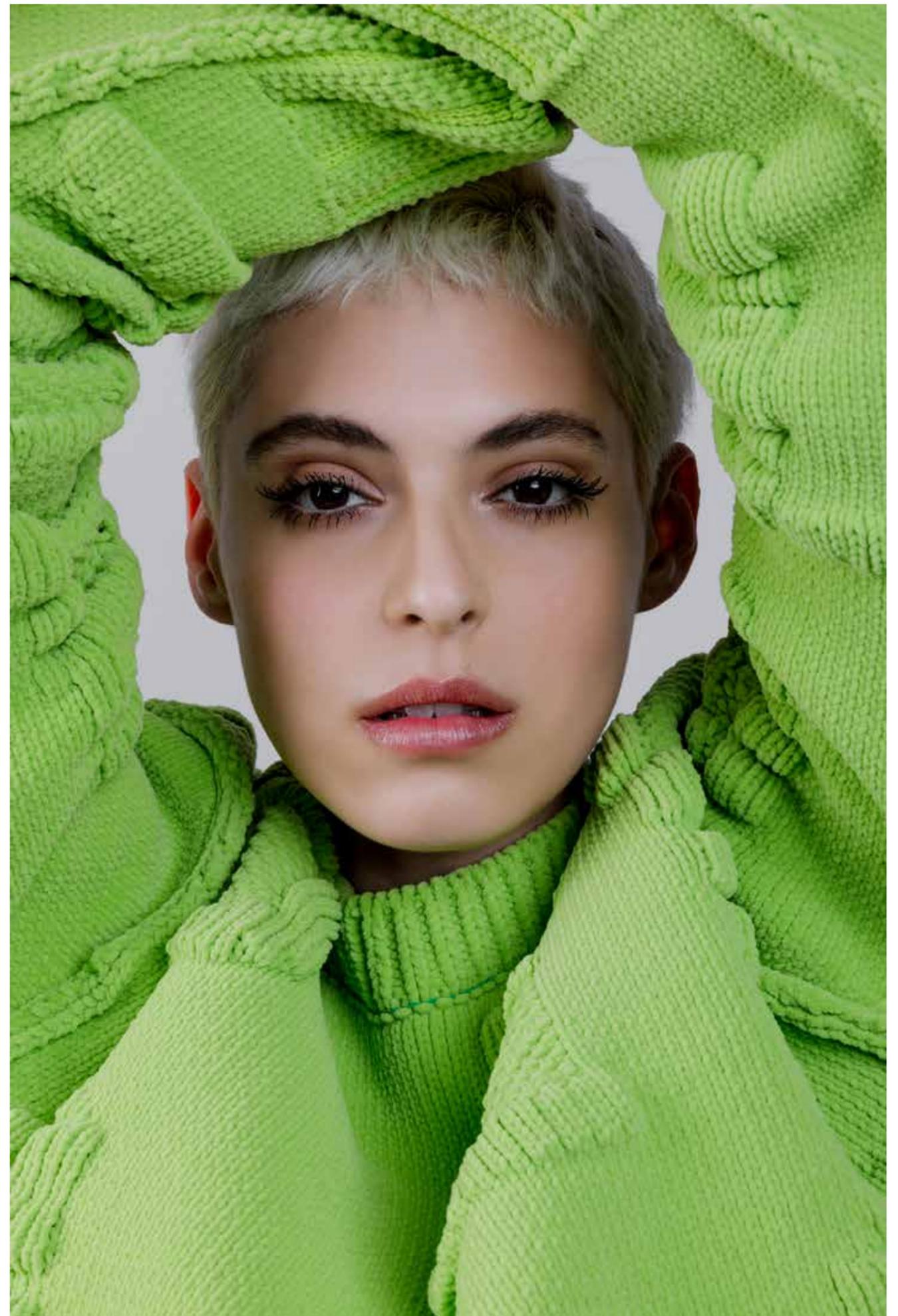


bucket hat ACNE STUDIOS  
camisa e calças JIL SANDER  
botas BOTTEGA VENETA, tudo na Stivali

bucket Hat ACNE STUDIOS  
crop top ALANUI  
calças e botas BOTTEGA VENETA, tudo na Stivali



camisola BOTTEGA VENETA na Stivali





bucket hat ACNE STUDIOS  
colete e cardigan CHLOÉ  
calças e botas BOTTEGA VENETA, tudo na Stivali



jeans JIL SANDER  
botas BOTTEGA VENETA, tudo na Stivali





crop top JACQUEMUS, na Stivali



vestidos e calças PACO RABANNE  
boné e galochas BALENCIAGA, tudo na Stivali



boné ACNE STUDIOS, na Stivali  
casaco e calças JIL SANDER, na Stivali  
galochas BALenciAGA, na Fashion Clinic

# A RAY OF SUNSHINE

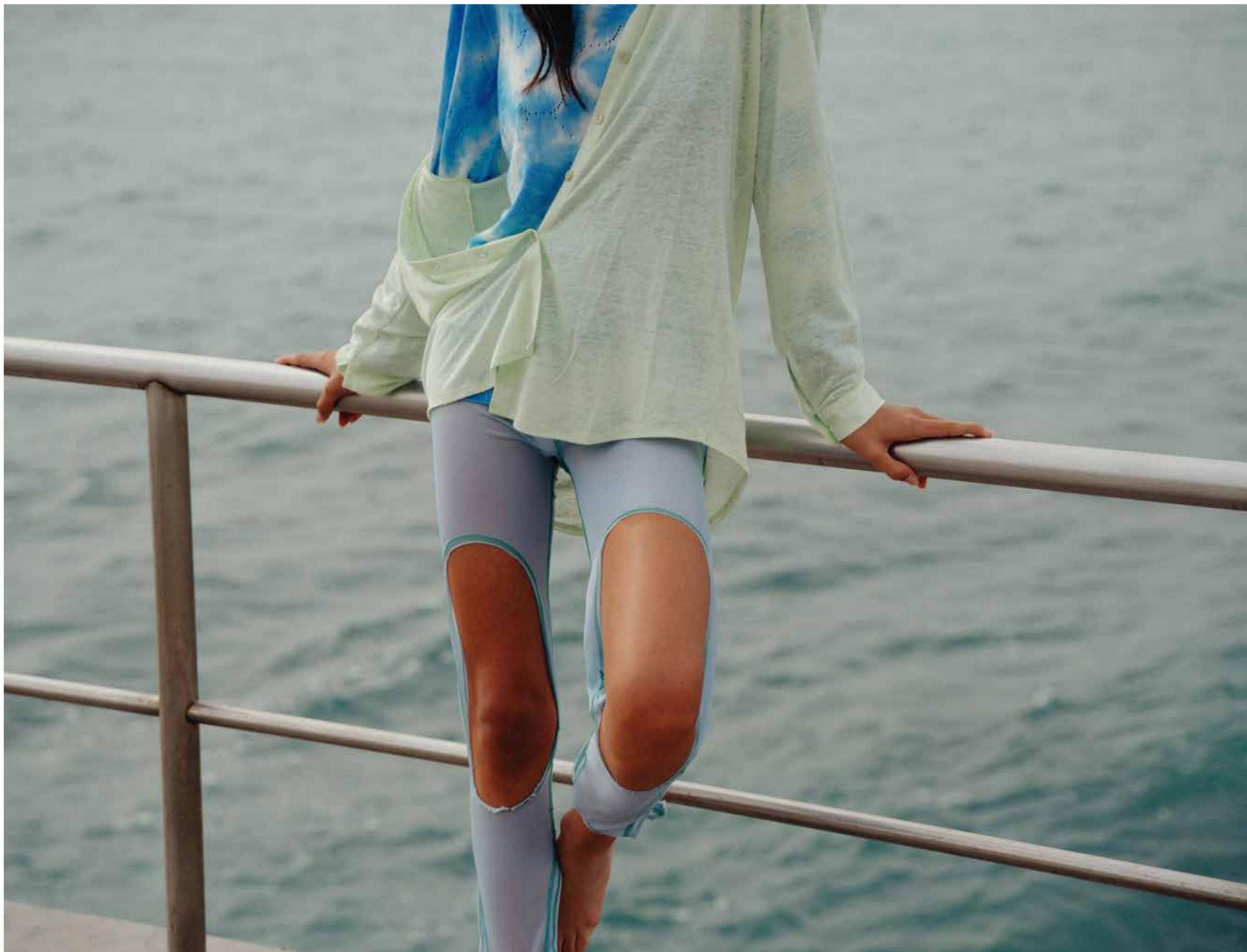
fotografia APRICOT BERLIN @apricotberlin  
styling DANIELA GIL @gildanielar

hair and make-up SILVIA FERREIRA @silviaferreirakeup

modelo BEATRIZ MACHADO @bia\_machado\_ from @weare\_models



vestido HERE I AM  
lenço LONGCHAMP  
brincos TOUS



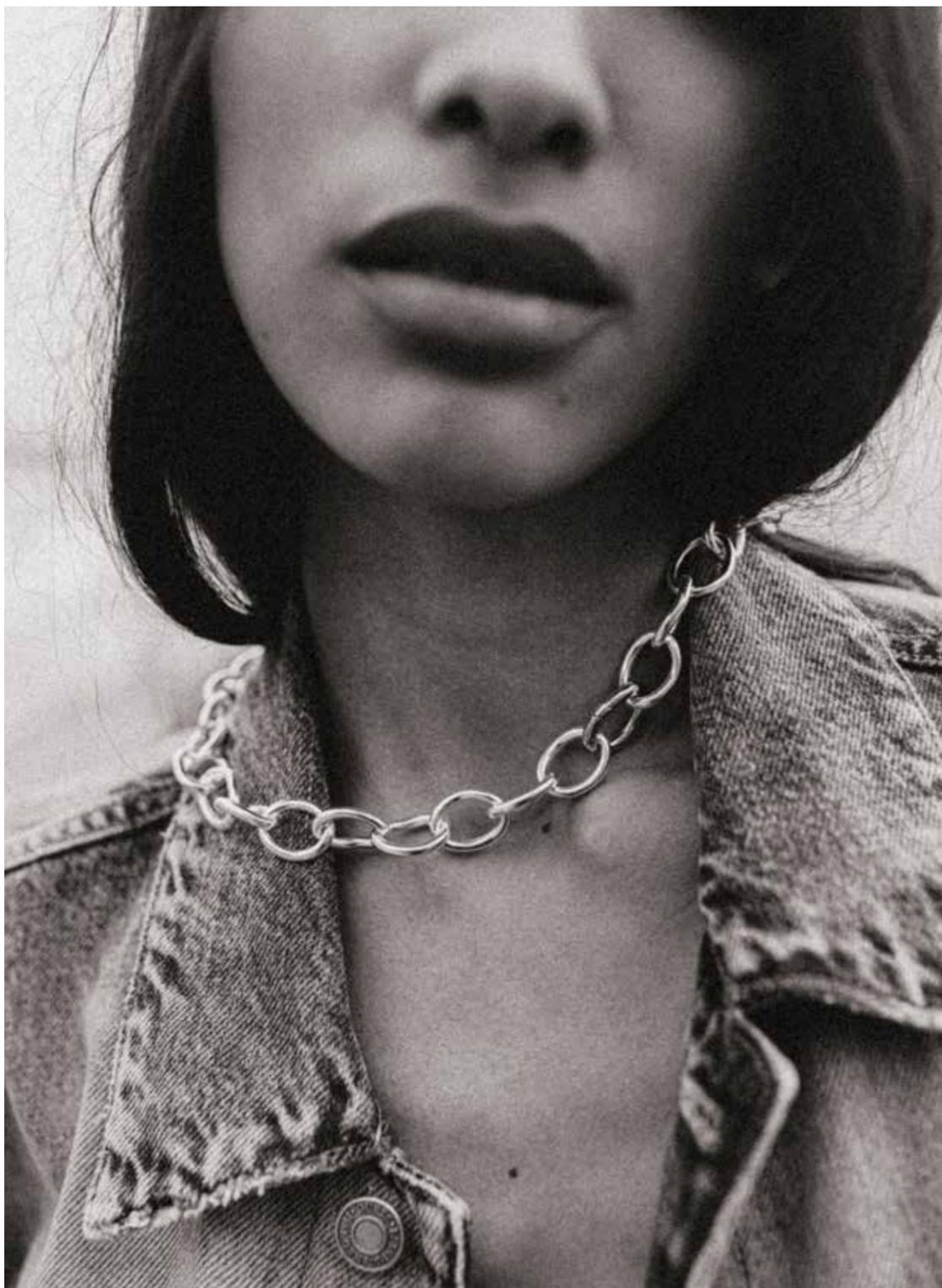
camisola PINKO  
camisa INTIMISSIMI  
leggings MARIA CURADO



colete GUESS  
calças de ganga GANT



top cropped TOMMY HILFIGER  
saia MALENE BIRGER  
socas LONGCHAMP



colete GUESS  
colar corrente TOUS



polo e saia LACOSTE  
colete GANT



colete, saia e socas LONGCHAMP



colete GANT  
saia LACOSTE  
sandálias MELISSA x VIKTOR&ROLF



vestido MALENE BIRGER  
óculos SALVATORE FERRAGAMO

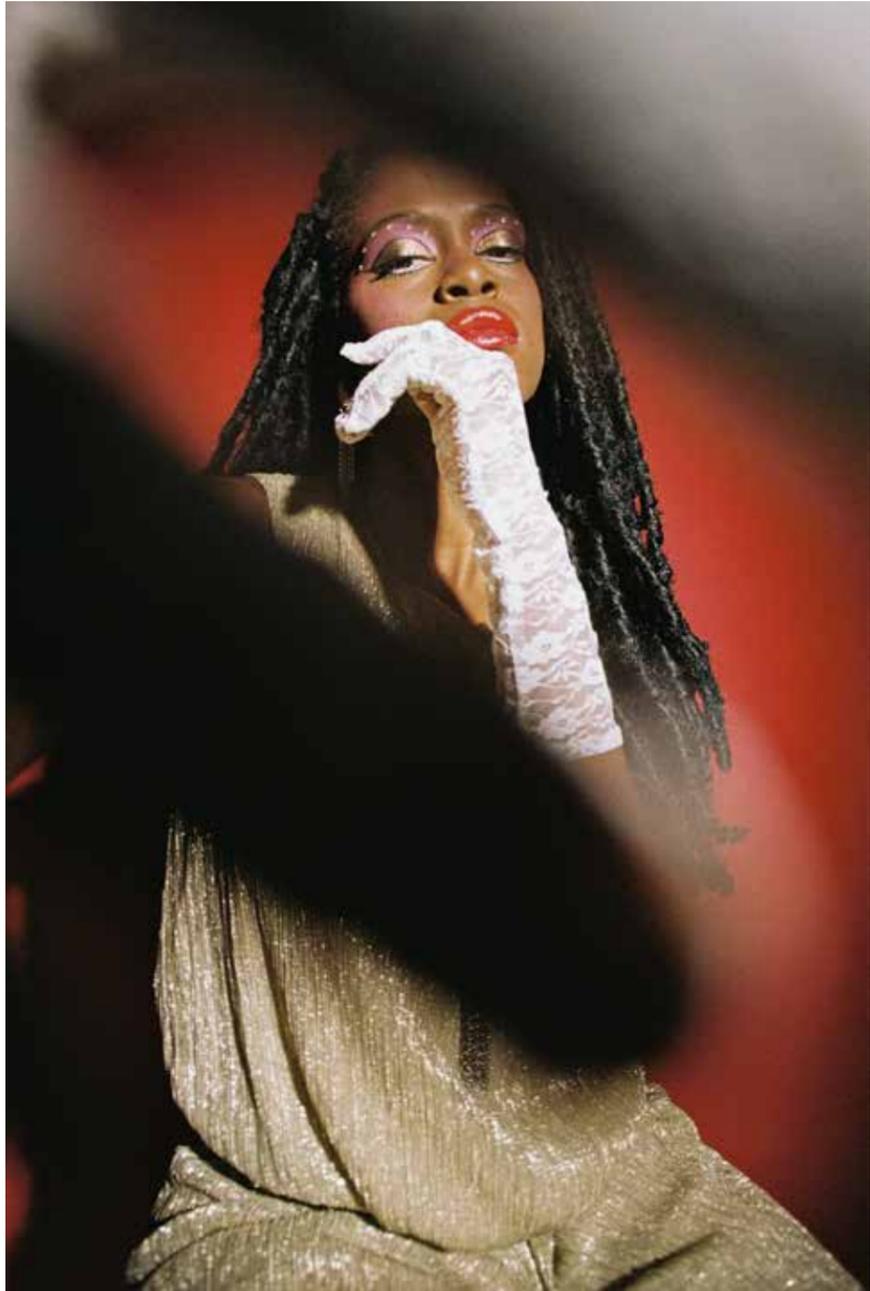
fotografia SARA SARAIVA @sarasaraiva\_\_\_  
produção e styling LEEN VAN DEN BOGAERT @lenathelabel

make-up DIOGO LOURENÇO @diiswayz  
videographer SIMON KRAEMER @simsemilla\_  
photographer assistant MARIA CORTEZ PINTO @maria\_cortez\_pinto  
styling assistant PEDRO CHALBERT @pedrochalbert

modelos MILA TSARKOVA, IVVI ROMÃO, MARTA SALDANHA from Blast Models



Ivvi, total look vintage na  
Outra Face da Lua



Marta, total look vintage  
na Pop Closet



Pop Closet  
desde 2017, Lisboa

## ANTÓNIO BRANCO

Porque se interessou pelo vintage fashion?

Vivi em NY mais de 20 anos onde trabalhava como stylist e onde o mercado vintage e de segunda mão está bem difundido e habituei-me desde cedo a comprar peças em segunda mão, tanto para mim como a incorporá-las nos meus projetos de styling.

Nunca achei necessário comprarmos novo o que encontramos em segunda mão! Valorizo acima de tudo a qualidade e a originalidade, valores que podemos encontrar em peças únicas vintage para além de estarmos a contribuir para um mundo melhor e mais sustentável uma vez que a indústria da moda é uma das mais poluentes e que utiliza maior número de recursos naturais.

Quais são as fronteiras de vintage?

Não vejo fronteiras no vintage, cada vez mais a moda é ditada pelas pessoas e não por designers, onde impera a originalidade e o revisitar de estilos passados misturados ao gosto de cada um! Uma moda mais democrática que facilita a introdução de peças vintage.

Por esse motivo julgo que o vintage já está 100% introduzido no dia a dia da moda das novas gerações e não vejo quaisquer limites ou fronteiras à sua utilização no futuro.

Como vê o lugar do vintage no futuro da moda?

Vejo uma integração total! O vintage já faz parte das opções de moda de muitos fashionistas e a tendência é para se tornar geral! O valor mais acessível das peças e a originalidade bem como o aspeto sustentável e de preservação do nosso planeta são fatores determinantes para o seu sucesso!





Mila, total look vintage  
na Retro City



A Outra Face da Lua  
desde 2005, Lisboa

JOÃO GALIZA

Porque se interessou pelo vintage fashion?

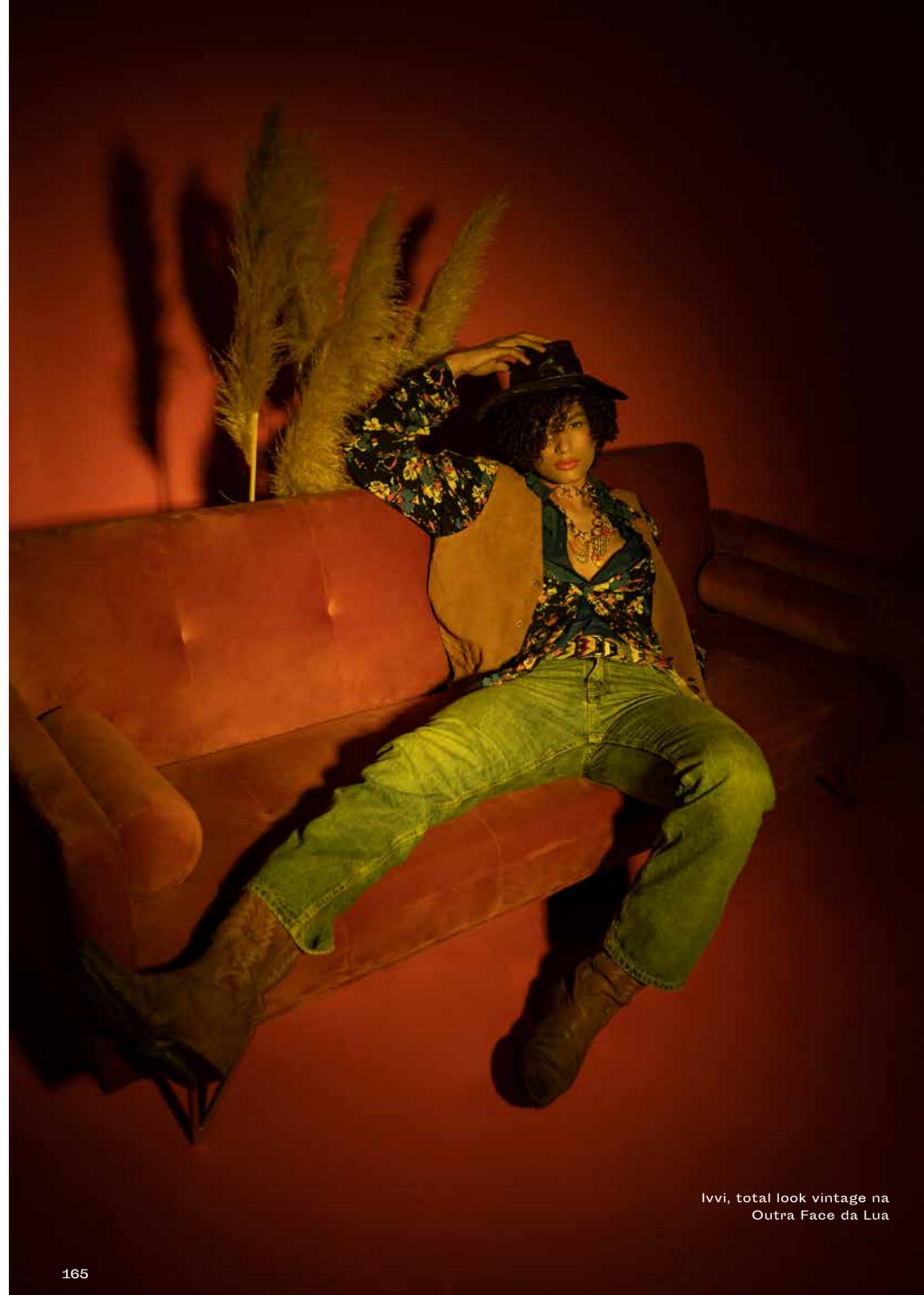
Por várias razões, tanto pela variedade de estilos, cores e tecidos que as peças vintage nos oferecem, como pela alegria que proporcionamos quando vemos um cliente a encontrar aquela peça que assenta como uma luva. Por outro lado saber que estamos a comercializar um produto que tem um reduzida pegada ecológica é uma grande vantagem.

Quais são as fronteiras de vintage?

Normalmente uma peça é considerada vintage quando se passam cerca de 20 ou 30 anos da sua produção, mas não é uma regra matemática, por vezes há outras peças de outras épocas mais recentes que ganham o seu lugar numa loja vintage. Acaba por depender do gosto e da escolha do proprietário da loja. No sentido contrário podemos dizer que o vintage acaba quando começa a classificação da peça como antiguidade. As peças de roupa da época vitoriana por exemplo estão em museus e não em lojas. Hoje em dia as peças dos anos 20 também já começam a ser classificadas como antiguidade pela sua raridade.

Como vê o lugar do vintage no futuro da moda?

Acho que terá um lugar absolutamente central. O vintage é um veículo essencial para reduzir a enorme pegada ecológica que a indústria da moda produz anualmente. Aliás, já vemos muitos designers e marcas a serem obrigados a incluírem este tema no seu conceito.





Marta, total look vintage  
na Pop Closet

Retro City

desde 2005, Madrid, 2015, Lisboa

## SHANN & ESTHER

Porque se interessou pelo vintage fashion?

Começou como um interesse pessoal. Sempre nos sentimos atraídas pela estética retro, tanto a nível de moda como de arte, música, história... cada peça tem uma história e isso é fascinante! Ambas concordamos que a roupa de antigamente era mais bonita como também consideramos o facto de ter cortes e tecidos de melhor qualidade. A roupa era feita para durar e era feita para assentar bem, individualmente. Existe também o factor "sustentabilidade" que é muito, muito importante!

Quais são as fronteiras de vintage?

Esta pergunta pode ser interpretada de muitas maneiras mas iremos apenas responder que não existem fronteiras para os looks que podem ser conseguidos usando roupa antiga. Cobre todos os estilos, desde os mais conservadores, aos mais arrojados. Mas seja qual for o vosso, apanhem já tudo o que conseguirem pois existe um limite de roupa vintage, não é infinita, principalmente as peças mais interessantes.

Como vê o lugar do vintage no futuro da moda?

Achamos que com o ganhar da consciência ambiental e com a maior aceitação social para estilos diferentes, a roupa vintage será cada vez mais procurada e isso irá fazer com que os valores subam! Mas vivemos tempos difíceis para pensar no futuro... só sabemos que agora, a Retro City está aqui!



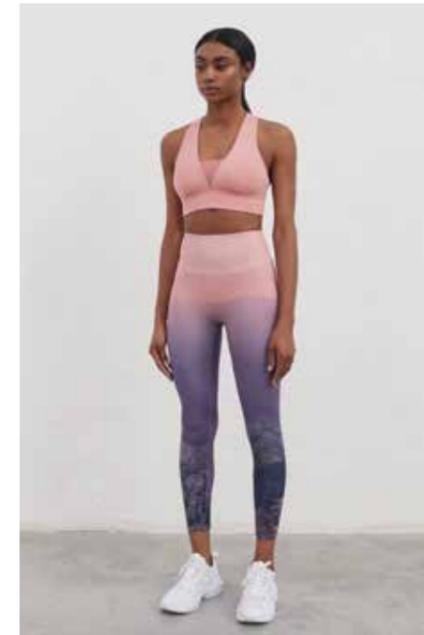
PARQ  
HERE

# DASH AND STARS

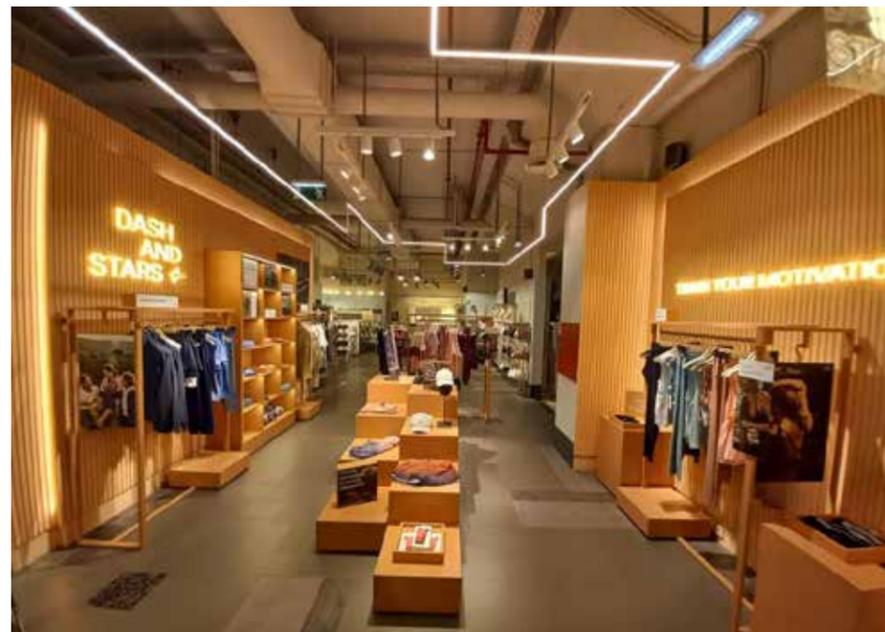
texto Maria São Miguel

A WOMEN'S SECRET acaba de reabrir no Centro Comercial Vasco da Gama, em Lisboa, uma nova loja que tem como novidade um corner, onde apresenta uma nova marca do grupo. A DASH AND STARS é a primeira marca de linha desportiva do grupo Tendam e disponibiliza sportswear adequado às práticas de running, fitness, ioga, padel e natação. É uma marca que integra sustentabilidade, tecnologia e design. Todos os produtos femininos adaptam-se na perfeição a mulheres de todas as idades. Foi criada em parceria com a experiente equipa técnica da WOMEN'S SECRET e representa a estreia do Tendam num segmento especializado que tem como estratégia futura, incubar novas marcas sustentáveis e de nicho.

Em Portugal, DASH AND STARS estará à venda, em exclusivo, na loja WOMEN'S SECRET Vasco da Gama e online em [womenssecret.com](http://womenssecret.com).



DASH AND STARS  
Centro Comercial Vasco da Gama  
Av. D. João II – Parque das Nações  
Lisboa



## LOJA DAS MEIAS -PORTO

texto Maria São Miguel

A centenária empresa portuguesa de moda, LOJA DAS MEIAS, chega ao Porto, mais concretamente ao Norteshopping onde se instala num espaço com 360 m<sup>2</sup> projetado pelo gabinete de arquitetos G4. Neste espaço procura-se criar um ambiente de luxo e de exclusividade. Um local de referência, no qual se apresenta as últimas tendências de moda a partir de marcas premium. *Alice & Olivia, Chiara Ferragni, Kenzo, Marc Jacobs, Ganni, Nº21, Paul Smith, See*

*by Chloe* são algumas das marcas premium disponíveis na nova loja, que combina elegância e sofisticação num distinto ambiente de pompa, pioneiro e inovador em Portugal. Uma das grandes novidades é a existência de um ecrã tátil com ligação direta ao e-commerce, que vai permitir aos clientes, não só ter acesso às marcas disponíveis na loja do Norteshopping, como às restantes marcas de luxo, à venda nas lojas de Lisboa e Cascais.



## CONTRA

texto Francisco Vaz Fernandes

O CONTRA é um restaurante projetado por 4 amigos com grande experiência na restauração e que estão à frente de projetos de sucesso que marcam o panorama nacional. Com o CONTRA apenas quiseram fazer um restaurante de cozinha internacional com um twist português, sem ser especializado em nada. É uma espécie de best of da longa experiência de um dos mentores, MANUEL BONNEVILLE. Destacamos, até como testemunho da variedade, os croquetes vegetarianos e do cachaço, tártaro, ceviche e tacos de camarão. Além dos hambúrgueres, (com opção vegan), encontramos a salada Júlio e pratos de peixe como a corvina Thai. Podem também saborear-se carnes maturadas como o entrecôte, o chuleton e o T-bone, a costeleta de novilho BBQ e a picanha do Uruguai.

Vieram para a doca de santos reanimar essa área de referência, e para lhe dar uma componente mais noturna para além do serviço de restauração. Aos fins de semana, depois das 23h, o Contra tem um dj à entrada do restaurante a fazer a animação até as 4 da madrugada. Esperam que as noites de verão sejam um must e venham a concentrar muito público em torno da esplanada. Estando numa óbvia zona privilegiada, à frente da doca com uma excelente vista para o rio e para a ponte, podem tornar-se facilmente uma referência nas noites de Verão. Argumentos não faltam. Depois da meia noite a cozinha encerra e será, essencialmente, uma carta de bar a dar os seus trunfos nomeadamente, em termos de cocktails imaginativos: o Mata gringos, que nada mais é senão uma espécie de margarita que é servida com uma garrafa de cerveja corona invertida e submergida num copo de margarita de lima, será certamente um deles. Não é só uma visão impressionante, é no essencial uma combinação viciante.

A cabine do DJ estará a cargo de várias pessoas com diferentes estilos musicais e backgrounds (quinta-feira até à 01h, e sexta e sábados até às 04h). Além da música, o projeto pretende também apoiar, no geral, a arte. O espaço será palco para várias bandas, tanto as conhecidas como as emergentes. Destaca-se também enquanto local de exposições culturais, exhibições, e outras oportunidades artísticas.

### CONTRA

Doca de Santo Amaro, Armazém 18

Alcântara – Lisboa

Ter. → Dom. 12h00 → 01h00

Sex. → Sáb. → 04h00



## MAMA SHELTER

texto Francisco Vaz Fernandes

MAMA SHELTER é um novo projeto hoteleiro em Lisboa, que vem de França, pela mão da família Trigano, um dos fundadores do CLUB MED. Este modelo criado em 2008, trás novas perspetivas do serviço hoteleiro, pensado como um espaço descontraído, dinâmico e aberto à cidade. Nesse sentido, o espaço de restauração torna-se no interface desse encontro, de proporções generosas podendo acolher 300 pessoas sentadas. Em contraste, a área de check in parece diminuta, limitando a funcionalidade. Por tudo isso, SERGE TRIGANO gosta de referir que tem um restaurante com quartos em cima.

Apesar de ser uma sala ampla temos a sensação de circular em vários ambientes que encaixam como um puzzle. A diferenciação deve-se à decoração que define ambientes diversos que quebram com a eventual monotonia de uma sala extensa. Para quem gosta de minimalismo trazemos más notícias, porque aqui vive-se a emoção do maximalismo, com uma profusão decorativa que procura referências nacionais. Rapidamente descobrimos cores vidradas criadas pelos azulejos da VIÚVA LAMEGO e que cobrem algumas superfícies ou então os peixes e crustáceos criados pela BORDALLO PINHEIRO, que ganham grande destaque na decoração. Convivem com cardumes grafitados num fundo preto, sendo este o único elemento que dá uma homogeneidade à totalidade do espaço. A profusão decorativa, as várias soluções impelem-nos a percorrer e a descobrir este espaço na mira de um canto mais pessoal. Por tudo

isso, em pouco tempo, o MAMA SHELTER tornou-se num espaço trendy, um excelente fundo para qualquer selfie nas redes sociais. Assim, é sítio muito procurado e torna-se pertinente fazer reserva prévia. Numa consulta ao site, percebe-se que permite o booking de forma muito objetiva. Havendo disponibilidade, recebemos um email ou sms a confirmar a reserva.

Foi o que me aconteceu quando marquei uma mesa para dois. Era a minha segunda passagem pelo MAMA SHELTER. Da primeira vez, num final de sábado à tarde, não consegui mesa para quatro e ficámos pelas bebidas no balcão. Faziam-se os preparativos para um concerto ao vivo que ia acontecer num pequeno palco, aliás como acontece sempre de Quinta a Sábado. Nos restantes dias há música ambiente.

Para o nosso almoço resolvemos começar por partilhar uma borrata com rúcula, pesto e tomate cherry confitado (12 euros) que nos deixou bem impressionados. Na verdade, os ingredientes frescos que encontramos aqui e os processos técnicos adequados, mesmo que simples, fazem com que uma carta por pequena que seja, possa brilhar. Nada de grandes arrojados criativos, mas os pratos certos para agradar a um público mais generalista. Com lotação máxima de 280 pessoas sentadas, bastava um vislumbre pela sala completa e encontrávamos um misto de funcionários de escritórios, turistas e público que anda às compras no centro da cidade. O polvo grelhado com húmus e couve pak choi pinhão e paprika (19 euros) veio a seguir, para comprovar a primeira impressão. Tudo perfeito, tudo bem combinado, certamente para repetir. Ainda houve espaço para uma pizza vegetariana (11 euros) dividida por dois, e novamente a mesma boa impressão. No essencial, a polpa de tomate fresca faz com que a massa tostada por baixo não fique demasiado ressequida, tornando a pizza mais suculenta, tal como eu gosto. De resto, parecia ser um dos pontos fortes da casa, bastava olhar para as preferências das mesas ao lado. Por fim, houve ainda espaço para um Tiramisu com amarguinha, (6 euros) servido num copo, o que me deixou reticente. Contudo a cremosidade do mascarpone e o sabor a café combinado com o licor de amêndoa estavam nas proporções certas e não me importaria de repetir numa próxima oportunidade. Todos os dias, à hora de almoço, há prato

de dia (12 euros) que pode ser integrado num menu (16) que inclui prato de dia, bebida, café e entrada ou sobremesa como opção.

No MAMA SHELTER serve-se pequenos almoços das 7h às 10h30, almoços das 12h às 15h e jantares das 19h às 24h, mas durante, ou entre esses horários, há sempre tempo para serviço de bar e cafetaria mais simplificado, o que faz com que este espaço com música ambiente suave nunca tenha momentos mortos. Neste momento, a grande novidade é o buffet de brunch que acontece aos domingos entre as 12h30 e as 16h. Tem um custo de 35€ e oferece uma ampla variedade de opções à escolha: pastéis de nata, croissants, brioques e pains au chocolat, carnes frias, queijos e salsichas, bolos à fatia, crepes, ovos, iogurte, fruta, pão (e a tradicional broa de milho). Além disto, estão ainda disponíveis opções vegan e sem glúten. Para breve está ainda previsto um Roof Top com 180 lugares sentados, que promete animar as noites de verão e tornar o MAMA SHELTER cada vez mais um local obrigatório na nossa agenda.

**MAMA SHELTER**  
Rua do Vale de Pereiro, 19 (junto à Av. Alexandre Herculano)  
Lisboa  
T. 210 549 899



# DEDICO-TE UMA CRÓNICA E DESEJO QUE SEJAS FELIZ, HONEY!

ilustração NICOLAE NEGURA

Quem me conhece sabe que não sou de falar de assuntos mais íntimos, mas todos os temos. Talvez se identifiquem. Haverá alguém que vai ler e sentir que podia ter sido escrito por si. E as crónicas são isto mesmo. São minhas, são vossas, são nossas.

Já experimentaram ser amados e não conseguirem dar o mesmo amor de volta? Como se estivessem presos a um passado que nem sequer vos aprisiona. Medos, visões de futuro com base nas acções que vêm à nossa frente. E se estivermos a ignorar as red flags? E se isto for a fase em que as pessoas lutam desenfreadamente para demonstrarem que merecerem o melhor de nós, e depois simplesmente não são como se mostravam?

Talvez eu não seja assim tão boa a lidar com o amor, mesmo que o tenha para dar. Ou simplesmente nem todos nos apaixonamos assim tão perdidamente. Mesmo que gostasse, não aconteceu. E tu mereces alguém que olhe para ti da forma que um dia olhaste para mim. Alguém que se apaixone ao

ponto de nos primeiros tempos nem perceba os teus defeitos, em vez de teres alguém que os caçava.

Seria egoísmo da minha parte aproveitar-me de quem me quer dar a Península Ibérica, e eu só estar disposta a dar-lhe a ilha das Berlengas. Bem bonita por sinal, mas quem já lá foi sabe que não é grande coisa.

Não perdi o pé, não me atirei. Acho que me permiti, mas não estou preparada para não ter tempo para coisas que demorei a consertar em mim. Desde que saíste da minha vida, fiquei triste não o vou negar. Mas aliviada por não me forçar a estar em situações que me fazem sentir culpada. Não dizer “estou apaixonada por ti” ou colocar-te nas minhas visões de futuro. Não senti confiança de que fosses para mim, não senti a segurança de que soubesses no que te estavas a meter. Acreditar no amor...Honey, eu sempre acreditei no amor e irei sempre acreditar. Simplesmente, há atitudes que me fazem duvidar se estarias ao meu lado nos meus piores dias. A vitimização como red flag, sentir-me a vilã e ter atitudes com que não me identifico...Honey, acho que nem te apercebes do potencial que tens.

És incrível, tens a parte boa das pessoas boas do mundo, mas e o resto? Não podemos ser sempre levados ao colo. E tu sabes disso. Eu adorava as tuas palavras, mas fiquei atenta às tuas atitudes também. E se algo me faz desconfiar, se algo me diz que o caminho não é por ali...aprendi a confiar no meu instinto, e a saber o que não é para mim. Os nossos caminhos cruzaram-se pouco tempo e não me arrependo de nenhum dia. Tivemos muitos momentos felizes. Gostava que soubesses disso. Mas o que também gostava que soubesses é que tenho a certeza de que serás muito feliz. Que um dia vou passar por ti na rua, e ver-te feliz com outro alguém. Um dia vais agradecer-me por não me ter aproveitado, ou continuado numa relação que nos podia magoar. Um dia não vais lamentar este fim, garanto-te.

Dedico-te esta crónica, mereces. Tiveste um papel curto na minha vida, mas importante. E a minha maior prova de amor por ti é esta. Não a dedicatória, mas sim, voar para longe de ti para que a tua luz não deixe de brilhar. Sê feliz.



The word "PARQ" is rendered in a stylized, 3D neon font. Each letter is composed of two parallel lines, one slightly offset from the other, creating a glowing, hollow effect. The colors of the letters transition from a bright yellow on the left to a deep magenta on the right. The background is a complex, multi-colored composition of vertical and horizontal bands in shades of blue, orange, pink, and grey, creating a vibrant, abstract backdrop.

PARQ

**follow us**

[www.facebook.com/parqmag](http://www.facebook.com/parqmag)

[www.parqmag.com](http://www.parqmag.com)

[www.instagram.com/parqmag/](http://www.instagram.com/parqmag/)